

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Adiane Fogali Marinello

QUANDO O POETA TOMA PARTIDO:
LITERATURA E POLÍTICA EM MANSUETO BERNARDI

Orientador: Prof. Dr. João Claudio Arendt

Caxias do Sul, maio de 2005

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Adiane Fogali Marinello

QUANDO O POETA TOMA PARTIDO:
LITERATURA E POLÍTICA EM MANSUETO BERNARDI

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Letras e
Cultura Regional

Orientador: Prof. Dr. João Claudio Arendt

Caxias do Sul, maio de 2005

RESUMO

Esta Dissertação investiga o projeto literário e político de Mansueto Bernardi (1888-1966), através da interpretação e análise dos seus ensaios literários e historiográficos, discursos e poemas. O autor, apesar de ter editado uma única obra literária, *Terra convallescente*, teve intensa atuação cultural e política durante a primeira metade do século XX, criando e dirigindo periódicos da Livraria e Editora Globo, de Porto Alegre, atuando em funções administrativas dos governos estadual e federal, chegando, inclusive, a chefiar a Casa da Moeda, durante o governo de Getúlio Vargas. Desse modo, este estudo tenta mostrar que Bernardi procurou divulgar a cultura do Estado do Rio Grande do Sul e esforçou-se para difundir o catolicismo na sociedade brasileira, colocando, em virtude disso, a religião como linha norteadora de seu projeto literário e político. Trata-se, portanto, de uma discussão interdisciplinar que transita entre a Literatura, a História e a Sociologia, e se volta para a cultura regional.

ABSTRACT

The aim of this research is to investigate the literary and political project of Mansueto Bernardi (1888-1966), through comprehensive analysis of his literary and historiographic essays, as well as of his speeches and poems. Having published only one literary work, the author had nevertheless intense cultural and political activity in the first half of twentieth century. Besides creating and supervising periodicals at Livraria e Editora Globo, in Porto Alegre, he served in both the federal and the Rio Grande do Sul state governments, having achieved the position of Chairman of the Brazilian Mint (Casa da Moeda) during President Getúlio Vargas administration. This study attempts to demonstrate that Bernardi tried to make the culture of Rio Grande do Sul known and made considerable efforts to divulge the creed of Catholicism in Brazilian society, therefore placing religion as a main source for his literary and political project. This Dissertation constitutes an interdisciplinary approach that reports the findings of research involving Literature, History and Sociology, while focusing regional culture.

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS DE MANSUETO BERNARDI

Mansueto Bernardi nasceu em Ásolo, província de Treviso (Veneza Eugânea), Itália, no dia 20 de março de 1888, sendo filho do casal de agricultores Giovanni Bernardi e Maria Luiza Dal Pai Bernardi. Faleceu, em Veranópolis, no dia 09 de setembro de 1966. Em 1915, casou-se com Idalina Mariante da Costa.

Matriculou-se no Colégio Distrital, equivalente à Escola Normal, em 1901, em Montenegro, onde concluiu os estudos elementares. De 1905 a 1907, lecionou na 5ª Escola do Capão Bonito, em Lagoa Vermelha, e, de 1907 a 1909, na Escola Estadual do Lajeado, em Alfredo Chaves. Em 1909, obteve o 1º lugar no concurso para oficial do Tesouro do Estado, sendo nomeado 4º Oficial, subindo, gradativamente, até os postos superiores. Seu trabalho à frente da inspeção de Coletorias e da revisão do Imposto Territorial na fronteira e no centro-oeste do Estado, a partir de 1914, recebeu louvores do Presidente Antônio Augusto Borges de Medeiros, fato que projetou sua carreira administrativa. Em 1917, foi nomeado Oficial de Gabinete e, em 1919, Secretário da Presidência do Estado.

Elegeu-se Intendente Municipal de São Leopoldo em 1920, e, como tal, construiu a estrada de rodagem que liga esse município à capital do Estado e organizou o projeto de construção da Usina Hidrelétrica da Toca. Em 1923, renunciou ao cargo de Intendente, sendo nomeado, no mesmo ano, Diretor do Expediente da Secretaria de Obras Públicas, cargo que ocupou até 1924, quando abandonou o serviço público, assumindo a direção da Livraria do Globo, de Porto Alegre, onde permaneceu até 1931. Atuou como mentor literário dessa livraria de 1912 a 1931. Foi diretor do *Almanaque do Globo*, de 1917 a 1931, e da *Revista do Globo*, periódico por ele idealizado e fundado, em 1929. Promoveu a divulgação da então nova geração de escritores: Érico Veríssimo, Mário Quintana, Pedro Vergara, Manoelito de Ornellas, Vargas Neto, Augusto Meyer, Rui Cirne Lima, Theodemiros Tostes, Athos Damasceno Ferreira, Darcy Azambuja, Roque Callage, Rubens Barcellos, Alcides Maya, Moysés Vellinho, Zeferino Brasil. Foi também redator da *Kodak*, revista lítero-social, fundada em Porto Alegre, em 1912, e do jornal *Correio do Povo* na década de 10, no qual colaborou até o fim de sua vida. Realizou, em 1926, a primeira reunião dos *Contos gauchescos e lendas do sul*, de Simões Lopes Neto.

Em 1930, exerceu as funções de Diretor do Serviço Oficial de Informações e Controle de Notícias da Revolução de 1930. Em 1931, foi nomeado, pelo então Chefe do Governo Provisório da República, Getúlio Vargas, Diretor da Casa da Moeda do Brasil, cargo exercido até 1938, tendo tomado medidas de relevância nacional, como: a organização do então novo Sistema Monetário Brasileiro, que teve por base o cruzeiro; a redação da lei que

disciplina a extração das Loterias e atividades relativas à chefia da Campanha Nacional das Reservas de Ouro.

De volta ao Rio Grande do Sul, em 1939, assumiu a Secretaria de Estado dos Negócios do Interior. Aposentou-se em 1942 e passou a residir em Veranópolis. Nessa cidade fundou três escolas secundárias: o Ginásio e a Escola Normal Regina Coeli e o Ginásio Divino Mestre, além da União Montanhesa de Indústrias Ltda. Em 1944, organizou e prefaciou, para a Livraria do Globo, a edição definitiva de *A divina quimera*, composta por seis livros, de Eduardo Guimaraens, o simbolista rio-grandense que figurou na revista *Orfeu* ao lado de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro.

Quanto às distinções, recebeu do Governo Italiano o título de Comendador; do Governo do Estado de São Paulo, a *Medalha Princesa Isabel*. Em São Leopoldo e Porto Alegre, emprestou o nome a duas praças; em Cotiporã, a uma escola municipal, e, em Veranópolis, à Biblioteca Pública Municipal, a uma rua, além de possuir uma efígie na Praça Pública e ser *Patrono de Honra* do CTG Rincão da Roça Reúna. Tornou-se membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul em 1927.

Bibliografia do autor: *Exaltação* (poema, Porto Alegre: Livraria do Globo, 1916); *Terra convalescente* (poesia, Porto Alegre: Livraria do Globo, 1918); *Os terrenos urbanos de São Leopoldo* (ensaio de direito, São Leopoldo: Rottermund, 1922); *Bandeira nacional e bandeiras estaduais* (história, Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1923); *A vida e os versos de Alceu Wamosy* (conferência, Porto Alegre: Livraria do Globo, 1924); *O livro do bebê* (pedagogia, Porto Alegre: Globo, 1924); *Os italianos e a República de Piratini* (história, Correio do Povo, Porto Alegre, 7 nov. 1925); *São Francisco de Assis e a natureza* (conferência, In: *Conferências Franciscanas*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1927); *O pensamento religioso dos farrapos* (história, Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1927); *Três poemas franciscanos* (poesia, Porto Alegre: Livraria do Globo, 1928); *Estudos monetários* (legislação, Porto Alegre: Globo, 1940); *Como administrei a Casa da Moeda* (Porto Alegre: Globo, 1940); *Vida e poesia de Eduardo Guimaraens* (monografia, Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944); *Poemas imigrantistas* (poesia, Porto Alegre: Globo, 1956); *O primeiro caudilho rio-grandense* (história, Porto Alegre: Globo, 1957); *O governo temporal das Missões e o padre Antônio Sepp* (história, Porto Alegre: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1958); *A bibliografia italiana referente ao Rio Grande do Sul* (conferência, In: *Fundamentos da cultura rio-grandense*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da UFRGS, 1962); *Terra convalescente* (poesias completas, Porto Alegre: Globo, 1965); *Terra convalescente: obras completas* (poesia, Porto Alegre: EST/Sulina, v. 1, 1980); *Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy: obras completas* (crítica literária, Porto Alegre: EST/Sulina, v. 2, 1980); *O primeiro caudilho rio-grandense: obras completas* (história, Porto Alegre: EST/Sulina, v. 3, 1980); *Estudos monetários: obras completas* (legislação, Porto Alegre: EST/Sulina, v. 4, 1980); *A revolução de 30: obras completas* (artigos, Porto Alegre: EST/Sulina, v. 5, 1981); *A Guerra dos Farrapos: obras completas* (ensaios, Porto Alegre: EST/Sulina, v. 6, 1981); *O livro do bebê* (pedagogia, Porto Alegre: EST/Sulina, 1981); *Missões, índios e jesuítas: obras completas* (ensaios, Porto Alegre: EST/Sulina, v. 7, 1982); *São Francisco de Assis e a natureza: obras completas* (ensaios, Porto Alegre: EST/Sulina, v. 8, 1982); *Colônias e colonizadores: obras completas* (ensaios, Porto Alegre: EST/Sulina, v. 9, 1982).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	O PROJETO LITERÁRIO DE MANSUETO BERNARDI	16
	2.1 A crítica literária na <i>Revista do Globo</i>	23
	2.2 A crítica a Alceu Wamosy	25
	2.3 A crítica a Eduardo Guimaraens	35
	2.4 O projeto literário de Mansueto Bernardi na produção esparsa	51
	2.5 O projeto literário em <i>Terra convallescente</i>	70
3	O PROJETO POLÍTICO DE MANSUETO BERNARDI	94
	3.1 Família, educação e religião	97
	3.2 Imigração, pátria e religião	103
	3.3 Integralismo e religião	119
	3.4 Política partidária e religião	125
	3.5 <i>Revista do Globo</i> : a imprensa a serviço da política	135
	3.5.1 A defesa da Revolução de 30 como solução para o Brasil	149
	3.6 O projeto político em <i>Terra convallescente</i>	159
4	CONCLUSÃO	166
	4.1 O entrecruzamento dos projetos literário e político	166
	4.2 Considerações finais	175
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	179

1 INTRODUÇÃO

O objetivo principal do presente estudo é investigar o projeto literário e político de Mansueto Bernardi, a partir da análise de sua produção escrita, composta pela obra poética *Terra Convalescente*¹, pela crítica literária e por ensaios e discursos divulgados em jornais e livros, de modo a contribuir para o desenvolvimento dos estudos literários brasileiros em sua relação com as culturas regionais.

Supõe-se que as transformações ocorridas no pensamento e na produção escrita de Mansueto associam-se às questões sociais do seu tempo. Algumas indagações levam-no a assumir determinadas posições por intermédio de relações sociais que ele sustenta com seus pares letrados, com um público indistinto ou com instituições, organizações e partidos políticos.

Busca-se, assim, verificar de que maneira sua situação de brasileiro naturalizado, sua formação filosófica e cultural, sua atuação profissional no serviço público e privado e em meios de comunicação escrita contribuíram para a constituição do seu projeto literário e político. Além disso, pretende-se averiguar em que medida o envolvimento de Bernardi com a literatura, o seu papel de divulgador dos novos nomes da literatura gaúcha, a sua atuação como formador de gostos de leitura e seu envolvimento no campo político foram elementos

¹ BERNARDI, Mansueto. *Terra Convalescente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980 (Obras Completas, v. 1).

importantes na configuração de seu projeto. Num outro momento, buscar-se-á investigar como tal projeto se revela no livro de poemas *Terra Convalescente*, em sua crítica literária, na produção ensaística e nos discursos.

Nos últimos anos, algumas investigações têm sido realizadas sobre a obra e a vida de Mansueto, sendo que sua produção poética foi objeto de um número maior de pesquisas. Os estudiosos que merecem ser destacados nesse sentido são Flávio Loureiro Chaves, Sérgio Farina, José Alberto Baldissera, Pedro Vergara e Itálico Marcon.

Flávio Loureiro Chaves², em *O ensaio literário no Rio Grande do Sul (1868-1960)*, situa os estudos realizados por Bernardi sobre a produção poética de Alceu Wamosy³ e Eduardo Guimaraens⁴ entre os textos mais significativos sobre teoria, crítica e história literária produzidos pela intelectualidade gaúcha no período compreendido entre 1868 e 1960. Nesse sentido, Chaves salienta que o trabalho desenvolvido pelo crítico teve o mérito de resgatar dois escritores que estavam relegados ao esquecimento e contribuir para a caracterização e contextualização do Simbolismo sul-rio-grandense, visto que ele foi o primeiro que, na atividade crítica, tentou estudar seriamente esse movimento.

Além desse trabalho, é importante destacar a Dissertação de Mestrado intitulada *Mansueto Bernardi: poeta da própria poesia*, defendida por Sérgio Farina⁵ na Pontifícia Universidade Católica do RS, em 1977. Trata-se de um ensaio acerca do poeta e do homem público sul-rio-grandense, com a visão ampla sobre o Bernardi-homem, focado através de um levantamento bibliográfico de sua vida e obra à luz da crítica. O enfoque próprio do trabalho é

² CHAVES, Flávio Loureiro. *O ensaio literário no Rio Grande do Sul (1868-1960)*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979. p. 27.

³ BERNARDI, Mansueto. A vida e os versos de Alceu Wamosy. In: _____. *Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 148 (Obras Completas, v. 2). Em 1924, Bernardi reuniu num único volume a obra poética completa de Wamosy, precedendo-a desse estudo crítico.

⁴ _____. Vida e poesia de Eduardo Guimaraens. In: _____. *Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 20 (Obras Completas, v. 2). Esse estudo crítico apareceu em separata, em 1944, com 120 páginas, tiragem restrita, fora do comércio. Posteriormente, ele se tornou o prefácio da obra *A divina químera*, cuja edição foi organizada por Bernardi: BERNARDI, Mansueto. Prefácio. In: GUIMARÃES, Eduardo. *A divina químera*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944.

⁵ FARINA, Sérgio. *Mansueto Bernardi: poeta da própria poesia*. Porto Alegre, 1977. 151f. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

delimitado por sua obra poética, estruturada em torno do signo “luz”, que projeta as isotopias da luminosidade, transparência e superação. Finalmente, culmina a abordagem com o estudo da teoria da expressão poética bernardiana, fundada na intuição. Com a prismagem da teoria de Tomachevski, através de sua planta-baixa da polarização entre a sombra e a luz, Farina mostra que Mansueto foi o viajor das sombras e o poeta da superação, peregrinando da estética sombria e pessimista para a sublimação luminosa e otimista. Ressalta, ainda, que ele domina vigorosamente a técnica, tendo a palavra animada pela inspiração.

No que concerne, ainda, à produção poética, destaca-se, em 1968, José Alberto Baldissera⁶, com um trabalho de conclusão do Curso de Letras da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo, hoje UNISINOS, intitulado *Mansueto Bernardi, o poeta*. O estudo versa sobre o mundo poético de Mansueto, as influências sofridas, bem como as correntes literárias de sua época. Baldissera esboça o seu parecer entre as afirmações e opiniões de outros autores, apresentando as características da estética de Bernardi e destacando, na conclusão, a singularidade do poeta. Afirma que, com o simbolismo pessoal da *Terra Convalescente*, o autor passa do pessimismo para o otimismo da fé, que vence a negação e se torna poeta da vida exaltada.

Por sua vez, Pedro Vergara⁷, em *Esboço de uma grande vida*, sintetiza a história de Mansueto, chamando-o de missionário mundano, contraditório, que preza as vastas salas quietas, a penumbra e a mansidão propícias ao silêncio e é, de uma só vez, rebelde e estadista. Ressalta que a ciência jurídica foi o campo do conhecimento que mais atraiu o interesse de Bernardi e, por conseqüência, moldou seu pensamento moral. Como relata o autor, as elites rio-grandenses, fiéis às matrizes latinas, amaram sempre o direito, e Mansueto, um autodidata, não saberia desvincular-se desse tropismo que o fascinava.

⁶ BALDISSERA, José Alberto. *Mansueto Bernardi, o poeta*. São Leopoldo, 1968. 80f. Monografia (Graduação em Letras) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo.

⁷ VERGARA, Pedro. *Mansueto Bernardi: esboço de uma grande vida*. Rio de Janeiro: IBGE, 1960.

Cabe mencionar, ainda, Itálico Marcon, que produziu vários ensaios sobre o assunto, além de ter recolhido, organizado e publicado textos de Bernardi. Entre os seus trabalhos, podem ser citados *O Universo Poético de Mansueto Bernardi*⁸, *Mansueto Bernardi e a Revolução de 1930*⁹, *Carta para Mansueto Bernardi no Céu*¹⁰ e *Presença e Valia de Mansueto Bernardi*¹¹. Entretanto, seus estudos reduzem-se, na maioria das vezes, a comentários bibliográficos, sem chegar a uma análise profunda que contribua para o entendimento da obra do autor.

Como se vê, fica evidente que a atuação política de Mansueto merece um minucioso estudo na ótica da relação desta com sua produção poética, pois ele atuou em meios de comunicação significativos para a proliferação de idéias. Dessa forma, tendo em vista que as investigações realizadas se dedicam apenas a dados biográficos e à discussão estética, torna-se relevante pesquisar o projeto literário e político de Bernardi na perspectiva aqui proposta.

Salienta-se, nesse sentido, que a escolha do tema desta pesquisa foi motivada, primeiramente, pelo esquecimento a que foi relegada a produção escrita de Mansueto, nas últimas décadas, e também pela existência de pouquíssimos trabalhos sobre o mesmo. Além disso, o surgimento de um programa de estudos interessado nas questões da cultura, situando-as no entrecruzamento da literatura com a regionalidade, tornou viável o resgate e a análise da obra do autor, bem como a averiguação das imbricações entre sua adesão político-social e o trabalho artístico que desenvolveu.

Esta Dissertação vincula-se, desse modo, à linha de pesquisa *Literatura e Cultura Regional*, do Programa de Mestrado em Letras e Cultura Regional. O tema escolhido permite

⁸ MARCON, Itálico. *O universo poético de Mansueto Bernardi*. Porto Alegre: PUCRS, 1965.

⁹ _____. *Mansueto Bernardi e a Revolução de 1930*. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30 mar. 1968. Caderno de Sábado.

¹⁰ _____. *Carta para Mansueto Bernardi no Céu*. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 09 out. 1966. Página Literária.

¹¹ _____. *Presença e Valia de Mansueto Bernardi*. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 06 jul. 1975. Caderno DN Cultura.

abordar a Regionalidade, conceito que vem sendo utilizado, no campo da Literatura, para identificar e descrever as relações do fato literário com uma dada região.

A relevância deste estudo, sob o ponto de vista científico, reside no fato de lançar novas luzes sobre a história, a literatura e a cultura sul-rio-grandenses da primeira metade do século XX. Logo, considerando que a investigação tem como proposta uma perspectiva interdisciplinar da problemática região/regionalidade, o eixo é estabelecido na Literatura em conexão com a História e a Sociologia. Além disso, contribuirá para aprofundar os estudos em relação aos padrões de comportamento, às crenças, às instituições e a outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e que são característicos das diversas culturas que compõem o estado do Rio Grande do Sul.

Nesse sentido, esta pesquisa será norteadada pela hipótese de que Mansueto empenhou-se para dar continuidade à propagação dos ideais católicos na sociedade brasileira, elegendo, por isso, a religião como eixo central do seu projeto literário e político. Supõe-se, ainda, que, ao longo de sua trajetória, o autor foi um divulgador da cultura sul-rio-grandense e concebeu os livros segundo uma perspectiva eminentemente utilitária, considerando-os instrumentos de intervenção social e, em decorrência disso, encarando a literatura como uma atividade que deveria ter base instrutiva, moral e religiosa.

O percurso desta investigação parte da produção escrita de Bernardi, composta por poemas, ensaios e discursos, e realiza a interpretação e análise desse material, tentando verificar como o autor concebe a literatura e a política. Com essa finalidade, fragmentos das publicações são recortados e apresentados no decorrer de toda a Dissertação, e conceitos importantes para a discussão, como os de literatura, religião, política, cultura e região, aparecem, na medida do possível, diluídos ao longo do trabalho. Além disso, levando em conta que os fatos sociais não podem ser considerados isoladamente, realiza-se a contextualização histórica. Dessa forma, é mapeado e discutido o projeto literário e político

do autor, e os temas nele abordados são confrontados com vistas a verificar as diferenças e similaridades existentes entre eles.

Assim, esta Dissertação possui no seu corpo dois capítulos. No primeiro, proceder-se-á à investigação do projeto literário de Mansueto, discutindo, de um lado, a crítica literária, os ensaios e os discursos divulgados em jornais e livros e, de outro, a poesia publicada na obra *Terra convalescente*. Nesse sentido, buscar-se-á estudar a atuação do poeta na Livraria e Editora do Globo, e no *Almanaque* (1917-1933) e *Revista do Globo* (1929-1967), de Porto Alegre, averiguando que papel ele desempenhou na formação de estruturas geradoras do gosto literário, ao selecionar e divulgar publicações, bem como ao incentivar os novos nomes da literatura gaúcha. Verificar-se-á, dessa maneira, a contribuição que ele trouxe para o movimento intelectual gaúcho do início do século passado e a influência que exerceu no cenário sócio-cultural do Rio Grande do Sul.

Num segundo momento, a crítica produzida pelo autor será caracterizada e situada no conjunto da crítica literária sulina. Para isso, serão analisados, na *Revista do Globo*, os depoimentos de Mansueto acerca de autores e obras e, após, serão examinados seus ensaios literários sobre a produção poética de Alceu Wamosy e Eduardo Guimaraens. Buscar-se-á constatar, dessa forma, a sua participação no processo de aperfeiçoamento dos estudos literários sul-rio-grandenses e brasileiros.

Em seguida, levando em conta que, além de crítica literária, Bernardi produziu ensaios e discursos vinculados a várias áreas do conhecimento, como a Economia, a História e a Sociologia, serão discutidos, nessas publicações, depoimentos do autor delineadores de mais algumas características de seu projeto literário. Procurar-se-ão indícios que apontem como o poeta concebia a literatura e os livros, bem como a função que, na sua opinião, estes desempenhavam na sociedade. Será possível perceber, assim, como ele se posicionava diante

do influxo dos padrões europeus na literatura nacional e ante o projeto de fortalecimento da influência do catolicismo na cultura brasileira, em voga na primeira metade do século XX.

Na seqüência, será discutida a filiação parnasiano-simbolista da obra *Terra convaléscente*, caracterizando a poesia produzida por Mansueto e verificando o que o diferenciava dos demais autores brasileiros da época. Buscar-se-ão, também, indicativos que mostrem as temáticas abordadas, bem como em que grau os moldes culturais europeus e a formação católica de Bernardi influenciaram sua produção poética.

Assim, considerando que, além de ter sido um produtor de arte, Mansueto foi um elemento atuante em vários organismos sociais e pressupondo que há uma estreita relação entre o papel social que o autor assume e sua produção literária, determinar-se-á o local de onde ele se pronuncia, averiguando as várias instituições a que ele se vincula e comparando seus objetivos com aqueles proclamados por elas. Nesse sentido, tendo em vista que Bernardi atuou em veículos de comunicação, principalmente na *Revista do Globo*, refletir-se-á sobre o engajamento político do cidadão-escritor e, sobretudo, acerca do engajamento literário, através da palavra escrita.

No segundo capítulo, será feita a análise do projeto político de Mansueto Bernardi. Com o intuito de verificar como se deu a sua atuação social, realizar-se-á a discussão sobre categorias como religião, família, educação, imigração, pátria, integralismo e política partidária. Para isso, investigar-se-á sua vinculação ao projeto de difusão da espiritualidade católica no Brasil e apurar-se-á sua opinião acerca do papel que os imigrantes italianos e seus descendentes desempenharam no desenvolvimento do Rio Grande do Sul e na propagação de valores morais e religiosos. Também será averiguada a posição que ele assumiu diante da questão da unidade nacional, especialmente no que diz respeito à atitude separatista que o Rio Grande do Sul teria tido durante a Revolução Farroupilha.

Verificar-se-ão, ainda, os motivos que levaram Mansueto a aderir ao integralismo, a sua opinião tanto sobre o comunismo e o socialismo, quanto acerca da separação entre os poderes civil e religioso, ocorrida no final do século XIX. Determinar-se-ão, do mesmo modo, os laços que o poeta estabeleceu com as lideranças que, na primeira metade do século XX, governavam o Estado¹² e como se deu a sua atuação na vida política regional, estadual e federal.

Igualmente observar-se-á o engajamento político de Bernardi na *Revista do Globo*, verificando se ele se manteve neutro ou se utilizou esse meio de comunicação para influenciar a postura partidária dos leitores, especialmente no período que antecedeu a Revolução de 30. Além disso, verificar-se-á se os princípios defendidos por Mansueto em seu projeto político estão presentes nos poemas de *Terra Convalescente*, de modo que se possa constatar a existência de temas políticos em sua produção literária.

Com isso, discutir-se-ão as relações entre política e literatura, procurando apurar em que condições tal aproximação pôde influenciar os valores artísticos do autor. Nesse sentido, procurar-se-á, também, constatar se ele concebia a literatura como missão e se primou pela difusão da cultura regional do Estado como um todo, ou se representou uma única região gaúcha.

Em suma, confrontar-se-ão a crítica literária, os ensaios e discursos divulgados em jornais e livros, e os poemas do autor, pois a investigação do seu projeto literário permitirá ver a insurgência do seu projeto político e vice-versa. A análise da produção escrita do autor ajudará a iluminar a realidade social que lhe era imediatamente subjacente, sendo que o desvelamento desta contribuirá para entender as características e motivações do conjunto da sua obra.

¹² Para evitar contradições, quando nos referirmos ao Estado do Rio Grande do Sul, adotaremos a seguinte grafia: Estado.

2 O PROJETO LITERÁRIO DE MANSUETO BERNARDI

Todo indivíduo tem algum tipo de projeto, ou seja, o intento de fazer algo, um planejamento para o futuro. Entretanto, esse empreendimento, visando à concretização de um ato, pode existir sem que o seu autor revele consciência das ações que pratica ou sem que a meta final esteja devidamente prevista. Tendo em mente tal noção, como já se afirmou, esta Dissertação pretende investigar e reconstruir o projeto literário e político de Mansueto Bernardi.

Mas, para isso, torna-se significativo, num primeiro momento, discutir o conceito de literatura, porque Mansueto foi poeta e, como tal, publicou a obra *Terra convalescente*¹³, exprimindo, em versos parnasiano-simbolistas, as desilusões amorosas, os desenganos da existência, as dificuldades do dia-a-dia na cidade, buscando amparo na fé católica e na natureza. Também escreveu ensaios, abordando temas relacionados à Economia, à História e à Sociologia, e produziu crítica literária, na qual resgatou e estudou a produção de Alceu Wamosy e Eduardo Guimaraens, que estavam relegados ao esquecimento.

De um modo geral, denomina-se literatura a arte que emprega a expressão verbal como instrumento, diferenciando-se das demais formas e tipos de conhecimento da realidade pelo fato de expressar “os conteúdos da ficção, ou da imaginação, por meio de palavras

¹³ BERNARDI, Mansueto. *Terra convalescente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980 (Obras Completas, v. 1).

polivalentes ou metáforas”¹⁴. A linguagem literária caracteriza-se pela conotação, a qual se refere aos valores significativos de ordem emotiva, volitiva e social que circundam e penetram as obras. Trata-se, portanto, do sentido secundário que se soma à significação básica das palavras, por associações diversas:

A linguagem literária é plurissignificativa ou pluri-isotópica, porque nela o signo lingüístico, os sintagmas, as frases e as seqüências transfrasáticas são portadores de múltiplas dimensões semânticas. Assim, ela tende para uma multivalência significativa, fugindo da univocidade característica do discurso científico e didático e distanciando-se marcadamente, por conseguinte, de um grau zero da linguagem.¹⁵

Em virtude disso, as grandes obras literárias de todos os tempos têm suscitado e continuam a suscitar diversas interpretações, oferecendo ao leitor a sua inexausta riqueza e guardando sempre um indevassado segredo. Os símbolos, as metáforas e outras figuras estilísticas, como as inversões, os paralelismos e as repetições, constituem outros tantos meios de o escritor transformar a linguagem usual em literária.

No que se refere à linguagem literária, verifica-se que os sinais lingüísticos valem não apenas pelos seus significados, mas também, em grande medida, pelos seus significantes. A tessitura sonora dos vocábulos e das frases, as sugestões rítmicas e as aliteraões são elementos importantes da arte literária. Eles contribuem para a poeticidade da composição, despertando a emoção estética do leitor:

A fisicidade dos significantes pode avultar num texto literário, sobretudo num texto poético, não já só no plano da sonoridade, mas também no plano da visualidade (e, por conseguinte, este aspecto da relevância dos significantes situa-se no domínio da escrita). Os grafemas, quer considerados isoladamente, quer considerados nas suas combinações mais ou menos extensas, podem constituir fatores importantes de um texto literário.¹⁶

Igualmente, a apresentação dos significantes adquire grande importância (especialmente quando se trata de poesia) na construção do significado, pois a elaboração de sentidos na mente do leitor está intimamente ligada à sua configuração visual e sonora. Por conseguinte, a significação da obra literária como um todo depende desses elementos.

¹⁴ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2002. p. 314.

¹⁵ SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. 3. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1979. p. 51.

¹⁶ Idem, p. 62.

Como se observa, a literatura é uma forma de expressão na qual o artista recria a realidade, transformando-a em produção estética através da utilização de signos verbais; é a arte da palavra e, como toda arte, fruto da imaginação criadora, que tem como finalidade suscitar as emoções e o prazer estético. Não objetiva informar, ensinar, doutrinar. Não é dessa maneira que as obras se eternizam no gosto e no prazer dos leitores, mas sim pela sua importância literária e pelo deleite artístico provindo de sua leitura.

Tendo em vista essa discussão inicial, é possível afirmar que, da combinação da obra poética com a crítica literária e a produção esparsa, emerge o que, neste trabalho, denominamos projeto literário de Mansueto Bernardi. Nessa perspectiva, proceder-se-á à investigação de tal projeto, confrontando, de um lado, a crítica literária, os ensaios e os discursos divulgados pelo autor em jornais e livros e, de outro, os poemas publicados na obra *Terra convalescente*.

Em primeiro lugar, convém elucidar que a crítica literária produzida na primeira metade do século XX, no Rio Grande do Sul, corresponderia ao que hoje designamos simplesmente de colunismo, jornalismo, noticiário literário ou crônica literária. Em geral, ela se reduzia exclusivamente a uma sinopse do conteúdo da obra, fornecendo informações aos leitores interessados. Em outros casos, a crítica ou o comentário acerca de livros era mero pretexto para a prática de uma literatura de jornal, ou seja, para a produção de crônicas que abordavam diversos assuntos ao gosto popular.

Assim, o que se denomina crítica literária sul-rio-grandense abrange, para os fins desta Dissertação, todas as produções escritas por gaúchos que analisam ou comentam obras literárias e autores, abordando tanto elementos intrínsecos do texto quanto fatores extraliterários. Dessa maneira, estão inclusos nesse conceito também aqueles discursos de

caráter crítico em que a literatura comparece apenas como pretexto para considerações de outra natureza.¹⁷

Raramente, encontra-se, nesse período, uma preocupação constante com a natureza teórica da análise. Na maioria das vezes, sobressaem juízos de valor sobre autores e obras, e comentários relacionados à produção literária, ou tentativas de estruturar a história da literatura. Nas palavras de João Luiz Lafetá,

se havia àquela época (refiro-me à década de 20), entre a maioria dos escritores que comentavam os livros surgidos, qualquer intenção *crítica*, esta ficava apenas na intenção. Antes de se fazer o exame crítico do texto ou mesmo das idéias de um autor, era preciso informar ao público de que tratava o livro, que tipo de pessoa era o autor, quais as suas opiniões e atitudes.¹⁸

A crítica literária veiculada através dos jornais e, mais tarde, às vezes, reunida em forma de livros, resumia-se, comumente, à paráfrase da obra analisada ou a discussões excessivas que acabavam se desviando da temática, transformando-se em simples noticiário. Mansueto Bernardi, conforme será visto neste capítulo, também iniciou seu percurso em direção à crítica literária em periódicos, mais precisamente na *Revista do Globo*, de Porto Alegre.

Antes de analisar os depoimentos do autor sobre literatura, nesse meio de comunicação, é interessante vasculhar a trajetória pessoal de Bernardi, para poder contextualizá-lo no universo literário e da crítica sulina. Filho de imigrantes italianos, ele cresceu numa pequena propriedade rural em Veranópolis, Rio Grande do Sul. Foi nesse município de colonização italiana que, no final do século XIX e início do XX, passou sua infância e aprendeu as primeiras letras. Itálico Marcon, no prefácio de *Terra convalescente*, frisa alguns fatos que marcaram o início da vida do autor:

Mansueto Bernardi nasceu em Ásolo, província de Treviso (Veneza Eugânea), Itália, no dia 20 de março de 1888, sendo filho legítimo do casal de agricultores Giovanni Bernardi e Maria Luiza Dal Pai Bernardi. Com a idade de 3 meses, a bordo do navio Pó, foi trazido, pelos seus progenitores, para o Brasil, estabelecendo-se a família Bernardi, juntamente com outros imigrantes, na então colônia de Alfredo Chaves,

¹⁷ BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande do Sul: do Romantismo ao Modernismo*. Porto Alegre: IEL: EDIPUCRS, 1997. p. 13.

¹⁸ LAFETÁ, João Luiz Machado. *1930: a crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974. p. 31

hoje município de Veranópolis. Inexistindo escolas, Mansueto Bernardi permaneceu analfabeto até os 12 anos. Em setembro de 1900, matriculou-se na escola pública elementar regida pelo professor Eduardo Duarte, com o qual aprendeu a ler, escrever e contar. Num ano e poucos meses concluiu os estudos elementares.¹⁹

Portanto, no que se refere à trajetória de vida pessoal, destaque-se que Bernardi era de origem italiana e adotou o Brasil, especialmente o Rio Grande do Sul, para fixar suas raízes e edificar sua existência. Em consequência, sua formação escolar básica ocorreu no ensino público no interior do município de Veranópolis e, desde cedo, mostrou habilidades para as ciências e as letras, o que contribuiu para a estruturação de sua carreira profissional e literária.

Em 1902, conforme dados de Marcon²⁰, Mansueto seguiu para Montenegro, onde se matriculou no Colégio Distrital, obtendo o diploma de professor. Em 1905, mediante concurso, ingressou no Magistério Público do Rio Grande do Sul. Também passou pelos cargos de Oficial do Tesouro do Estado (1909), Secretário da Presidência do Estado (1919) e prefeito de São Leopoldo (1919 a 1923). Subiu gradativamente de posto, chegando a ser nomeado Diretor da Casa da Moeda (1931 a 1938), no governo provisório de Getúlio Vargas. Em 1939, regressou ao Rio Grande do Sul e assumiu a função de Diretor Geral da Secretaria de Estado dos Negócios do Interior, aposentando-se nesse cargo, em fins de 1942. Além disso, em seu percurso profissional, foi administrador da Livraria do Globo, de 1924 a 1931, e fundador do *Almanaque do Globo*, em 1917, e da *Revista do Globo*, em 1929, na qual atuou até 1931.

Percebe-se, desse modo, que Bernardi moveu-se com habilidade nas diferentes esferas de poder e dos meios literário e jornalístico. Porém, não restam dúvidas de que, entre as várias áreas de atuação, foi no ensaísmo e na política que ele se realizou com maior plenitude, chegando aos altos postos do governo. Como escritor, publicou um único volume de poemas, em 1918, intitulado *Terra convalescente*.

¹⁹ MARCON, Itálico. Apontamentos biográficos. In: BERNARDI, Mansueto. *Terra convalescente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 27 (Obras Completas, v. 1).

²⁰ Idem, p. 27-30.

Nos meios de comunicação escrita, Mansueto desempenhou um relevante papel na formação de estruturas geradoras do gosto literário, selecionando e divulgando publicações, bem como incentivando novos nomes da literatura gaúcha. Elogiando alguns livros e repudiando outros, Bernardi elegia aqueles que seriam publicados e definiriam as preferências dos leitores da época. Com isso, ofereceu à sociedade produções que se encaixavam em determinados padrões estéticos ou que, na sua opinião, haviam abordado de forma satisfatória determinados temas.

Assim, percebe-se que Mansueto influenciou o panorama cultural do Estado, sendo que sua vinculação à cultura²¹ está estritamente relacionada as suas atividades profissionais e literárias. Em sua atuação na Livraria e Editora Globo, trouxe significativas contribuições para o movimento intelectual gaúcho do início do século passado. A Editora Globo, por exemplo, surgiu como um setor da Livraria do Globo, fundada em dezembro de 1883, em Porto Alegre, e que, em 1917, iniciou a edição do *Almanaque do Globo*, anuário que estava sob os cuidados de João Pinto da Silva e Mansueto Bernardi. Ambos permaneceram como editores do *Almanaque* até 1931, sendo que, nesse período, a empresa investiu em uma gestão mais regionalista, voltada para autores gaúchos, beneficiando, portanto, a produção literária local:

Apesar da carência de revistas literárias, não é possível esquecer alguns veículos de difusão cultural presentes na “vida literária sulina”. [...] em pleno novo século [século XX], o *Almanaque do Globo*, publicado pela Livraria do Globo, apresentava autores locais, nacionais e estrangeiros. No caso específico de romances de autores locais, as opções seriam as edições propiciadas pelas duas livrarias aludidas – Americana e Globo – ou então buscar a publicação no centro do país, o que era difícil, mas não de todo impossível.²²

²¹ A cultura entendida aqui, de acordo com José Clemente Pozenato, como o nível das representações ideais que corresponderiam, aproximadamente, ao que alguns chamam de o caráter de um povo. Desse modo, a cultura seria constituída pelas idéias que modelam a vida dos indivíduos e os sistemas sociais dos quais participam, encontrando-se entre as mais importantes as atitudes, as crenças, os valores e as normas. Como se vê, o conceito de cultura refere-se a um processo que se modifica com o transcurso da história e pertence à esfera do campo teórico, não se confundindo com o que se chama de civilização, que se situa no âmbito do domínio prático. Geralmente, denomina-se civilização ao nível de produção material da cultura, isto é, o modo de utilização dos meios de produção, inclusive da tecnologia, e a organização social decorrente disso. Cf. POZENATO, José Clemente. (Org.). *Processos Culturais na região de colonização italiana*. Caxias do Sul: Educs, 1990. p. 37.

²² PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p. 295-296.

Na Livraria e Editora Globo, veículo de comunicação escrita fundamental para a propagação de idéias e difusão da produção intelectual, autores importantes passaram pelo crivo de Mansueto. Conforme Paulo Gouvêa²³, o autor de *Terra convalescente* “era o diretor do departamento editorial da Livraria do Globo, em cuja opinião baseava-se José Bertaso para autorizar a publicação de livros inéditos”.

Como editor, Bernardi poderia ter optado por divulgar apenas obras de autores já consagrados, que tinham público e retorno financeiro garantidos. Mas, provavelmente, ele percebeu que o que é hoje tido por "bom" e reconhecido pode amanhã ser esquecido, pois a cotação de valores que define o que é bom ou mau não é definitiva, ou seja, justifica-se apenas dentro de certos postulados estéticos. Em virtude disso, incentivou de forma significativa os que, até então, produziam literatura de forma anônima, sendo desconhecidos do público leitor.

Ele deu condições para que também escritores vinculados às novas tendências literárias pudessem se inserir no mercado editorial, contribuindo de forma relevante e decisiva para a afirmação do Modernismo sul-rio-grandense, entre cujos nomes se destacam Érico Veríssimo, Mário Quintana, Pedro Vergara, Manoelito de Ornellas, Moysés Vellinho, entre outros. Também a apreciação crítica de Bernardi a respeito de Simões Lopes Neto foi decisiva para o seu reconhecimento e resgate, pois “a edição Globo de *Contos gauchescos* (levando *Lendas do Sul* na garupa), foi publicada em 1926, por indicação de Mansueto Bernardi”²⁴. Nas palavras de Carlos Reverbel ,

na função de diretor literário da Livraria do Globo, o poeta Mansueto Bernardi, embora não sendo modernista, deu cobertura editorial aos expoentes do Modernismo no Rio Grande do Sul, a começar por Augusto Meyer, a figura mais representativa do movimento no Estado. Não fora essa receptividade, talvez os modernistas gaúchos não tivessem encontrado quem os editasse.²⁵

²³ GOUVÊA, Paulo. Cem anos da Globo. *Correio do povo*, Porto Alegre, 28 mai. 1983. Letras-Livros, p. 4.

²⁴ REVERBEL, Carlos. Prefácio. In: NETO, J. Simões Lopes. *Contos gauchescos*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992. p. 6.

²⁵ _____. De saudosa memória. *Zero Hora*, Porto Alegre, 25 abr. 1991.

Como se vê, torna-se importante averiguar se Mansueto exerceu a crítica geral e ampla que enfocava diferentes assuntos, ao gosto da época, seguindo a tendência da crítica literária sulina na primeira metade do século XX. Verificar-se-á, portanto, se ele praticou uma espécie de jornalismo de idéias, noticiando e discutindo não apenas livros, mas questões sociais, culturais, históricas e políticas.

2.1 A CRÍTICA LITERÁRIA NA *REVISTA DO GLOBO*

Para os propósitos desta pesquisa, interessa, num primeiro momento, recolher e analisar, na *Revista do Globo*, os depoimentos em que Mansueto expressa juízos de valor acerca de autores e obras, pois, como já se afirmou, é nesse veículo de comunicação que ele arrisca os primeiros passos em direção à crítica. Após, serão examinados seus ensaios literários sobre a produção poética de Alceu Wamosy e Eduardo Guimaraens.

Entre os depoimentos de Mansueto, destaca-se o que foi publicado na primeira edição da *Revista do Globo*,²⁶ onde relata que ele e Eduardo Guimaraens estavam, desde 1918, selecionando os poemas que comporiam uma antologia dos poetas do Rio Grande do Sul, de modo a traçar um panorama da evolução da poesia no Estado. Segundo ele, tratava-se de um trabalho de certo vulto, no qual constariam, além dos poemas, dados biográficos, críticos e bibliográficos dos autores. Para a conclusão do trabalho, faltava apenas selecionar as produções deles próprios, os organizadores, sendo que haviam combinado que um escolheria os poemas do outro. Entretanto, Eduardo faleceu repentinamente e, por isso, Bernardi diz ter cumprido o antigo acordo apenas de modo parcial, visto que restringiu a seleção dos poemas

²⁶ BERNARDI, Mansueto. Guimaraens. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 17, 05 jan. 1929.

somente à obra *A divina quimera*²⁷. Além disso, afirma ter sido impedido pelo pranto de reler a produção do amigo e “medir com o compasso e pesar em balança de ourives a beleza vaga e triste dos seus poemas, que eram, afinal, verdadeiros pedaços de sua alma”²⁸.

Os comentários de Mansueto sobre a vida e a obra de Eduardo Guimaraens caracterizam-se pelo elogio fácil e pelas opiniões motivadas por simpatias pessoais, fato que se justifica pela “admiração e fraterno afeto”²⁹ para com o autor analisado. Ele se restringiu, assim, a lançar alguns poucos juízos de valor de ordem geral acerca da produção literária do amigo e a relatar essa tentativa de sistematização do percurso da poesia no Rio Grande do Sul, com o intuito de demonstrar a contribuição de Guimaraens à crítica e à história literária.

Esse tipo de publicação pode ser chamado, segundo Afrânio Coutinho, de “reviewing jornalístico”, que, começando por uma impressão pessoal e subjetiva diante de uma obra de arte,

consiste numa simples e elementar opinião, rapidamente provocada por um livro, que se mistura com informações ligeiras sobre o autor e a obra; nesse caso, há sempre um juízo sobre o livro, embora às vezes prematuro, por ter sido pronunciado sem o devido controle da razão, mas antes provindo de uma impressão ligeira e imediata à leitura, quase uma reação sensível.³⁰

A partir da análise dos depoimentos de Bernardi sobre a obra de Eduardo e conforme será visto adiante, pode-se colocá-los no plano da notícia jornalística, do comentário, do palpite e da discussão que, às vezes, toma a obra como pretexto para abordar outros assuntos, sem penetrar na configuração estética dos textos.

Na *Revista do Globo*, Mansueto foi responsável por um espaço denominado “Livros novos, cuja leitura a ‘Revista do Globo’ recomenda”³¹, e que integrava a página intitulada “Vida Literária”. Nele, o crítico apresentava, como sugestão de leitura, uma lista de obras

²⁷ *A divina quimera*, inicialmente, não incluía os livros *Poemas à bem-amada*, *La gerbe sans fleurs*, *Cantos da terra natal*, *Estâncias de um peregrino* e *Rimas do reino dos céus*. Somente, em 1944, Mansueto Bernardi, sob o título geral de *A divina quimera*, reuniu a esta obra alguns poemas de *Caminho da vida* e esses cinco livros, até então inéditos.

²⁸ BERNARDI, Mansueto. Guimaraens. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 17, 05 jan. 1929.

²⁹ Idem.

³⁰ COUTINHO, Afrânio. *Da crítica e da nova crítica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. p. 129.

³¹ BERNARDI, Mansueto. Livros novos, cuja leitura a *Revista do Globo* recomenda. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 3, n. 51, p. 6, 24 jan. 1931.

com seus respectivos autores. Assim, é possível afirmar que Bernardi era uma espécie de leitor tecnicamente habilitado que, por sua sensibilidade, cultura e raciocínio diferenciava os textos medíocres daqueles que deveriam merecer a atenção do público. Como já se afirmou, mesmo não emitindo opiniões sobre as obras, ao recomendar algumas produções nesse veículo de imprensa, Mansueto influenciava a veiculação e a avaliação da literatura do período, pois tal procedimento assumia uma função normativa do gosto literário.

Como se observa, na *Revista do Globo*, são poucos os momentos em que Bernardi aventura-se a publicar seus próprios comentários sobre literatura. Quando o faz, trata-se de uma espécie de crítica-noticiário, oferecendo simples informações a respeito dos escritores analisados e observações superficiais sobre a produção literária, não havendo a preocupação de realizar um exame profundo da obra, com base em referenciais teóricos.

2.2 A CRÍTICA A ALCEU WAMOSY

De um modo geral, é nos estudos literários sobre a produção poética de Alceu Wamosy e Eduardo Guimaraens que se pode encontrar uma amostra significativa da crítica literária exercida por Mansueto Bernardi, sendo que os ensaios bernardianos ocupam posição significativa no desenvolvimento da crítica literária sul-rio-grandense. Analisando as obras de Wamosy e Guimaraens, ele se antecipa aos demais críticos e contribui decisivamente para os estudos literários gaúchos e brasileiros, situando suas produções no contexto da literatura e, especialmente, da poesia sul-rio-grandense. Para Flávio Loureiro Chaves, Mansueto

antecede a todos os outros, uma vez que o ensaio *A Vida e os Versos de Alceu Wamosy* data de 1924. Não é um crítico rigoroso; raramente suas páginas oferecem sondagens mais profundas além da superfície plana que é preenchida por um acúmulo penoso de citações em cima de citações; mas, poeta ele próprio, é um

homem de certa sensibilidade e, apoiando-se nesta qualidade, cumpriu uma tarefa importante: a revisão crítica do Simbolismo gaúcho.³²

Wamosy e Guimaraens produziram seus poemas no início do século XX, período em que a crítica literária voltava seus olhares para a discussão a respeito das inovações que a estética modernista propunha, já que, em 1922, realizava-se, em São Paulo, a Semana da Arte Moderna, marco do Modernismo brasileiro. De acordo com Chaves, em meio a esse contexto, a obra poética desses autores submergiu, apesar de haver uma estreita relação entre movimento simbolista e modernista, como pode ser verificado na fase inicial da poesia de Augusto Meyer, por exemplo, já que a estruturação do Modernismo foi muito influenciada pelas características do Simbolismo³³.

Dessa maneira, apesar de o julgamento estético de Bernardi ter se reduzido a simples e elementares opiniões que misturam informações sobre o autor e a obra, provindas de impressões pessoais e subjetivas, imediatas à leitura, seu trabalho teve o mérito de reavaliar a obra de dois escritores que estavam relegados ao esquecimento e contribuir para a caracterização e contextualização do Simbolismo sul-rio-grandense. Assim, Mansueto foi, ainda na opinião de Flávio Loureiro Chaves,

o primeiro que na atividade crítica tentou estudar seriamente o fenômeno simbolista e o ensaio de 1924 sobre Wamosy complementa-se, vinte anos depois, pelo estudo *A vida e a poesia de Eduardo Guimaraens*. Aí, caracterizando cuidadosamente a obra do autor de *A divina quimera*, Bernardi traça as linhas centrais do movimento simbolista, reivindicando a inclusão de suas manifestações sulinas ao lado da obra de Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens. De fato, o assunto ainda não havia sido levantado – ou, pelo menos, não tinha obtido a relevância que merecia – na história da literatura brasileira.³⁴

O estudo biobibliográfico sobre Eduardo Guimaraens foi tão significativo que lhe rendeu elogios por parte de um dos vultos do Modernismo brasileiro, Mário de Andrade, que lhe escreveu uma carta, em 24 de novembro de 1944, e declarou-se estupefato pela oferta e pela revelação que Mansueto lhe fazia:

³² CHAVES, Flávio Loureiro. *O ensaio literário no Rio Grande do Sul (1868-1960)*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979. p. 27.

³³ Idem.

³⁴ Ibidem.

Chegando em Minas, encontrei aqui em casa o seu forte estudo sobre a poesia de Eduardo Guimaraens. Aliás, já em Belo Horizonte, eu encontrara o eco insistente do seu livro, na voz de Henriqueta Lisboa e Aphonso de Guimaraens Filho, que estavam ambos muito impressionados com o poeta que você nos desvendava. Na verdade, desvendava. O seu estudo é para muitos de nós uma prática de humilhação. Cheguei a praticar um gesto infantil depois que o li: procurei no meu fichário o nome de Eduardo Guimaraens, na esperança envergonhada de possuir os livros dele na minha biblioteca. E não tinha mesmo. Felizmente não tinha, porque ainda seria mais vergonhoso ter lido um dia e não ter percebido o poeta de tantos versos admiráveis.³⁵

Bernardi reúne, em 1924, num único volume, a obra poética completa de Wamosy, precedendo-a de um estudo crítico, no qual, em tom de exaltação, situa o poeta entre as almas eleitas e os beneméritos da pátria: “[Wamosy] foi, incontestavelmente, uma alma de eleição, um dos mais finos temperamentos artísticos do Rio Grande, uma das mais belas vozes da poesia, no Brasil. Brillante e leve, como a de todos os prediletos dos deuses, foi a sua vida.”³⁶

Na seqüência, nota-se que Bernardi preocupa-se muito em relatar a vida do escritor e aspectos de sua obra, abordados de um ponto de vista crítico e histórico e, em alguns casos, psicológico. Provavelmente, ele procede dessa forma acreditando que as condições que haviam determinado a gênese e os motivos de composição e configuração da obra encontravam-se tanto no íntimo da personalidade criadora, quanto na biografia do autor. Esse procedimento é definido por Afrânio Coutinho como crítica biográfica, que se resume na “interpretação das obras pela vida de quem as escreveu”³⁷.

Nesse sentido, ele salienta que Wamosy já nascera predestinado a ser poeta, pois era “filho de poeta, com um nome de poeta e batizado, por assim dizer, por um poeta”.³⁸ O crítico busca indícios de que o autor seguiria o caminho da poesia, afirmando que “sua distração

³⁵ ANDRADE, Mário de. Cartas e dedicatórias de Mário de Andrade - a Mansueto Bernardi. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, n. 4, p. 101, mar. 1946.

³⁶ BERNARDI, Mansueto. A vida e os versos de Alceu Wamosy. In: _____. *Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 148 (Obras Completas, v. 2).

³⁷ COUTINHO, Afrânio. *Notas de Teoria Literária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 95.

³⁸ BERNARDI, Mansueto. A vida e os versos de Alceu Wamosy. In: _____. *Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 148 (Obras Completas, v. 2).

frequente”, “seus silêncios e devaneios”, no período em que frequentava a “escola pública elementar”, eram o “fermento daquele Sonho que prestes rebentaria em flores”.³⁹

Mansueto também aponta, nos poemas de Wamosy, a presença constante da temática do amor acompanhada de perto pela da morte e, valendo-se de uma espécie de análise psicológica de particularidades da personalidade do escritor, justifica essa constatação de natureza estético-literária, afirmando que,

entre a atração e a repulsão dessas duas forças formidáveis, como um pêndulo, oscilou toda a existência de Alceu Wamosy. Ao mesmo passo que o pensamento do amor, o pensamento da morte o acompanha sempre. Sob o sorriso de um, percebe-se logo o rictus da outra.⁴⁰

Além disso, para discutir, por exemplo, o último poema produzido por Wamosy (*Idealizando a morte*), Bernardi vincula os versos às circunstâncias que envolveram o falecimento do autor: “morreu como sonhara morrer: serenamente ‘com a placidez de uma flor que se corte’, ‘com a mansidão de um sol que desce no horizonte’, sentindo um beijo ideal ungir-lhe ‘a fronte’, ‘beijo de noiva e mãe, irmanados na morte’”.⁴¹ Com isso, nota-se não haver preocupação por parte do crítico em discutir as especificidades estético-literárias da obra, buscando, apenas, explicar a sensibilidade singular do escritor a partir da simetria autor-obra.

Entretanto, ao utilizar esse procedimento de análise, o crítico não leva em conta que apesar de, em todo autor, obra e vida de algum modo se entrelaçarem ou se ligarem, elas são realidades diferentes e não se traduzem literalmente uma na outra. Sendo assim, um mesmo fato não terá igual significação na vida e na obra, ou seja, seria importante ler a obra como obra e a vida como vida, sem confundi-las.

Nota-se, assim, que Mansueto não estabelece distinção entre as idéias do autor e o que é dito pelo eu-lírico, deixando de considerar que esta é uma forma de expressão da poesia, isto é, uma voz que fala no texto, exprimindo emoções que nem sempre são do autor. Às

³⁹ Idem, p. 149.

⁴⁰ Ibidem, p. 152.

⁴¹ Ibidem, p. 171.

vezes, os versos escritos nada retratam da biografia do escritor, nascendo dos seus sentimentos em relação à vida, às pessoas e às coisas. O poeta não reproduz apenas as suas emoções, mas também os sentimentos alheios.

O comentário que Bernardi faz sobre algumas estrofes de *Flâmulas*, sonetos de estréia de Wamosy, comprova, em última análise, que há uma equivalência entre autor e eu-lírico:

Tinha então [Wamosy] 18 anos de idade e um número sem conta de ilusões. Mas entre o bando multicolor e alado, que lhe dançava na alma, em volteios suaves, já surdia também, conjunta, do imo do seu ser, a idéia claro-escuro do amor e da morte. A sua atitude, ao defrontar com a vida, é de resignação e de tristeza e o primeiro verbo que conjuga é o verbo amar, nestes versos que lembram a sentença de Goethe:

Ama a tua própria dor, que ela há de consagrar-te
e há de te iluminar de límpidos clarões,
fazendo de tua alma um rútilo estandarte
bizarro, a palpitar em plácidas regiões!⁴²

Nessa perspectiva, os questionamentos e reflexões que o eu-lírico realiza acerca da morte, desde os primeiros poemas produzidos, são interpretados por Mansueto como um prenúncio da morte precoce e repentina do autor. Conseqüentemente, eu-lírico e escritor permanecem fundidos, nesse ensaio, como se fossem uma única criatura: “Alceu fechou os olhos para sempre às 8 ½ da manhã, quando, desde o *Presságio mau*, escrito aos 13 anos, sempre desejara morrer ‘à luz do dia que se finda’”⁴³.

Além de superpor linearmente a voz do eu-lírico à do escritor, Bernardi utiliza uma linguagem poética marcada pela subjetividade, aproximando-se muito do discurso literário, através da utilização de figuras de linguagem, especialmente de metáforas. Talvez pelo fato de a criação literária e a crítica utilizarem a linguagem como recurso de expressão, o crítico não estabelece uma distinção clara entre elas, confundindo-as e permitindo a influência da primeira sobre a última. Quando o crítico faz referência ao período em que Wamosy trabalhou no jornal *A cidade*, por exemplo, afirma que

⁴² Ibidem, p. 149.

⁴³ Ibidem, p. 171.

lá permaneceu vários anos e lá verdadeiramente é que ele despertou para a delícia e a dor do pensamento. Lá o assaltaram as primeiras tristezas sem motivo. Lá confraternizou, pela primeira vez, com as coisas ambientes. Lá comungou as primeiras partículas de divindade, que há em tudo. Lá compôs os seus primeiros versos, enfeixados e impressos, com suas próprias mãos, em 1913, sob o título de *Flâmulas*.⁴⁴

Percebe-se, nessa passagem, que não há preocupação com a utilização de um discurso objetivo, marcado por conceitos amplos e abstratos, em que o crítico assume a postura de um observador que fala de indivíduos e fatos do mundo exterior. Sua atividade crítica tinha como objeto as idéias, os temas e os assuntos tratados na produção poética, avaliados de acordo com suas impressões de leitura, ou seja, pelas emoções que a obra era capaz de expressar ou suscitar.

Além de utilizar um discurso assinalado pela subjetividade, o fato de Bernardi ser um católico fervoroso e dogmático também acaba influenciando a crítica literária que exerce. A ausência de respostas do eu-lírico aos questionamentos que surgem no poema, como, por exemplo, em “Dize, Senhor, por que é / que inda andam a gemer, nas solidões do mundo, / bocas que não têm pão, almas que não têm fé?”⁴⁵, é justificada com o fato de o escritor não crer nos princípios da fé católica:

A pergunta ansiosa morre sem eco, porque o poeta não crê. Para que tal não sucedesse, fora mister a crença, e a oração. “Cumprere rezar”. *Oportet orare*, indica o próprio Salvador do Mundo, porque, ajunta Santo Agostinho, a oração é o conduto pelo qual a alma sobe até Deus, e a misericórdia deste desce até a Terra. *Ascendit precatio et descendit Dei misericórdia*. Eis porque à pergunta formulada não responde o céu impassível e azul.⁴⁶ (grifos originais)

Como o ateísmo do poeta se choca com os postulados do catolicismo, o crítico propõe a necessidade deste se converter, apontando essa sua condição como fonte de todas as dúvidas que transparecem no poema e que, de certo modo, também afligem o autor. Tal análise da construção poética revela os desvios a que pode ser levado o pensador católico, ignorando todas as demais causas estético-literárias prováveis.

⁴⁴ Ibidem, p. 149.

⁴⁵ Ibidem, p. 157.

⁴⁶ Ibidem, p. 157.

Considerando a interferência dos princípios da religião⁴⁷ católica na apreciação crítica da obra e, também, a freqüente utilização de fatos da biografia do autor para justificar a análise literária, ressalta-se que Mansueto crê que as expressões “lábios que não rezam” e “olhos que não choram”, mencionadas por Wamosy em seus poemas, representam alegoricamente a “secura de alma” e a “ausência de fé” do autor. Segundo ele, esta seria “a suprema tortura do jovem poeta”, confessada no soneto final *A tortura*.⁴⁸

Em virtude dessa valorização extrema dos preceitos religiosos, Bernardi acaba tornando a produção poética pretexto para digressões que fogem do âmbito da análise literária, chegando a afirmar que “faltou a Alceu Wamosy a dor. Mas a verdadeira dor. A dor vivificante e redentora e necessária. A dor que é para as almas o que é o filtro para as águas, a têmpera para os metais ou a lapidação para os diamantes.”⁴⁹

Nesse depoimento, o crítico expressa a crença católica de que somente se alcança a purificação da alma através do sofrimento, a exemplo de Jesus Cristo, que morreu na cruz para livrar a humanidade dos seus pecados.

Sob esse olhar, Mansueto tenta encontrar evidências de que, apesar de Wamosy não ser católico, “um senso instintivo de religiosidade se efunde do íntimo de seus versos”. Com esse intuito, salienta que “todos os seus pensamentos falam de amor e todos eles traem

⁴⁷ A religião entendida aqui, de acordo com Nicola Abbagnano, como a crença na garantia sobrenatural de salvação, e as técnicas destinadas a obter e conservar essa garantia. A garantia religiosa é sobrenatural no sentido de situar-se além dos limites abarcados pelos poderes do homem, de agir ou poder agir onde tais poderes são impotentes e de ter um modo de ação misterioso e imperscrutável. A origem sobrenatural da garantia não implica necessariamente que ela seja oferecida por uma divindade e que, portanto, a relação com a divindade seja necessária à religião. Convém salientar que a crença na garantia sobrenatural é a atitude religiosa fundamental, podendo ser simplesmente interior e pessoal. Ao contrário, todos os atos ou práticas de culto destinadas a obter e conservar essa garantia constituem o lado objetivo e público da religião, ou seja, seu aspecto institucional. Cf. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 846-847.

⁴⁸ BERNARDI, Mansueto. A vida e os versos de Alceu Wamosy. In: _____. *Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 157 (Obras Completas, v. 2).

⁴⁹ Idem, p. 169.

indisfarçáveis tendências para o misticismo e a adoração cultural”⁵⁰, indicando uma “inconsciente vocação religiosa do autor”⁵¹.

Outra particularidade da análise literária protagonizada por Mansueto é a constante conexão que instala entre a poesia de Alceu Wamosy e os vultos do Simbolismo europeu. Após a explanação sobre a trajetória biográfica do autor e comentários acerca de alguns poemas, são apresentados nomes da poesia ocidental, aos quais associa, na seqüência, o texto poético em estudo. De acordo com o crítico, Wamosy “travou conhecimento e familiarizou-se com os pontífices da poesia simbolista, que são, como todos sabem, Baudelaire⁵², Verlaine⁵³, Mallarmé⁵⁴, Samain⁵⁵, Moréas⁵⁶, Rodenbach⁵⁷ e outros”⁵⁸.

Bernardi faz questão de ressaltar que Wamosy teve contato e valorizava os autores europeus e, por isso, tenta aproximá-lo de Dante⁵⁹ e de outros poetas, comparando as temáticas abordadas e discutindo a forma como elas são tratadas: “De uma página dos *Fioretti*, da *Sageasse* ou da *Vita nuova* parece brotar igualmente o soneto *Humildade*, onde o

⁵⁰ Ibidem, p. 163.

⁵¹ Ibidem, p. 165.

⁵² A produção do poeta simbolista e crítico francês Charles Pierre Baudelaire (9/4/1821-31/8/1867) questiona o excesso de moral e sentimentalismo e se opõe à vida burguesa e às convenções da época. Em 1857, o autor publicou *As flores do mal*, obra que incorpora o grotesco à linguagem do Romantismo e que o immortaliza. Suas críticas de arte foram reunidas nos livros *A arte romântica e curiosidades estéticas*, ambos de 1868. Também escreveu *Os paraísos artificiais, ópio e haxixe* (1860), sobre suas experiências com drogas.

⁵³ O poeta Paul-Marie Verlaine (30/3/1844-8/1/1896) foi um dos líderes do movimento simbolista na França, inovando com o uso musical das palavras. *Poemas saturninos* (1866), *Festas galantes*, *Romance sem palavras* (1874) e *Sabedoria* figuram entre as principais obras do aclamado príncipe dos poetas.

⁵⁴ Stéphane Mallarmé (18/3/1842-9/9/1898) é um importante nome do Simbolismo na poesia francesa, considerado o patriarca da escola simbolista. Influenciado por Charles Baudelaire, valoriza o artifício de inverter a sintaxe das frases. Em 1874, fundou, em Paris, a revista *A última moda*, na qual escreve sobre estética literária. Também colaborou no jornal *Le Parnasse contemporain*, criando os poemas da primeira fase de sua carreira. No *Parnasse* mostra poemas que se tornam famosos, como *A tarde de um fauno*. Em 1897, publicou, na revista *Cosmópolis*, o poema *Um lance de dados jamais abolirá o acaso*, considerado seu trabalho mais importante.

⁵⁵ O francês Albert Samain (1858-1900), autor de *Au jardin de l'infante*, encontra-se entre os primeiros escritores que aderiram ao Simbolismo na França.

⁵⁶ O poeta francês, de origem grega, Jean Moréas (1856-1910) é considerado o "portae-standarte" do Simbolismo na França, pois redigiu o manifesto literário *Manifeste du Symbolisme*, publicado em Paris, no jornal *Le figaro*, em 1886, e considerado o marco inicial dessa tendência. Essa publicação anunciava o nascimento de um movimento idealista e transcendente, contrário, portanto, à rigidez formal do Parnasianismo.

⁵⁷ Georges Rodenbach é poeta belga, cuja poesia foi composta em língua francesa e era considerada nostálgica. Tornou-se conhecido com o romance *Bruges-la-morte* (1900).

⁵⁸ BERNARDI, Mansueto. A vida e os versos de Alceu Wamosy. In: _____. *Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p.160 (Obras Completas, v. 2).

⁵⁹ Dante Alighieri é o maior poeta italiano da Idade Média e sua grande obra é a *Divina comédia*, poema alegórico, filosófico, moral e de rica simbologia mística, que resume a cultura cristã medieval.

poeta, ante a criatura amada, ‘toda a resplandecer de humildade e de encanto, sente a alma ajoelhar, murmurando’.”⁶⁰

Dessa maneira, ao adotar como estratégia de análise a comparação da poesia de Wamosy com a de simbolistas europeus, buscando possíveis semelhanças entre elas, estimula indiretamente os escritores locais a se inteirarem da produção dos modelos da literatura simbolista, incentivando a sua assimilação.

Como se observa, Mansueto parece não aderir ao princípio da não-imitação dos estrangeiros, pensamento reinante entre alguns literatos, desde o século XIX, que propunha a autonomia e a originalidade da literatura brasileira. Ao contrário, valoriza e exalta a influência ocidental no Simbolismo gaúcho, emitindo juízos e opiniões a partir do confronto com obras e autores já consagrados e, assim, não relacionando a emancipação literária do país ao abandono do modelo cultural europeu.

Bernardi destaca que Wamosy também foi influenciado pela poesia simbolista de Cruz e Souza, “por ele considerado ‘o mais extraordinário temperamento estético da Poesia finissecular, na América’, segundo escreveu no frontispício de *Na terra virgem*, em dedicatória ao bizarro cisne preto de Florianópolis”.⁶¹ Nesse sentido, salienta, ainda, a admiração de Wamosy por Eduardo Guimaraens e a influência deste na produção poética daquele. Ele alega que há similitudes entre os poemas desses dois simbolistas, visto que ambos foram seguidores de Dante, mas Wamosy aproximar-se-ia especialmente da poesia lírica de Dante e do penumbrismo de Eduardo.⁶²

Além de tentar encontrar afinidades entre a obra de Wamosy e a produção poética dos grandes autores ocidentais, Bernardi tenta vinculá-lo a simbolistas brasileiros, e, para justificar as semelhanças existentes entre a poesia de Wamosy e Guimaraens, cita Dante como

⁶⁰ BERNARDI, Mansueto. A vida e os versos de Alceu Wamosy. In: _____. *Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 167 (Obras Completas, v. 2).

⁶¹ Idem, p. 160.

⁶² Ibidem, p. 161.

mestre de ambos. Essa atitude reforça a idéia de que o crítico admira, antes de tudo, os poetas europeus.

Na opinião de Afrânio Coutinho, a chamada crítica simbolista, feita pelos próprios escritores simbolistas, foi predominantemente de sustentação, quer dizer, de doutrinação, de luta.⁶³ Mansueto, com certeza, enquadra-se nessa tendência, pois, dado o esquecimento a que haviam sido relegadas as produções simbolistas com o advento do Modernismo, ele não poderia exercer sua crítica apenas como um sereno testemunho, ou uma meditação ordenada para a classificação e para a busca de uma hierarquia de valores, mas como postura de apoio aos escritores simbolistas. Logo, há, no ensaio literário em análise, uma preocupação quase mórbida de pontuar, de sublinhar intenções e nuances, exaltando e valorizando a produção poética de Wamosy em relação aos seus dados pessoais.

Conforme Afrânio Coutinho, nas três primeiras décadas do século XX, há uma plêiade de escritores que exercem a crítica literária, seja de maneira esporádica, seja sistematicamente, e que aderem a essa linha do impressionismo.⁶⁴ A crítica impressionista opõe-se ao rigor metodológico pela ausência de referenciais teóricos capazes de fundamentar os juízos valorativos. Ela tem como pressuposto a intuição ou o gosto irredutível de um leitor bem treinado, capaz de descrever as reações subjetivas que uma obra lhe provoca. Logo, o gosto pessoal do crítico é explicitado ao leitor e apresentado como base do julgamento positivo ou negativo. Nas palavras de Massaud Moisés, a crítica impressionista despontou

na França entre os fins do século XIX e os princípios deste [século XX], em torno de três nomes: Jules Lemaitre⁶⁵ [...], Anatole France⁶⁶ [...] e Remy de Gourmont⁶⁷.

⁶³ COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Global, 1997. v. 4. p. 519.

⁶⁴ Idem, p. 65-66.

⁶⁵ O escritor e crítico francês Jules Lemaitre, nascido em 27/04/1853, na obra *Les contemporains* (até 1899) manifesta sua oposição à libertação métrica pregada pelo Simbolismo.

⁶⁶ Anatole France é o pseudônimo do escritor e crítico francês Jacques Anatole François Thibaut (16/4/1844-12/10/1924), ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1921. Entre seus romances, destacam-se: *Thais* (1880), *A Casa de assados da rainha Pédauque* (1893), *As opiniões de Jerônimo Coignard* (1898), *O pequeno Pierre* (1918), *A vida em flor* (1922). Suas críticas literárias apontam tendências clássicas, como em *A vida literária* (1887-1893), escrita para o jornal *Le temps*.

⁶⁷ O dramaturgo e poeta francês Rémy de Gourmont (1858-1915) produziu, entre outras obras, *Dissociations* e *le chemin de velours*. Também é crítico-ideólogo do Simbolismo, sendo editor da revista *Mercure de France* e autor do livro *Chantelouve*.

Eram de parecer que a crítica deveria restringir-se à notação das impressões que a obra desata no espírito do leitor. Dando as costas aos sistemas e ao árduo labor científico de fichar, classificar, ordenar, etc., combatem por uma crítica despojada de pedantismos e, ao mesmo tempo, que preserve o sabor da leitura. Relativistas por definição e escolha, não acreditam em sentenças universais no plano estético e postulam que a tarefa crítica, porque lúdica e descompromissada, deve consistir num diálogo ameno entre pessoas cultas e sensíveis. O gosto individual é que norteará os juízos.⁶⁸

O impressionismo crítico constitui, assim, o tipo de crítica mais generalizado, mais de acordo com a mentalidade subjetivista, relativista e cética do homem moderno. Nesse sentido, Baumgarten enfatiza que, no Rio Grande do Sul, ao longo das duas primeiras décadas do século XX, o ensaio é, no geral, ainda rudimentar e pouco especializado no tratamento das questões de ordem literária, sendo que há um grande número de autores produzindo uma crítica literária marcada pelo impressionismo crítico e destituída de qualquer base teórica.⁶⁹

Mansueto segue essa tendência, porque, ao realizar a apreciação crítica da literatura produzida por Alceu Wamosy, não se preocupa com a aplicação de critérios estéticos para extrair um juízo mais confiável do que aquele fundado apenas no gosto pessoal ou na autoridade. Ele expressa, enfim, um julgamento do valor artístico da obra que equivale as suas opiniões subjetivas e individuais, fundamentado-se apenas em sua autoridade intelectual.

2.3 A CRÍTICA A EDUARDO GUIMARAENS

Além de produzir um ensaio literário sobre a obra de Alceu Wamosy, Bernardi se dedicou ao estudo da produção poética de Eduardo Guimaraens. Em 1944, publicou *A vida e a poesia de Eduardo Guimaraens*, estudo que apareceu em separata, com 120 páginas,

⁶⁸ MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978. p. 302.

⁶⁹ BAUMGARTEN, op. cit., p. 141-144.

tiragem restrita, fora do comércio, e que se tornaria, posteriormente, o prefácio de *A divina quimera*⁷⁰, pela Editora Globo, de Porto Alegre.

Mansueto inicia esse ensaio literário relatando como conheceu o escritor, detalhando as circunstâncias em que ocorreu o encontro. O uso da primeira pessoa do singular para enunciar demonstra claramente sua ligação afetiva com o autor analisado: “Eu encontrei pela primeira vez Eduardo Guimaraens no ano de 1908.”⁷¹ Além disso, faz questão de deixar clara a profunda amizade existente entre eles: “ele foi para mim como um irmão, um verdadeiro irmão, a quem se consulta a propósito de tudo e a quem tudo se confessa.”⁷² Esse aspecto dá pistas do tipo de análise literária que será apresentada na seqüência, marcada, provavelmente, pelo elogio fácil e pelas opiniões motivadas por simpatias pessoais, visando a valorizar essencialmente as qualidades do artista.

Na seqüência, o crítico delinea, de forma meticulosa, apontamentos sobre a trajetória de vida pessoal, profissional e literária de Eduardo Guimaraens, visando, sobretudo, à compreensão do autor e de sua obra, através de um retrato esboçado a partir da investigação minuciosa de sua biografia.

Portanto, também nesse ensaio, sobressai a grande preocupação de Bernardi em situar o autor, com seu caráter, seus hábitos peculiares, detendo-se em detalhes, aparentemente, desnecessários. Por exemplo, para mostrar o fascínio que a imprensa e as letras despertaram desde cedo em Eduardo, o crítico descreve minuciosamente a carreira profissional e política do pai do poeta, bem como o seu vínculo com a literatura.⁷³

⁷⁰ GUIMARAENS, Eduardo. *A divina quimera* (Mansueto Bernardi org.). Porto Alegre: Globo, 1944. [A primeira edição é de 1916].

⁷¹ BERNARDI, Mansueto. Vida e poesia de Eduardo Guimaraens. In: _____. *Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 20 (Obras Completas, v. 2).

⁷² Idem.

⁷³ Ibidem, p. 24-25.

No transcorrer da análise, supondo que a literatura reflete o modo de ser do indivíduo e sua vida, ele associa episódios da existência do autor às características de sua produção, vendo a poesia como produto do estado psicológico do escritor:

A reação de Eduardo contra a tortura física e moral se resolvia em rimas e ondulações musicais. Reparem como ele canta a sua partida para o ostracismo passional: Um dia, alguém, uma ilusão que eu mal sofria, / levou-me para longe, abriu-me o vago, o mar. / Era por um dezembro azul de nostalgia, / um dezembro de névoa e sinos a dobrar.⁷⁴

Ao confrontar Guimaraens com Dante e *A divina quimera* com *Vita nuova*, Mansueto busca na paixão pela mulher amada e no rompimento da relação amorosa, justificativas para as distintas perspectivas segundo as quais a temática do amor aparece nos poemas. Ele informa que, “ainda adolescente, [...] Eduardo Guimaraens encontrou, pela primeira vez, a sua Beatriz. Desde esse instante [...] até a hora de sua morte, foi o amor o motivo de seus cantos, a sua razão de viver”⁷⁵. Da mesma forma, ressalta que, “em verso, a história desse amor vem descrita em dezenas de páginas, de vários timbres”⁷⁶.

Os poemas que expressam “muitas queixas, muitas lágrimas, muitos lamentos, muita tristeza, muita melancolia”⁷⁷ são associados à fase da vida do autor em que ocorre o “rompimento com a Bem-Amada, e a sua conseqüente separação”⁷⁸. Da mesma forma, o crítico vincula, ao período posterior à “reconciliação”, uma “balada, que, pela sua graça, pelo seu espírito de galanteria e de cortesia, parece extraída de um florilégio provençal”⁷⁹.

Na seqüência, Bernardi verifica como é tratado “o sentimento da morte na poesia de Eduardo Guimaraens”, que “acompanha sempre de perto o amor, do princípio ao fim de *A divina quimera*”⁸⁰. Como ele mesmo enfatiza, o exame da morte deve ser considerado tanto “no plano romântico-simbolista, como no físico-patológico. E sua conexão recíproca”⁸¹. Com

⁷⁴ Ibidem, p. 62.

⁷⁵ Ibidem, p. 59.

⁷⁶ Ibidem, p. 59.

⁷⁷ Ibidem, p. 62.

⁷⁸ Ibidem, p. 62.

⁷⁹ Ibidem, p. 66.

⁸⁰ Ibidem, p. 67.

⁸¹ Ibidem, p. 67.

essa declaração, o próprio crítico indica que analisa a frequência desse tema nos poemas a partir dos indícios de morte presentes na vida do autor.

Mansueto declara que, inicialmente, “o sentimento do amor e o sentimento da morte se interpenetram e contrabalançam”⁸², mas, depois, “o amor triunfa sobre a morte no plano metafísico. Esta, porém, se vinga, em seguida, no plano material”⁸³. Com isso, quer insinuar que o amor que Guimaraens passou a sentir pela sua “Beatriz” fez com que superasse o sentimento de morte que perpassava, até então, os seus poemas. Entretanto, supõe que a morte o puniu por essa conquista, tirando-lhe a vida física. O estudioso afirma haver um “pressentimento claro da morte, no ‘Fim de viagem’: Que vos importa ouvir a voz de um peregrino? / Sou uma sombra a mais no caminho divino.../ E como apareci, desapareci.”⁸⁴

Nesse sentido, ao estudar os poemas de Eduardo, busca exibir uma visão geral sobre a obra, fornecendo uma imagem completa tanto da essência dessa produção poética como do ser humano que a concretizou. Num segundo momento, procura associar a figura do poeta à sua poesia, ressaltando o que existe de análogo entre um comportamento triste e uma produção melancólica. Com isso, a biografia desempenha um papel relevante em seu ensaio crítico.

Ao comentar a crise de melancolia que assinala a parte final dos *Cantos de um peregrino*, o estudioso relaciona a tristeza das composições ao fato de o autor ainda não ter ingressado na Igreja Católica. Afirma que o conforto para esse desespero, expresso na produção poética, foi dado pela religião, pois, ao se casar com a sua “Beatriz”, também é batizado e se torna, oficialmente, um católico.⁸⁵ A partir desse encontro com Deus, o autor

⁸² Ibidem, p. 68.

⁸³ Ibidem, p. 69.

⁸⁴ Ibidem, p. 69.

⁸⁵ Ibidem, p. 94.

teve, segundo o crítico, o ensejo de irradiar um pouco de sua música interior também para a atmosfera religiosa, compondo os poemas que fazem parte das *Rimas do reino dos céus*.⁸⁶

Logo, Mansueto explica a obra do escritor pela sua personalidade, preocupando-se com a visão do mundo e com o estilo do artista. Corrobora essa constatação o fato de Bernardi tentar justificar a pouca influência de D'Annunzio na produção poética de Eduardo Guimaraens com a apresentação de indícios que remetem à personalidade e ao comportamento diferente de ambos:

A influência do Ariel armado é bem pouco visível na obra eduardiana, talvez devido à diferença de temperamentos: D'Annunzio era um temperamento renascentista, um extrovertido, um combativo, um sensual, ao passo que Eduardo era um temperamento medievaresco, um introvertido, um contemplativo, um espiritual, em franca marcha para o misticismo, quando faleceu.⁸⁷

Desse modo, ao penetrar na obra, tenta construir uma ponte entre o homem e o escritor, a biografia e os poemas, buscando explicação do traço literário em elementos externos ao texto, mais especificamente na trajetória pessoal do poeta, e destinando pouco espaço à compreensão do mecanismo poético. Ele concebe o poema como resultante das projeções de experiências individuais do autor, às vezes obscuras e enraizadas no eu-profundo.

Em vista disso, pode-se afirmar que Bernardi pratica a crítica biográfica que visa sobretudo à compreensão das obras, através de retratos esboçados a partir da investigação minuciosa da biografia do autor. Essa atitude, segundo Angélica Soares, é bastante antiga e remonta à época do Romantismo:

Nas primeiras décadas do século XIX, com o Romantismo, a crítica literária passa a processar-se sistematicamente, destacando-se, então, o crítico francês Sainte-Beuve (1804-1868) e seu método biográfico: um processo de descrição que procurava explicar elementos da obra, através da vida do autor, fazendo uma abordagem da sua biografia. Desta, ressaltava o crítico a educação na infância, a hereditariedade, o físico, o ambiente, ou ainda experiências importantes. Até os ancestrais do autor podiam ser considerados. Devia ser enfocado o comportamento do autor em relação

⁸⁶ Ibidem, p. 96.

⁸⁷ Ibidem, p. 50.

à religião, à natureza, às mulheres, etc. Chegava-se a reproduzir anedotas ou mesmo bisbilhotices sobre a vida cotidiana do autor.⁸⁸

Mansueto introduz critérios éticos no julgamento da obra poética, não sendo, portanto, imparcial ao emitir juízos e opiniões. Tal como na crítica a Wamosy, sua vinculação ao catolicismo repercute, mais uma vez, em suas atitudes face à literatura, fazendo com que seus pareceres estejam contagiados pela visão de mundo dessa religião. Conforme João Luiz Lafetá, “um crítico que tem posição filosófica definida – especialmente se essa posição guarda traços de sectarismo e intransigência, como se atribui de forma geral ao catolicismo – não poderá ser imparcial”⁸⁹. Talvez por isso Bernardi censure o fato de Eduardo permanecer pagão até os vinte e cinco anos:

Em relação à Igreja, a falta foi ainda maior. Filho de pais mais ou menos livres-pensadores, Eduardo permaneceu pagão até o dia 2 de abril de 1917, quando, a instâncias de sua noiva Etelvina da Fontoura Barreto, ele mesmo se faz batizar, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário. O ato foi solene.⁹⁰

Durante a apresentação biográfica de Eduardo, cita uma série de argumentos com os quais tenta comprovar que o poeta era adepto do catolicismo, antes mesmo de ter sido batizado, deixando transparecer nitidamente a importância que atribui ao fato do amigo e autor de *A divina quimera* ser cristão sem professar: “Não podia, com efeito, deixar de ser intimamente cristão quem, aos treze anos, já escrevia o ‘Natal’ que figura no início das *Rimas do reino dos céus*”⁹¹.

Ao comentar o quinto livro da edição definitiva de *A divina quimera*, intitulado *Estâncias de um peregrino*, o crítico analisa a simbologia do título e a associa com a suposta religiosidade do autor:

“Estâncias” com o duplo significado de palavras rimadas, metrificadas, e de estações de pouso, paragens provisórias, albergues ao longo do caminho; “peregrino” equivalendo a viajor deste mundo, é certo, mas com destino a outro. Para o perfeito cristão que era Eduardo Guimaraens, esta nossa vida não passava, com efeito, de

⁸⁸ SOARES, Angélica Maria Santos. A crítica. In: SAMUEL, Rogel. (Org.). *Manual de teoria literária*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 93.

⁸⁹ LAFETÁ, op. cit., p. 57.

⁹⁰ BERNARDI, Mansueto. Vida e poesia de Eduardo Guimaraens. In: _____. *Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 21 (Obras Completas, v. 2).

⁹¹ Idem, p.22.

uma peregrinação mais ou menos penosa, de um simples aprendizado e bilhete de passagem para o Além. É o meio facultado por Deus para a realização dos fins últimos. “O peregrino apaixonado”, de que fala o soneto inicial do volume, é sem dúvida alguma o próprio autor. É o seu retrato, a sua profissão de fé artística.⁹²

Existe, portanto, a subordinação da crítica a um sistema ético, mas parece que o estudioso não tem consciência de que a obra deve ser também avaliada pela sua importância estética, pela sua concretização artística. Várias vezes, isso entra em conflito com as suas posições ideológicas, as quais, em algumas situações, prevalecem e prejudicam a capacidade de julgamento.

Ao tentar, por exemplo, interpretar o sentimento de melancolia que caracteriza a última parte de *Cantos de um peregrino*, suas observações são muito detidas e minuciosas ao tratar de questões religiosas, concedendo pouco espaço ao exame do estilo. Nessa análise, as divagações do crítico chegam a tal ponto que, ao comparar a fé com a poesia, aproximando-as porque poderiam ser sentidas, mas não vistas e nem definidas com precisão, ele expõe sua opinião sobre o que Deus pensaria a respeito de ser situado pelos homens mais no plano das sensações, que no da compreensão:

Não creio que Nosso Senhor se melindrasse pelo fato de ser assim mais sentido, intuído, que pensado, compreendido, explicado, analisado. Isso de trâmites e processo deve ser para ele uma questão secundária. O essencial é saber-se realmente amado. Nada obstante, presumo que à ciência, ele prefira o sentimento, a intuição.⁹³

Nesta análise, é preciso apontar, também, a intenção de Bernardi em seduzir os leitores de seus ensaios através da força verbal. Utilizando-se de um discurso metafórico, evocativo, sonoro e adjetivado, constrói uma linguagem fortemente emocional que apela para a retórica, objetivando convencer o público da relevância e qualidade da obra de Eduardo Guimaraens. Nas palavras de Léa Masina⁹⁴, a retórica constitui uma “herança escolástica que propunha a erudição e a subjetividade como paradigmas para a apreciação e julgamentos literários”.

⁹² Ibidem, p. 91.

⁹³ Ibidem, p. 94.

⁹⁴ MASINA, Léa. *Alcides Maya: um sátiro na terra do Currupira*. Porto Alegre: IEL; São Leopoldo: UNISINOS, 1998. p.115.

Nessa perspectiva, Mansueto utiliza mais uma vez uma linguagem que se aproxima muito de um vocabulário poético, plurissignificativo, assinalado, especialmente, por metáforas. Essa elocução marcada pela subjetividade é claramente percebida quando o crítico refere-se ao falecimento de Eduardo. Denotando forte emoção, afirma que “a morte vai, afinal, entoar o seu canto de vitória. Ridícula, desconcertante vitória, todavia. Pois, em resumo, qual foi o seu ganho? Um punhado de pó. Tudo o que do grande poeta merecia ser salvo, salvou-se nas asas da religião e da poesia.”⁹⁵ Também, imbuído por um sentimento de pesar, compara, metaforicamente, a doença que levou o poeta à morte com a Quimera, monstro fabuloso da Antigüidade, que inspirou o título da obra: “Eduardo perseguiu muito essa Quimera, de aspecto aparentemente divino. E seja porque ele um dia não conseguisse decifrar logo o enigma proposto, seja porque assentasse seguir outro caminho, ela resolveu devorá-lo.”⁹⁶

Considerando que sempre houve um diálogo intenso entre a crítica e a criação literária, permeado por mútuos influxos e contaminações, e que Bernardi foi um poeta formado sob a égide do Parnasianismo e do Simbolismo, pode-se afirmar que ele também transfere, para o fazer crítico, a poeticidade, o rebuscamento vocabular e o requinte formal da literatura. Entretanto, tratando-se de crítica literária e não de criação literária, essa linguagem extremamente subjetiva e eloqüente depõe, aos olhos de hoje, contra o aspecto técnico de seus ensaios.

Ainda nesse sentido, Mansueto abdica da imparcialidade e assume postura de defesa da obra do escritor analisado. Em vista disso, apresenta argumentos que se opõem à opinião de outros críticos que acusam Eduardo de não abordar sua terra e sua gente em seus poemas. Com o intuito de preservar a produção poética do autor de comentários que pudessem prejudicar sua imagem, declara que, em *Cantos da terra natal*, ele “se revela um verdadeiro

⁹⁵ BERNARDI, Mansueto. Vida e poesia de Eduardo Guimaraens. In: _____. *Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 70 (Obras Completas, v. 2).

⁹⁶ Idem, p. 101.

enamorado da sua terra”⁹⁷ e, nela, “o que mais o encantava eram os aspectos aéreos, as nuances cambiantes e fugitivas, o sorriso e o perfume das flores, os reflexos da luz, os crepúsculos evanescentes, [...] o parentesco de todas essas coisas com a própria alma da gente.”⁹⁸

Ressalta, assim, o caráter nacionalista dessa poesia, alegando que o autor “preferia ver e dizer as coisas sempre através de anenúbios, símbolos e alegorias.”⁹⁹ Ao defender de forma enfática a produção de Eduardo, justificando os procedimentos e temas abordados pelo poeta, Bernardi, mais uma vez, não realiza uma abordagem descomprometida da obra, ou seja, não impõe um juízo crítico imparcial e isento. O ápice dessa exaltação ocorre quando o crítico afirma ter Eduardo condições de ser o terceiro nome para compor a representação trinitária do Simbolismo brasileiro, nos mesmos moldes do Romantismo e do Parnasianismo. Na escola simbolista, figuravam, até aquele momento, apenas dois nomes, os de Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraens, sendo que Eduardo seria, por mérito e obrigatoriedade, o terceiro: “Presida, pois, também, daqui por diante, ao movimento simbolista brasileiro, esta harmoniosa trindade: Cruz e Souza, Alphonsus de Guimaraens e Eduardo Guimaraens.”¹⁰⁰

Para fundamentar essa proposta, Mansueto coleta inúmeros depoimentos de críticos, escritores e jornalistas que enaltecem a vida e a obra de Eduardo Guimaraens, bem como apresenta poemas de autores sul-rio-grandenses que consagraram, em seus versos, a memória do poeta.¹⁰¹ Também, na tentativa de aproximar Eduardo do poeta Alphonsus de Guimaraens, realiza um levantamento da frequência com que o sobrenome Guimaraens aparece na história da literatura brasileira e apresenta semelhanças biográficas entre os dois poetas:

A mãe de Alphonsus era brasileira – Francisca de Paula Guimarães Alvim. A mãe de Eduardo era também brasileira – Balbina da Silveira Guimarães. Alphonsus

⁹⁷ Ibidem, p. 76.

⁹⁸ Ibidem, p. 77.

⁹⁹ Ibidem, p. 79.

¹⁰⁰ Ibidem, p. 122.

¹⁰¹ Ibidem, p. 122-139.

chamava-se, por extenso, Afonso Henriques da Costa Guimarães. Eduardo se chamava, por extenso, Eduardo Gaspar da Costa Guimarães.¹⁰²

Além disso, buscando aproximar o autor analisado dos representantes máximos do movimento simbolista brasileiro, Bernardi toma como parâmetro a poesia produzida por Alphonsus de Guimaraens, considerada lunar, e Cruz e Souza, definida como solar, caracterizando Eduardo Guimaraens como um “poeta crepuscular”, avesso à luz e ao otimismo:

A poesia de Eduardo Guimaraens não é nem solar, nem lunar. É tipicamente, religiosamente, sobre-humanamente crepuscular. É uma poesia da penumbra, claro-escuro, meio dia meio noite; uma poesia de sonho, de névoa luminosa, de augúrio, de mistério, de música em surdina, de oração...¹⁰³

Na sua obsessão por provar que Eduardo Guimaraens era um ótimo poeta, Bernardi lança mão de recursos extremos, chegando a compará-lo com o escritor inglês Percy Bysshe Shelley¹⁰⁴. Entretanto, não estabelece esse confronto com o intuito de buscar nas obras afinidades estético-literárias, mas sim visando apresentar “semelhanças, coincidências e afinidades existentes entre ambos”, tanto sob o ponto de vista intelectual, quanto físico.¹⁰⁵ Portanto, sua análise foge ao âmbito da produção literária e se estabelece na esfera biográfica e física dos autores.

Outro aspecto característico do ensaio produzido por Mansueto é a permanente relação que estabelece entre a produção poética de Eduardo Guimaraens e os matizes europeus, utilizando a intuição e o gosto formado pela leitura dos textos já consagrados como critérios para a apreciação da obra. A estrutura dissertativa de seu ensaio corrobora isso: à introdução, com apresentação de dados biográficos sobre o autor, segue-se a apresentação dos grandes vultos da literatura estrangeira cultuados pelo poeta, aos quais associa o texto em exame. Nas palavras de Bernardi, Guimaraens

¹⁰² Ibidem, p. 114.

¹⁰³ Ibidem, p. 83.

¹⁰⁴ O poeta inglês Percy Bysshe Shelley (1792-1822) é autor, entre outras obras, de *A lament*.

¹⁰⁵ BERNARDI, Mansueto. Vida e poesia de Eduardo Guimaraens. In: _____. *Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 140-145 (Obras Completas, v. 2).

se familiarizou com todos os grandes vultos da literatura universal e escolheu os seus mestres e os seus modelos: Dante, D'Annunzio, Edgar Poe, Baudelaire, Verlaine, Maeterlinck, Mallarmé, Rimbaud, Samain, Eugênio de Castro. Conhecia e apreciava também todos os outros escritores simbolistas da Europa e da América, porém a trindade que ele mais cultuou foi Dante, Baudelaire e D'Annunzio.¹⁰⁶

Com isso, Mansueto insinua que existe na obra de Eduardo um diálogo entre a cultura local e a europeia, havendo a tentativa de juntar a diacronia ocidental com o recorte sincrônico local. A partir dessa apresentação dos paradigmas europeus que nortearam os rumos literários de Guimaraens, ele examina *A divina quimera* em comparação à *Vita nuova*, de Dante¹⁰⁷, buscando, inclusive, semelhanças entre a biografia dos autores:

Ainda menino, como Dante, Eduardo Guimaraens vislumbrou pela primeira vez a sua Beatriz, aquela que havia de ser, depois, a rainha do seu coração, a inspiradora dos seus versos [...] Desse amor nasceu a DIVINA QUIMERA, que é, sem exagero algum, a nossa VITA NUOVA. Apesar do título do livro lembrar, à primeira vista, a DIVINA COMÉDIA, é com a VITA NUOVA que se parece, é a VITA NUOVA que lhe serviu de modelo [...] Compõe-se a VITA NUOVA de baladas, sonetos e canções. De canções, baladas e sonetos se compõe igualmente a DIVINA QUIMERA. A VITA NUOVA constitui a história, em prosa e verso, do amor de Dante por Beatriz.[...] Esse coração de Dante, que oniricamente ardia na mão do Amor, é o mesmo coração ingênuo e religioso que arde e palpita, canta e geme, ri e chora nas páginas da DIVINA QUIMERA.¹⁰⁸ (grifos originais)

Bernardi posiciona-se de forma favorável diante do fato de Eduardo assimilar modelos de autores estrangeiros, acreditando que idolatrar poetas europeus não é demérito. Pelo contrário, considera isso positivo, justificando que Dante também foi um seguidor de Virgílio¹⁰⁹, e que Baudelaire inspirou-se na estética de Edgar Allan Poe¹¹⁰, sendo que ambos produziram reconhecidas e valiosas obras.¹¹¹

O crítico faz questão de emitir sua opinião acerca disso, provavelmente, porque acredita ser a imitação dos autores europeus já consagrados a única forma de a literatura

¹⁰⁶ Idem, p. 29.

¹⁰⁷ *A Vita nuova* é uma das obras de Dante Alighieri, o maior poeta italiano da Idade Média, sendo constituída por uma coleção de sonetos e canções dedicada à sua dama idealizada, Beatriz.

¹⁰⁸ BERNARDI, Mansueto. Vida e poesia de Eduardo Guimaraens. In: _____. *Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 31-32 (Obras Completas, v. 2).

¹⁰⁹ O romano Publius Vergilius Maro (15/10/70 a.C.-21/9/19 a.C.) é um dos maiores poetas latinos, tendo sua obra servido de modelo para os poetas ocidentais até o século XVIII. É o autor da famosa obra *Eneida* (27 a.C.).

¹¹⁰ O escritor norte-americano Edgar Allan Poe (19/1/1809-7/10/1849) é considerado o pai do movimento simbolista. Publicou, em 1827, *Tarmelão e outros poemas* e, em 1845, o poema *O corvo*, sendo também autor de contos macabros e misteriosos, como a novela policial *O assassinato na rua Morgue*, escrita em 1841.

¹¹¹ BERNARDI, Mansueto. Vida e poesia de Eduardo Guimaraens. In: _____. *Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 33 (Obras Completas, v. 2).

brasileira atingir um alto nível de qualidade. Exerce, dessa forma, uma atividade crítica preocupada em contribuir, pelo viés da literatura, para o progresso do país, concebendo a leitura e assimilação dos modelos literários estrangeiros como solução para o atraso cultural brasileiro. Assim, com o intuito de qualificar a literatura local e, conseqüentemente, inserir o Rio Grande do Sul no contexto brasileiro, para, em seguida, projetar o país no cenário cultural da Europa, divulga os renomados autores europeus.

De um modo geral, deve-se destacar que era causa de acirradas discussões o valor demasiado e indiscriminado que muitos autores brasileiros atribuíam às manifestações culturais dos chamados países do Primeiro Mundo e, principalmente, sua influência na descaracterização da arte nacional. Sustentava-se que essas transplantações culturais não levavam em conta as diferenças e contradições essenciais existentes entre as sociedades européias e a brasileira, sendo as cópias inadequadas à cultura receptora.

No Rio Grande do Sul, a situação não era diferente. Segundo Carlos Alexandre Baumgarten¹¹², “o debate relativo à nacionalidade da literatura brasileira, a exemplo do que ocorreu no centro do País, foi o elemento polarizador das discussões promovidas pelos ensaístas sulinos.” Logo, tendo conhecimento de que, desde o século XIX, a imitação dos modelos europeus já consagrados era motivo de censura por muitos ensaístas e escritores, Mansueto aliou-se à proposta de Eduardo Guimaraens e tentou argumentar em favor do procedimento adotado por ele:

Dizíamos que a DIVINA QUIMERA está cheia de Dante e de Beatriz. Isto é uma presunção de valor e não um apoucamento. Se Eduardo Guimaraens procurou os seus mestres e modelos em tais eminências, é que se sentia com asas bastantes para voar até lá. É que nessas alturas achava o estímulo e o nutrimento de que precisava.¹¹³

¹¹² BAUMGARTEN, op. cit., p. 188.

¹¹³ BERNARDI, Mansueto. Vida e poesia de Eduardo Guimaraens. In: _____. *Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 33 (Obras Completas, v. 2).

Sua opinião sobre o assunto vai ao encontro da de Alcides Maya que, citado por Léa Masina,¹¹⁴ “aceitava a influência européia e a assimilação cultural como fenômenos naturais e até mesmo necessários para assegurar a evolução das idéias e o progresso da nação.” Na opinião de Maya¹¹⁵, o fechamento do autor brasileiro a contribuições européias originárias era inaceitável, já que impediria a fertilização da cultura através do contato com obras de outros sistemas literários.

Ao aproximar as obras de Guimaraens e Dante, Mansueto apresenta sua opinião pessoal sobre este último, considerando-o mestre do Simbolismo, deixando transparecer que tanto Eduardo quanto ele próprio idolatravam Dante: “não há, com efeito, poeta algum mais vasto e mais alto, mais intuitivo e mais profundo, nem mais simbólico, alegórico e religioso do que Dante.”¹¹⁶ Em virtude disso, o que Bernardi mais faz, durante a análise crítica da obra de Eduardo Guimaraens, é buscar e apontar, no texto literário, traços que mostrem a influência de Dante e de outros poetas simbolistas europeus.

Ao iniciar a reflexão acerca de como o amor é abordado na obra de Eduardo, o crítico afirma que “como seu mestre Dante Alighieri, Eduardo Guimaraens é, acima de tudo, o poeta do amor”¹¹⁷. Na continuidade, adota como método de trabalho a comparação entre *A divina químera* e a *Vita nuova*, buscando, sempre, afinidades entre elas.

Ressalta que “o mistério, que é de origem sobrenatural”, é a característica que aproxima Dante e Guimaraens de Baudelaire. A partir dessa constatação, compara os versos “Qualquer cousa de vago e de divino, de amargo e triste sobre mim desceu”,¹¹⁸ de Eduardo Guimaraens, com “*Quelque chose d’ardent et de triste, quelque chose d’un peu vague...*”,¹¹⁹

¹¹⁴ MASINA, op. cit., p. 77.

¹¹⁵ Idem.

¹¹⁶ BERNARDI, Mansueto. Vida e poesia de Eduardo Guimaraens. In: _____. *Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 41 (Obras Completas, v. 2).

¹¹⁷ Idem, p. 58.

¹¹⁸ Ibidem, p. 46.

¹¹⁹ Ibidem, p. 46.

do simbolista francês Baudelaire. Nessa perspectiva, caracteriza a obra poética de Guimaraens como

vaga, dessa vaguidade que distingue os sonhos; triste, dessa tristeza que se confunde com a saudade do céu. Não espereis encontrar jamais, nesse autor, [...] o conceito exato, a idéia clara, a visão direta, a construção lógica, o pão-pão-queijo dos realistas e parnasianos, postos na mesa, ao alcance da mão de todos os leitores.¹²⁰

Além disso, não se exime de afirmar que, a par de Dante, Baudelaire e D’Annunzio, “nomes que ocupavam o altar-mor, cultuou Eduardo Guimaraens, como aliás acontece com todos os homens de letras, outros vultos literários que o atraíam: Mallarmé, Verlaine, Rimbaud¹²¹, Maeterlinck¹²², Francis Jammes¹²³, Albert Samain”¹²⁴, havendo evocações e dedicatórias a esses autores no decorrer de *A divina quimera*.

Outro aspecto que sobressai na crítica de Bernardi a Eduardo Guimaraens é a tentativa de construir uma definição para o Simbolismo. O objetivo do movimento foi, de acordo com o crítico, “reagir, de um lado, contra o excesso de rigorismo métrico, de descritivismo, de didatismo dos parnasianos; de outro, contra a declamação e eloquência dos românticos.”¹²⁵ Citando e comentado trechos de poemas de Dante e Mallarmé, ele afirma que o poeta simbolista não apresenta a “realidade crua, mas o seu símbolo apenas, apenas a sua essência”, sendo que o “claro-escuro é a atmosfera do Simbolismo”¹²⁶.

¹²⁰ Ibidem, p. 46.

¹²¹ O poeta francês Jean Nicolas Arthur Rimbaud (20/10/1854-10/11/1891) é considerado pós-romântico e precursor do surrealismo, sendo uma das maiores influências da poesia moderna. Aos 17 anos, mudou-se para Paris financiado pelo poeta Paul Verlaine, a quem enviara seu *Soneto das vogais* (1871). Um ano depois, Verlaine deixou a família para viver com Rimbaud em Londres. A tempestuosa relação amorosa entre os dois terminou quando Rimbaud foi ferido por Verlaine com um tiro no pulso. *Uma estação no inferno* (1873) e *Iluminações* (1886) revelam uma consciência estética nova, uma linguagem libertária, a idéia de que a poesia nasce de uma alquimia do verbo e dos sentidos.

¹²² O poeta e dramaturgo belga Maurice Maeterlinck (29/8/1862 – 6/5/1949) estreou, em 1889, com o livro de poesias simbolistas *Estufas quentes* e o drama *A princesa Maleine*, o primeiro de uma série de peças teatrais vagamente místicas. Seguem-se *A intrusa*, *Os cegos*, *Pelléas et melisande*, todas de 1890, que o tornam o maior nome do teatro simbolista francês. Influencia D’Annunzio, na Itália, Hofmannsthal, na Áustria, Blok, na Rússia, e a música de Debussy.

¹²³ Francis Jammes (1868-1938) foi um dos primeiros poetas que aderiu ao Simbolismo, na França, sendo considerado um cristão bucólico e um cultor do cotidiano. Produziu os poemas *Clairières dans leciel* e *Il va neiger*, entre outros.

¹²⁴ BERNARDI, Mansueto. Vida e poesia de Eduardo Guimaraens. In: _____. *Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 56 (Obras Completas, v. 2).

¹²⁵ Idem, p. 41.

¹²⁶ Ibidem, p. 45.

Ele considera o Simbolismo como um movimento artístico baseado no postulado de que a função da arte é sugerir, através de símbolos, a realidade transcendente que está para além da superfície aparente das coisas. O crítico não concebe o Simbolismo como uma unidade de métodos, mas sim de ideais, procurando instalar um credo estético baseado no subjetivo, no pessoal, na sugestão e no vago, no misterioso e ilógico, na expressão indireta e simbólica. Segundo essa estética, não se devia dar nome ao objeto, nem mostrá-lo diretamente, mas sugeri-lo, evocá-lo pouco a pouco, num processo encantatório que caracteriza o símbolo.

Ainda sob influência das concepções simbolistas, Mansueto propõe um conceito que norteia o seu projeto literário. Ele explicita, baseado em seus conhecimentos sobre literatura, uma interessante acepção de poesia, na qual está subjacente uma explicação psicológica do fazer poético. Concebe-a como lirismo, inspiração, sublevação do espírito, que se difunde ritmicamente em formas serpentinadas e ondulatórias, o que lhe dará contornos místicos e religiosos:

A verdadeira poesia não se detém na superfície dos corpos, mas demanda a essência, desce às raízes mesmas do ser. [...] poesia é alevantamento psíquico, suspensão sensória, transporte, sublimação, transfiguração. Mas não se eleva em linha reta, como os postes, nem deflui sempre no mesmo rumo, como as águas nos canais. Compraz-se em espiralar, como a fumaça. Como certos rios, gosta de dar voltas, de serpentear. Como certos rios? Diga-se como a própria vida, porque em ritmo, no círculo e na onda, se exprime a essência da natureza e de tudo o que vive.¹²⁷

Na concepção de Bernardi, o fazer poético, por um lado, denota não só o repúdio às regras, mas também a desvalorização da inteligência e do esforço lúcido e, por outro, implica a valorização do inconsciente, do irracional, do êxtase. Nessas circunstâncias, os elementos essenciais da criação poética seriam a subjetividade, as forças ilógicas, as sensações e os sentimentos, através dos quais o artista recria a realidade, dando ao tempo e ao espaço um desenvolvimento singular.

¹²⁷ Ibidem, p. 46-47.

Além disso, a crítica literária, protagonizada por Mansueto, é marcada pelo impressionismo crítico. Para ele, a produção poética de qualidade era aquela que despertasse e tocasse a sensibilidade do leitor e, em virtude disso, seus comentários abdicam dos parâmetros teóricos cabíveis à análise e interpretação em benefício da descrição dessas sensações geradas pela poesia. Assim, não chega a atingir o estágio do julgamento estético, pois não demonstra preocupação em investigar todos os aspectos da obra, ou melhor, o conjunto de artifícios literários com que o artista estrutura os fatos da experiência numa forma artística. Segundo Vítor Manuel de Aguiar e Silva,

os impressionistas, recusando preliminarmente qualquer forma de erudição, qualquer método e qualquer espécie de crítica objectiva, procuram transformar a crítica num diálogo da sua subjectividade com as obras-primas de todos os tempos, recolhem e apuram das suas leituras as impressões que mais fundamente marcam a sua sensibilidade, abandonam-se à sua fantasia e até aos seus caprichos de finos conhecedores da arte.¹²⁸

Como se vê, Bernardi pratica em seus ensaios sobre Eduardo Guimaraens o impressionismo crítico e tenta compreender a obra pela vertente biográfica, descortinando a personalidade do homem que está por trás dela. Dessa maneira, a análise literária que ele protagonizou foi sempre judicativa, prevalecendo a questão do juízo de valor, que é, na nossa opinião, incompatível com uma crítica imparcial. Entre seus comentários, cria espaços que são preenchidos com erudição e opiniões pessoais, através da aproximação e do confronto com obras de autores europeus. Por outro lado, também os preceitos da religião católica, ortodoxamente seguidos, determinaram suas explanações e opiniões, através da submissão da crítica literária às exigências ideológicas. Além disso, a linguagem eloqüente e rebuscada, marcada pela subjetividade e parcialidade, acrescida de elementos biográficos, compôs par perfeito para seus devaneios impressionistas.

¹²⁸ SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. 3. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1979. p. 499.

2.4 O PROJETO LITERÁRIO DE MANSUETO BERNARDI NA PRODUÇÃO ESPARSA

Além de crítica literária, Mansueto Bernardi produziu outros textos vinculados a várias áreas do conhecimento, como a Economia, a História e a Sociologia, sendo essas publicações constituídas basicamente de ensaios e discursos. Nessa parte de sua produção escrita, também é possível encontrar depoimentos que oportunizam confirmar questões até aqui discutidas e delinear outras características de seu projeto literário.

Conforme já se disse, o poeta sempre esteve próximo do mundo dos livros e, em virtude disso, manteve contato com inúmeros nomes da literatura ocidental e brasileira. Ele mesmo afirma, em discurso escolar proferido na qualidade de paraninfo, no município de Veranópolis, em 01 de dezembro de 1945, que, “como ensinante, como escritor e como leitor e, sobretudo, como livreiro, milhões de livros” passaram por suas mãos, “em todas as línguas, sobre todos os assuntos e de todos os formatos”.¹²⁹

Da mesma forma, traduziu produções em prosa e verso de grandes vultos da literatura, como o romance *Forse che sì forse che no*, o poema *Mãos* e o soneto *Sobre o Erotik de Edward Grieg*, ambos de Gabrielle D’Annunzio. Verteu para o português, dentre outras obras, o texto em prosa *Prece a Cristo*, de Giovanni Papini¹³⁰, a *Canção de outono*, de Paul-Marie Verlaine, os poemas *Ao soneto* e *O soneto*, de Giosué Carducci¹³¹, *Quando bebê aparece*, de Victor Hugo¹³², e *O cântico do sol*, de São Francisco de Assis.

¹²⁹ BERNARDI, Mansueto. Um semeador de livros. In: _____. *Colônias e Colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 31 (Obras Completas, v. 9).

¹³⁰ O jornalista e escritor italiano Giovanni Papini (1881-1956) é autor da obra *História de Cristo*, a primeira biografia literária sobre o filho de Deus.

¹³¹ O poeta e crítico literário Giosué Carducci (27/7/1835-16/2/1907) renovou a poesia italiana, recebendo o Prêmio Nobel de Literatura de 1906. *Novas rimas* (1861-1877), *Odes bárbaras* (1861, 1862 e 1867) e *Rimas e ritmos* (1888-1898) são algumas de suas produções.

¹³² Entre os melhores livros do poeta e escritor francês Victor Hugo (26/2/1802-22/5/1885) estão *Odes e poesias diversas* (1822), *Os miseráveis* (1862), sua obra-prima, e *O homem que ri* (1867).

Como tradutor, Bernardi também lê mediado por sua experiência e, para além do sentido literal e do significado literário, o texto adquire a projeção, por assim dizer, da sua sombra. Na visão de Alberto Manguel, cada livro é gerado por uma longa sucessão de outros livros cujas capas talvez o leitor jamais tenha visto e cujos autores talvez jamais conheça, mas que ressoa naquele que tem em mãos.¹³³

Traduzir requer um procedimento complexo de compreensão, pois o leitor que lê, com esse objetivo, envolve-se num intrincado processo de perguntas e respostas, através do qual são recolhidos os significados literários e, até mesmo, as idéias mais esquivas. Toda essa soma de significações é coletada, mas jamais aparece explícita, porque, no processo particular desse tipo de leitura, o significado é transformado imediatamente em outro texto equivalente. Logo, o significado progride de palavra em palavra, metamorfoseando-se de uma língua para outra.

Mansueto demonstra um apreço incondicional pelos livros ao criar sua Biblioteca particular¹³⁴ com um impressionante acervo de cerca de três mil e quinhentas obras, que abrangem desde a Grécia de Homero e Sófocles, até a Roma de Virgílio, Ovídio, Plauto, Terêncio e Cícero, chegando à literatura italiana de Dante, Da Vinci, Maquiavel, Petrarca e D'Annunzio. A produção literária de outros países está presente, ainda, com as obras de Dostoievsky e Tolstói, o teatro de Sófocles e Shakespeare, a poesia de Camões e a filosofia de Platão e Nietzsche, além das letras francesas, espanholas, portuguesas, alemãs, norte-americanas, incluindo indianas e chinesas.

A literatura brasileira, por sua vez, está representada pelos contos e cartas de Anchieta, pela poesia de Castro Alves, pelas obras de Padre Fernão Cardim, Pero Lopes de Souza, Gabriel Soares de Sousa, Frei Vicente, João Francisco Lisboa, Serafim Leite e Pedro

¹³³ MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 299.

¹³⁴ A Biblioteca particular de Mansueto Bernardi foi conservada e encontra-se instalada no município de Veranópolis/RS, no solar da Vila Bernardi, construído em 1946 e onde o poeta residiu nas últimas duas décadas de sua vida, sendo que, hoje, o local tornou-se um ponto turístico da cidade.

Calmon, passando pela produção de Simões Lopes Neto e outros regionalistas. A História tem lugar especial, estando o Rio Grande do Sul presente com ensaístas como Teschauer e Sepp. Em suma, são anais, arquivos, revistas, coleções, dicionários, álbuns e almanaques, além de outras raridades.

Com a aquisição e a estruturação desse interessante patrimônio literário, Bernardi demonstrou, sem dúvida, o valor que atribuía aos livros. Entretanto, essa decisão, provavelmente, também foi motivada pelo *status* social que possuir uma biblioteca particular proporciona. De acordo com Manguel, já nos idos do século XVIII, as bibliotecas particulares eram tesouros familiares que a nobreza preservava e ampliava de geração em geração, e os livros eram tanto símbolos de posição social, quanto de refinamento e postura. Além disso, na virada do século XIX, colecionar coisas antigas tornou-se um passatempo burguês e, conseqüentemente, exibir os primeiros livros transformou-se em uma moda européia, tendo a maioria deles valor de objetos pessoais.¹³⁵ Por outro lado, desde a época de Aristóteles, colecionar livros fazia parte das tarefas do intelectual, sendo que os volumes deveriam ser reunidos em grande número, em vista de o objetivo maior das bibliotecas ser o de abrigar a totalidade do conhecimento humano.¹³⁶

Desse modo, pode-se entender por que Bernardi concebia os livros como objetos de luxo que deveriam ser adequados à posição social do resto da mobília da residência e utilizados somente pelo dono e seus descendentes. Talvez, por isso, o acervo não tenha sido, após sua morte, vendido ou doado, mantendo-se intacto até hoje no solar da Vila Bernardi, em Veranópolis, aos cuidados da família.

Mansueto igualmente dá mostras da importância que conferia aos livros no período em que foi Diretor da Casa da Moeda do Brasil, para cujo cargo foi nomeado em 1931, a convite do então Chefe do Governo Provisório da República, Getúlio Vargas, e no qual

¹³⁵ MANGUEL, op. cit., p. 270-271.

¹³⁶ MANGUEL, op. cit., p. 217.

permaneceu até maio de 1938. Nesse período, realiza estudos para a criação e implantação de uma nova unidade monetária nacional, o cruzeiro, em substituição ao mil-réis, argumentando que várias mudanças importantes estavam sendo implementadas no país pelo governo provisório e era, por isso, necessário modificar também o padrão monetário. Além disso, alega que o mil-réis estava “profundamente desmoralizado”, representando um “resquício” da “sujeição” do Brasil “ao Reino de Portugal”.¹³⁷

Ele defende, em vista disso, que Cruzeiro era o “nome ideal”, porque lembrava o “*cruzado* colonial”, evocava a “primitiva *Terra de Santa Cruz* e a belíssima constelação simbólica” que os republicanos colocaram no “escudo de armas e na bandeira da República”¹³⁸ (grifos originais). A proposta foi aprovada pelo ministro da Fazenda Osvaldo Aranha e pelo presidente Getúlio Vargas, tendo sido Bernardi encarregado de redigir, em maio de 1933, o *Primeiro projeto de lei referente à criação do cruzeiro*. Ao fazê-lo, define que “o lucro proveniente do recolhimento das cédulas e moedas em circulação” seria aplicado, entre outros fins, “na criação do Instituto Nacional do Livro”.¹³⁹

O poeta confirma, com essa proposta, a sua preocupação maior com o livro, já evidenciada, especialmente, entre 1924 e 1931, quando era Diretor Cultural da Livraria do Globo. Sua proposição somente se concretizou em 1937, através do Decreto-Lei nº 93, que criou o Instituto Nacional do Livro, sendo o seu primeiro Diretor o poeta e ensaísta Augusto Meyer, que o administrou por mais de 25 anos.

Além de atribuir notabilidade aos livros, o escritor considera-os veículos de propagação do conhecimento, posto que não serviriam apenas para o deleite estético do público leitor, mas seriam, também, instrumentos de formação intelectual. Em virtude dessa

¹³⁷ BERNARDI, Mansueto. Uma representação, um parecer e uma proposta-1932. In: _____. *Estudos monetários*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 25-26 (Obras Completas, v. 4).

¹³⁸ Idem, p. 27.

¹³⁹ _____. Primeiro projeto de lei referente à criação do cruzeiro – 1933. In: _____. *Estudos monetários*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 44 (Obras Completas, v. 4).

posição, no discurso proferido em 14 de setembro de 1952, por ocasião da inauguração do novo prédio do *Correio rio-grandense*, em Caxias do Sul, ressalta que

fundar uma casa editora é tanto quanto, ou até mais do que fundar uma universidade, visto que, através dos livros, se podem preleccionar, com mais êxito e alcance do que nos maiores anfiteatros escolares, todas as matérias constantes de quaisquer corpos de estudo, leigos ou religiosos. [...] um livro [...] é uma semente a rebentar perpétua, uma planta em contínuo florescimento e frutificação. É da essência do jornal sair do prelo, circular um instante e logo morrer, ao passo que o livro, quando feito com espírito e impresso com tinta da verdade, pode durar e ensinar perenemente, a ponto de advertir o provérbio latino que é pela boca dos livros que falam as almas dos mortos.¹⁴⁰

Verifica-se que Bernardi concebia a palavra escrita e os livros como um poderoso recurso para a construção da existência humana e a edificação cultural. Em decorrência, subentende-se que um dos objetivos do trabalho dos escritores seria o de instruir. Por outro lado, ele enaltecia, ainda, a possibilidade de os livros poderem concretizar a ânsia constante de imortalidade do espírito humano, através de sua capacidade de perpetuar o conhecimento através dos tempos.

Nesse sentido, Mansueto afirma, no já mencionado discurso proferido em 01 de dezembro de 1945, que jamais se privou do “contato com os livros”, tornando-se “um semeador de livros a mãos-cheias, isto é, um professor que ensinaria as crianças a ler e aprender nos livros, um autor de livros, um impressor e vendedor de livros”. Entretanto, na sua opinião, “ninguém se torna digno de bênção, só por que semeia livros”. Dever-se-ia, sim, “semear bons livros”, visto que, se há os “que ensinam, que instruem, que distraem, que edificam, que santificam”, outros muitos difundiriam o erro, corromperiam o corpo e a alma, destilariam a perfídia, propagariam o mal. “Livros bons” seriam, segundo Bernardi, aqueles que, “ao mesmo tempo em que aclaram e afirmam a inteligência, estimulam também nas almas o instinto de perfeição”, posto que “a base de toda a verdadeira educação reside” em imitar o “Cristo”, sendo “perfeitos, como o Pai do céu é perfeito”. Assim, “o saber, por si só,

¹⁴⁰ _____.A volta do filho pródigo. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 94-95 (Obras Completas, v. 8).

nada vale, se não o acompanha, passo a passo, a disciplina do aperfeiçoamento moral”, ou seja, o “salutar ensinamento religioso”.¹⁴¹

Pode-se constatar que, para Mansueto, livros de qualidade não eram aqueles produzidos por escritores afeitos exclusivamente ao belo, sem qualquer base instrutiva, moral ou religiosa. As criações intelectuais desses autores deveriam, como já se disse, ser um instrumento que condensasse uma gama variada de funções, atuando simultaneamente como um veículo de arte, reflexão, saber, crítica, instrução, ética, moral e religiosidade.

Bernardi considerava-se um leitor dos leitores, alguém que tinha condições de discernir o que era a boa e o que era a má literatura. Pode-se dizer que, ao se esforçar para divulgar suas idéias, atuava como uma espécie de agente da censura, seguindo uma tendência do catolicismo, iniciada ainda no século XVI, de condenar obras que difundissem idéias contrárias à doutrina católica:

Em 1559, a Sagrada Congregação da Inquisição Romana publicara o primeiro *Índice dos livros proibidos* – uma lista de livros que a Igreja considerava perigosos para a fé e a moral dos católicos. O *Index*, que incluía livros censurados antes da publicação, bem como livros imorais já publicados, jamais pretendeu ser um catálogo completo de todos os livros banidos pela Igreja. Porém, quando foi abandonado, em junho de 1966, continha, entre centenas de obras teológicas, outras tantas obras de autores seculares.¹⁴² (grifos originais)

A censura surgiu, portanto, como conseqüência do poder exercido pela Igreja Católica, tornando-se um mecanismo de manutenção desse domínio. Como essa postura só foi repudiada na segunda metade do século XX, Mansueto manteve-se atrelado a ela, preocupando-se em advertir sobre o perigo das leituras que pervertiam a mente dos leitores, aconselhando-os a se ocuparem com temas espirituais mais elevados, já que, na sua opinião, a moral deveria estar acima da arte.

Norteados, em parte, por essa acepção do que seriam bons livros, Bernardi seleciona, em trabalho publicado no *Correio do povo*, de Porto Alegre, na edição de 30 de julho de

¹⁴¹ _____. Um semeador de livros. In: _____. *Colônias e colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 31-32 (Obras Completas, v. 9).

¹⁴² MANGUEL, op. cit., p. 320.

1957, algumas obras de autores sulinos que, na sua opinião, deveriam “andar em todas as mãos, porque afirmam a inteligência meridional”.¹⁴³ Ele fez isso motivado, provavelmente, pelo intuito de divulgar a produção intelectual local, em vista de que, como se viu na seção anterior, ele era um defensor da cultura gaúcha e buscava, com sua atividade literária, incluir o Rio Grande do Sul na conjuntura do Brasil culto. Assim, a *História das missões orientais do Uruguai*, escrita por Aurélio Porto¹⁴⁴, encontra-se, para ele, entre as “obras fundamentais da cultura rio-grandense”¹⁴⁵, ao lado de *A crise do mundo moderno*, de Leonel Franca¹⁴⁶, *A divina quimera*, de Eduardo Guimaraens, *Gaúchos e beduínos*, de Manoelito de Ornellas¹⁴⁷, *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo e *Bandeirantes e pioneiros*, de Viana Moog¹⁴⁸.

Mansueto destaca, além disso, obras que abordavam temas relacionados à imigração italiana no estado, já que ele próprio foi um defensor da importância dos italianos para o “progresso do Rio Grande do Sul”¹⁴⁹, considerando “publicações de muito interesse” obras como *La cooperazione degli italiani al progresso civile ed econômico del Rio Grande del Sud* (1875-1925) e o *Álbum comemorativo do 75º aniversário da colonização italiana no Rio Grande do Sul* (1950), ambas editadas pela Livraria do Globo.¹⁵⁰ Do mesmo modo, cita produções de viajantes italianos que registraram impressões sobre o assunto, como *Il paese*

¹⁴³ BERNARDI, Mansueto. Teschauer, Simões e as Missões. In: _____. *Missões, índios e jesuítas*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 100 (Obras Completas, v. 7).

¹⁴⁴ O historiador Aurélio Porto é autor de *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul – RS, História das Missões, História das Missões orientais do Uruguai* (1954).

¹⁴⁵ BERNARDI, Mansueto. Teschauer, Simões e as Missões. In: _____. *Missões, índios e jesuítas*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 100 (Obras Completas, v. 7).

¹⁴⁶ O padre Leonel Edgard da Silveira Franca (06/01/1893-03/08/1948) foi o fundador e o primeiro reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Em 1927, publicou suas obras mais importantes, entre as quais encontra-se *O divórcio* e *A psicologia da fé*, tendo recebido, em 1948, o prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da sua obra.

¹⁴⁷ Em *Gaúchos e beduínos: a origem e a formação social do Rio Grande do Sul* (1966), Manoelito de Ornellas tenta mostrar o quanto a cultura do RS é devedora da influência árabe, pois, na sua opinião, o gaúcho é o beduíno dos verdes pampas.

¹⁴⁸ O sociólogo e romancista gaúcho Viana Moog publicou, em 1954, *Bandeirantes e pioneiros* e *Paralelos entre duas culturas*, obras em que o autor discute as possíveis causas da pobreza brasileira e traça as diferenças entre os Estados Unidos e o Brasil. Também foi autor de *Uma jangada para Ulisses* (1959) e *Tóia* (1962).

¹⁴⁹ BERNARDI, Mansueto. Discurso aos pioneiros. In: _____. *Colônias e Colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 16 (Obras Completas, v. 9). O *Discurso aos pioneiros* foi publicado originalmente no *Correio do Povo*, de Porto Alegre, em 25/07/1961, e como *Proêmio* do livro *Semblantes de Pioneiros*, de Fidélis Dalcin Barbosa, editado pela Livraria Sulina, de Porto Alegre, em 1961 (páginas 7-12).

¹⁵⁰ _____. Publicações comemorativas. In: _____. *Colônias e Colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 93 (Obras Completas, v. 9).

*dell' avvenire – Rio Grande del Sud*¹⁵¹, de Alfredo Cusano, e *Il Brasile meridionale*¹⁵², de Domenico Bartolotti, e textos escritos pelos próprios imigrantes, como *Memorie d'um immigrante*¹⁵³, de Giulio Lorenzoni¹⁵⁴. Menciona, ainda, outras obras que tratam do tema, como *Vita e storia de Nanetto Pipetta nassuo in Itália e vegnudo in Mérica par catare la cuccagna*¹⁵⁵, de Aquiles Bernardi, e *Semblantes de pioneiros*¹⁵⁶, de Frei Fidélis Dalcin Barbosa.¹⁵⁷

Bernardi atribuía, portanto, aos livros um papel e um significado diferenciados, encarando-os segundo um viés eminentemente utilitário. Circunscritos à realidade volátil de um processo de transformação contínua da sociedade e voltados para a formação moral e religiosa do povo, eles deveriam ser fatores de orientação do processo de elevação do nível intelectual e cultural da população, exercendo um efeito tutelar direto e gradual sobre o público. Em vista disso, no discurso de formatura, proferido em 2 de dezembro de 1961, no município de Veranópolis, aconselha às moças que,

quando construírem seu próprio lar, não deixem nunca de adorná-lo, além de outros enfeites, com alguma artística imagem de santo, com uma estante, pelo menos, de livros úteis, e com um bom instrumento musical. Porque, sem essas defesas naturais e sobrenaturais eu vos asseguro que nenhuma família poderá resistir ao assalto insidioso das forças de desagregação.¹⁵⁸

Nota-se que, na compreensão de Mansueto, o livro não era uma ferramenta inerte com que se engendravam idéias ou fantasias somente para o prazer. Pelo contrário, consistia num ritual complexo que, se devidamente conduzido, tinha o poder de doutrinar, construir e modelar o comportamento humano, tornando-se um recurso de comunicação capaz de criar

¹⁵¹ CUSANO, Alfredo. *Il paese dell' avvenire – Rio Grande del Sud*. Roma: Editrice L'Italo-Sudamericana, 1920.

¹⁵² BARTOLOTTI, Domenico. *Il Brasile meridionale*. Roma: Casa Editrice Alberto Stock, 1930.

¹⁵³ LORENZONI, Júlio. *Memórias de um imigrante*. Porto Alegre: Sulina, 1975.

¹⁵⁴ BERNARDI, Mansueto. Viajantes italianos contemporâneos. In: _____. *Colônias e Colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 96-97 (Obras Completas, v. 9).

¹⁵⁵ BERNARDI, Aquiles. *Vita e storia de Nanetto Pipetta nassuo in Itália e vegnudo in Mérica par catare la cuccagna*. Garibaldi: Tipografia Staffetta Riograndense, 1937.

¹⁵⁶ BARBOSA, Frei Fidélis Dalcin. *Semblantes de pioneiros*. Porto Alegre: Sulina, 1961.

¹⁵⁷ BERNARDI, Mansueto. Viajantes italianos contemporâneos. In: _____. *Colônias e Colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 98-99 (Obras Completas, v. 9).

¹⁵⁸ _____. Harmonia das esferas. In: _____. *Colônias e Colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 29 (Obras Completas, v. 9).

estados de espírito, despertar ou ensejar desígnios éticos e divulgar idéias. Logo, para ele, quem se dispusesse a servir às letras, era igualmente compelido à atuação cívica, religiosa, enfim, pedagógica.

O autor de *Terra convallescente* afirma, nesse sentido, no já referido discurso de 01 de dezembro de 1945, que, durante toda a sua “vida de funcionário e de escritor, foi também”, para ele, “o livro a melhor das armas de combate”.¹⁵⁹ Conseqüentemente, serviu-se do potencial advindo da articulação dos signos lingüísticos para induzir o público a aceitar sua concepção ou teoria acerca da vida. Sobre esse poder que a literatura tem de agir sobre o leitor, Antonio Candido afirma que

as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar. Talvez os contos populares, as historietas ilustradas, os romances policiais ou de capa-e-espada, as fitas de cinema, atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente.¹⁶⁰

Conseqüentemente, a literatura pode formar o indivíduo, mas não de acordo com a pedagogia oficial, que se habituou a vê-la como um mecanismo de reforço da concepção de vida dos grupos dominantes. Ela educa como a própria vida, atuando com seu ímpeto indiscriminado, sem se constituir num prolongamento da instrução moral e cívica. Logo, o propósito formativo da literatura é muito mais intrincado e delicado do que pressupõe uma mera perspectiva pedagógica, e, por isso, a própria influência que ela exerce na formação da personalidade exclui a idéia convencional de uma atividade demarcada e conduzida conforme as exigências dos padrões oficiais em vigor.

Dessa sua peculiaridade, resultam duas posições clássicas adotadas pelos educadores e moralistas, amedrontados, por um lado, pela sua indiscriminada riqueza e deslumbrados, por outro, pela sua capacidade humanizadora: bani-la, por acreditarem que ela pode corromper e

¹⁵⁹ _____. Um semeador de livros. In: _____. *Colônias e Colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 31 (Obras Completas, v. 9).

¹⁶⁰ CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: _____. *Textos de intervenção* (Vinicius Dantas org.). São Paulo: Editora 34, 2002. p. 82.

desvirtuar, causando desordem e agitação social, ou tentar ajustá-la ao sistema de idéias dos manuais católicos de instrução religiosa. Contudo, na opinião de Candido, apesar de a literatura ter a capacidade de influenciar o leitor, ela não pode ser utilizada com função pedagógica, uma vez que não corrompe nem edifica, mas faz viver:

Dado que a literatura, como a vida, *ensina* na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, enfrentando ainda assim os mais curiosos paradoxos – pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem freqüentemente o que as convenções desejariam banir. Aliás, essa espécie de inevitável contrabando é um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe.¹⁶¹

Levando em conta esse paradoxo, é possível dizer que Bernardi aderiu à postura tradicional, em vista de considerar como principal critério para qualificar as obras editadas como “bons livros” as intenções ético-morais e religiosas dos textos. A elaboração de um projeto de organização do Centro da Boa Imprensa do Rio Grande do Sul S. A., em 1950, apresentado aos proprietários da Tipografia do Centro S. A., da qual também era sócio, elucida essa perspectiva. Ele afirma que a Editora do Centro iniciaria suas atividades com a edição da *Bíblia sagrada* e uma pequena coleção de estudos bíblicos. Em seguida, seria publicada uma *Coletânea continentina*, contendo as melhores obras até agora escritas sobre o Rio Grande do Sul, e uma *Biblioteca social brasileira*, reunindo o que de melhor se editou no mundo, em matéria de questão social, começando pelos escritos e sermões do arcebispo Von Keppler¹⁶² e do Cardeal Manning¹⁶³, bem como pelas Encíclicas Papais e seus intérpretes. Além disso, planejava disponibilizar ao público uma *Biblioteca infantil*, abrangendo os

¹⁶¹ Idem, p. 83-84.

¹⁶² O arcebispo Von Keppler estava atrelado à Igreja Católica e atuou como religioso no final do século XIX.

¹⁶³ Cardeal Manning pertencia à Igreja Católica Romana e exerceu suas atividades religiosas na segunda metade do século XIX. Como estudioso de Deus e das coisas divinas, defendia uma teologia divorciada da ciência de observação ou daqueles ramos da ciência que, hoje, são chamados de parapsicologia. Declarava que, através de trabalhos espíritas, o demônio se materializava, ora como mulher, ora como homem, e desses encontros resultavam criaturas híbridas de natureza diabólica, mas de forma humana.

melhores livros infantis ilustrados existentes na Europa e na América.¹⁶⁴ Do mesmo modo,

Mansueto expõe claramente seu pensamento religioso ao afirmar que

como bons cristãos, nós colocamos Deus no Centro do Universo e o homem no Centro da superfície da terra. E sabemos que toda a atividade, para ser profícua, precisa girar sem atritos em torno de um *núcleo central*. Na ordem cósmica, por exemplo, o sol é o centro do sistema planetário e, religiosamente, Roma, o CENTRO, da Cristandade.¹⁶⁵ (grifos originais)

Vivendo num período em que ainda se sentem os efeitos do conflito entre as concepções do Materialismo Histórico-Dialético de Karl Marx¹⁶⁶, do Evolucionismo de Charles Darwin¹⁶⁷ e do Positivismo de Augusto Comte¹⁶⁸, Bernardi insere-se como co-participante do processo de renascimento da religiosidade, ocorrido no século XX. A religião católica, que havia sido abalada pelas idéias iluministas do século XVIII e pelo forte racionalismo das teorias do século XIX, tenta reerguer-se e, incluído nessa conjuntura, Mansueto concebe a religiosidade como algo inerente à própria condição humana e como elemento norteador da vida do homem. Em discurso proferido no dia 17 de novembro de 1946, no ato de lançamento das pedras fundamentais dos ginásios Divino Mestre e Regina Coeli, de Veranópolis¹⁶⁹, ele defende essa supremacia:

Todo o homem, concebido apenas como ser político-econômico, despojado de sentido religioso, não passará jamais de uma obra de arte imperfeita, de uma estátua mutilada, de uma sinfonia por acabar. [...] a nós o que nos importa, acima de tudo, é afirmar a existência e a primazia do Sobrenatural, é sentir e beber o sopro excelso do Espírito, única força capaz de erguer a gente do solo e conferir dignidade e sentido à vida.¹⁷⁰

¹⁶⁴ BERNARDI, Mansueto. Projeto de organização do Centro da Boa Imprensa, S.A. In: _____. *Colônias e colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 116-117 (Obras Completas, v. 9).

¹⁶⁵ Idem, p. 115.

¹⁶⁶ O filósofo alemão Karl Marx (5/5/1818-14/3/1883) é autor de conceitos que fundamentam a ideologia comunista do século XX, tais como lutas de classes, mais valia e materialismo histórico. Em 1867, publica o primeiro volume de sua principal obra, *O capital*, sendo que os demais só são conhecidos após sua morte.

¹⁶⁷ O naturalista inglês Charles Darwin (12/2/1809-19/4/1882) formulou a Teoria da Evolução das Espécies, publicada em 1859 no livro *A origem das espécies*, em que defende que o meio ambiente seleciona os seres mais aptos e elimina os menos dotados. Também é autor de *A descendência do homem*, obra que expõe a idéia de que o ser humano descende do macaco.

¹⁶⁸ O filósofo e sociólogo francês Augusto Comte (19/1/1798-5/9/1857) é o fundador do positivismo, corrente filosófica que prega o método científico como única forma de chegar ao conhecimento. Entre 1830 e 1842, ele publicou os seis volumes de sua principal obra, *Curso de Filosofia Positiva*, e, entre 1851 e 1854, editou os quatro volumes de seus estudos sobre o Sistema de Política Positiva, que completam sua obra.

¹⁶⁹ Esse discurso foi publicado no jornal *A nação* de Porto Alegre, na edição de 4 de dezembro de 1946.

¹⁷⁰ BERNARDI, Mansueto. O ensino de César e o ensino de Cristo. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 60 (Obras Completas, v. 8).

A postura de Bernardi encerra algumas das preocupações da Igreja Católica, na primeira metade do século passado, pois, de acordo com Anna Maria Moog Rodrigues, após a proclamação da República, o catolicismo perdeu o *status* de religião oficial e se viu ameaçado pelo positivismo dominante, pelo avanço da evangelização protestante e espírita e, sobretudo, da mentalidade leiga.¹⁷¹ Causavam inquietação, ainda, as transformações que vinham ocorrendo no modo de vida das pessoas comuns: a progressiva diminuição das habituais idas à igreja, a redução do domínio dos padrões morais e sociais tradicionais e das sanções sobre as condutas dos jovens, a crise da autoridade dos pais, o declínio do casamento e a diversificação de arranjos familiares.

Também se intensificavam os conflitos de gerações como resultado, por um lado, da divergência entre jovens e adultos, ocasionada pelo declínio da ética puritana, e, por outro, do crescimento de uma mentalidade consumista hedonista. Além disso, no Brasil, como na maioria dos países de cultura latina, difundiu-se, segundo Rodrigues, a idéia de que um indivíduo culto e esclarecido não podia ser católico, pois pertencer à Igreja Católica era receber um atestado de limitações intelectuais irremediáveis.¹⁷²

Por conseguinte, a tônica da Primeira República foi, conforme a autora, a reação, a luta pelo restabelecimento da influência do pensamento católico nos meios intelectuais. Houve um esforço muito grande por parte da inteligência católica no sentido de combater a impressão vigente de que o catolicismo seria sinônimo de obscurantismo e atraso mental. Ao mesmo tempo, a Igreja começou a ver a necessidade de se engajar no mundo e não se manter afastada dele pela condenação de seus erros.¹⁷³ Em virtude disso, o reerguimento moral da sociedade, a defesa da família, a pregação contra o divórcio, o combate à dissolução dos

¹⁷¹ RODRIGUES, Anna Maria Moog. Introdução. In: _____. *A Igreja na República*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981. p. 5-12 (Coleção do Pensamento Político Republicano, v. 4).

¹⁷² Idem, p. 11.

¹⁷³ Ibidem, p. 12.

costumes na sociedade leiga e a educação religiosa da juventude tornaram-se algumas de suas metas.¹⁷⁴

Portanto, o posicionamento católico de Mansueto é uma decorrência dessa tomada de consciência e mudança de rumos da Igreja Católica. Vinculado a essa proposta, ele se dispõe a contribuir com suas atividades literárias e intelectuais para o fortalecimento do catolicismo, colocando a religião como eixo principal de seu projeto literário.

Todavia, sua posição não constitui uma atitude isolada, tendo em vista que segue uma tendência comum entre os intelectuais católicos dos anos 30, bem como do que acontecia, mais ou menos no mesmo sentido, na Europa e nos Estados Unidos, ou seja, o engajamento espiritual e social:

Houve nos anos 30 uma espécie de convívio íntimo entre a literatura e as ideologias políticas e religiosas. Isto, que antes era excepcional no Brasil, se generalizou naquela altura, a ponto de haver polarização dos intelectuais nos casos mais definidos e explícitos, a saber, os que optavam pelo comunismo ou o fascismo. Mesmo quando não ocorria esta definição extrema, e mesmo quando os intelectuais não tinham consciência clara dos matizes ideológicos, houve penetração difusa das preocupações sociais e religiosas nos textos [...] Muitas vezes o espiritualismo católico levou no Brasil dos anos 30 à simpatia pelas soluções políticas de direita, e mesmo fascistas, como foi o caso do integralismo, cujo fundador, Plínio Salgado, modernista e participante do movimento estético renovador, aliou a doutrinação a uma atividade literária de certo interesse. E é curioso notar que as opções desse tipo foram favorecidas pela combinação de catolicismo, Simbolismo e semimodernismo nacionalista, como nos casos de Tasso da Silveira, Andrade Murici, Mansueto Bernardi e, com alguma variação de componentes, o citado Schmidt.¹⁷⁵

Verifica-se, desse modo, que o espiritualismo católico atingiu ensaístas, estudiosos, ficcionistas e poetas, como Bernardi, que se impregnaram da atmosfera religiosa da época e se empenharam para que o catolicismo se tornasse uma fé renovada, um estado de espírito e uma dimensão estética.

Entre os intelectuais católicos que, como o autor de *São Francisco de Assis e a Natureza*, engajaram-se nesse projeto, destaca-se, de acordo com Teles, Jackson de Figueiredo que, em torno de 1922, publicou a revista *A Ordem* e fundou o Centro Dom Vital, com o propósito de fazer renascer a fé católica no povo brasileiro, sendo que sua ideologia

¹⁷⁴ Ibidem, p. 7.

¹⁷⁵ CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1987. p. 188.

religiosa ganhou adeptos, motivou conversões e, de certo modo, se desdobrou até os dias atuais. Jackson, antecedendo aos demais, anunciou o advento das conversões ao catolicismo e da grande presença católica na literatura do modernismo, como é possível verificar na obra crítica de Tristão de Athayde e na poesia de Jorge de Lima, Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt e Dom Marcos Barbosa.¹⁷⁶

Nesse sentido, Bernardi também elogia os intelectuais católicos que se aprofundam no conhecimento de sua religião e difundem seus ideais, posto que a luta travada pela inteligência católica, nessa época, é no sentido de legitimar-se perante a sociedade, combatendo os seus erros políticos e religiosos.

Ele exalta, assim, as publicações e periódicos que, como o *Correio rio-grandense*, mantido pelos Freis Capuchinhos, primavam pela formação religiosa do público leitor. Em discurso proferido no dia 14 de setembro de 1952, na inauguração do novo prédio desse jornal, em Caxias do Sul, o poeta salienta que esse veículo de comunicação escrita constitui um “programa completo” destinado “tanto ao corpo como à alma”:

Quantos se afanam e tudo reduzem ao pão terrestre e não enxergam no homem senão um instrumento de produção e consumo, adulteram a sua verdadeira imagem e corrompem e invertem a própria ordem da criação, pois nesta, indubitavelmente, a primazia pertence ao espiritual, vindo sempre o econômico ou material em segundo plano. [...] De onde se segue que o Espiritual é bom, como também é bom o Material, mas só os dois juntos é que são “muito bons”.¹⁷⁷

Exercendo o jornalismo e inserindo-se nas principais polêmicas do seu tempo, Mansueto adere ao pensamento de uma classe de intelectuais que acreditava que a imprensa deveria ser posta a serviço do desenvolvimento do país e, em decorrência, a militância jornalística deveria possuir um caráter didático, voltando-se para a qualificação ética, religiosa e cultural dos leitores. Logo, o excerto acima ilustra a extrema importância que o escritor confere ao comprometimento do jornal *Correio rio-grandense* com a divulgação dos dogmas da fé católica, por meio da discussão de questões relacionadas à existência de Deus, ao

¹⁷⁶ TELES, Gilberto Mendonça. Literatura e religião. *Revista Letras de Hoje*, Porto Alegre, n. 108, p.39-56, jun. 1997. p. 41.

¹⁷⁷ CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1987. p. 95-96.

sentimento religioso e sua indestrutibilidade, à origem da vida, ao dualismo corpo e alma, entre outras.

Reforça essa atitude, também, o discurso pronunciado por Bernardi, alguns anos depois, em 31 de maio de 1959, por ocasião da inauguração da placa comemorativa do Cinquentenário do *Correio rio-grandense*, em Caxias do Sul, destacando que “os seus redatores, seculares ou regulares”, enxergam na sociedade “unicamente almas a encaminhar para o cumprimento de seu duplo destino terrenal e eterno”. E, por isso, estão “sempre com os pés fincados no solo e os olhos voltados para o céu”.¹⁷⁸

Do mesmo modo, ao referir-se, em 1950, ao periódico *Nação Ilustrada*, que ele planejava criar no Centro da Boa Imprensa S.A., Mansueto dá mostras claras dessa postura, afirmando que seria uma “revista quinzenária social, cultural e absolutamente familiar, portanto antidissolvente, anticorrupta e antidesagregadora”.¹⁷⁹ Como se vê, ele expressa, com nitidez, o desejo de contribuir, com essa publicação, para a formação moral e religiosa do povo brasileiro, criando espaço para a circulação de idéias intimamente vinculadas aos destinos que ambicionava para a sociedade e o país. Nesse contexto, a necessidade de corresponder ao desenvolvimento ético e moral dos leitores definiria, provavelmente, a temática e o discurso do periódico.

Na produção esparsa, que vem sendo analisada até aqui, Bernardi também procura concretizar um projeto literário identificado com o programa político nacionalista, buscando inserir o Rio Grande do Sul no sistema federativo da cultura brasileira:

Creio no prodígio de uma primavera próxima, em que as letras rio-grandenses, as artes rio-grandenses, as ciências rio-grandenses florirão para gáudio e relustre de toda a pátria regenerada. [...] Creio, ainda, que os elementos básicos para essa obra de integração do Rio Grande do Sul na órbita do seu destino, devem ser fornecidos

¹⁷⁸ BERNARDI, Mansueto. Servir a Deus e ao Brasil. In: _____. *São Francisco de Assís e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 100-101 (Obras Completas, v. 8).

¹⁷⁹ _____. Projeto de organização do Centro da Boa Imprensa, S.A. In: _____. *Colônias e colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 119 (Obras Completas, v. 9).

pela história. E ela os tem. Basta requisitá-los e utilizá-los. E o que porventura faltar à história, supram-no a tela, a estátua, a música, o romance, a poesia.¹⁸⁰

Nessa declaração de confiança nas potencialidades do Rio Grande do Sul, expressa em 13 de maio de 1927, durante discurso de recepção no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul¹⁸¹, Mansueto torna visível o desejo de contribuir com sua atividade literária para o desenvolvimento da cultura sul-rio-grandense. Entretanto, igualmente transparece a expectativa de que os demais estados brasileiros valorizem as qualidades artísticas e literárias, bem como as contribuições científicas do povo gaúcho, reconhecendo que o estado sulino também abriga prodigiosos intelectuais.

Mais tarde, em 1950, Bernardi propõe-se a “fazer do CENTRO DA BOA IMPRENSA”, que teria sua sede em Porto Alegre, um “núcleo de irradiação da atividade social e cultural de que o Brasil tanto precisa para se libertar e sobreviver”, através da “venda de livros [...], edição de livros, revistas e jornais”¹⁸² (grifos originais). Nesse propósito, evidencia-se um movimento de nacionalização e internacionalização que deixa implícita a dialética entre o próximo e o distante, o particular e o universal, a cultura sul-rio-grandense e o mundo, preconizada pelo autor e concretizada através da absorção dos modelos literários ocidentais já consagrados.

Nesse mesmo sentido, em carta enviada por Mansueto ao prefeito de Caxias do Sul, em 1958, propõe o restabelecimento do nome tradicional de Praça Dante para o logradouro central da cidade, na época designado Rui Barbosa. Ele aconselha que, caso essa proposição não seja aceita, o atual Parque Cinquentenário seja denominado Parque Dante Alighieri, para cujo centro seja “trasladada a estátua do divino poeta”, ora colocada na praça Rui Barbosa. Para esse fim, recomenda que seja construído um “largo quadrangular no centro” e colocadas

¹⁸⁰ _____. Creio no Rio Grande. In: _____. *Colônias e colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 108 (Obras Completas, v. 9).

¹⁸¹ Esse discurso foi publicado pelo *Correio do povo*, de Porto Alegre, na edição de 13 de maio de 1927 e, também, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, ano VII, IV trimestre, 1927, de Porto Alegre, nas páginas 549-554.

¹⁸² BERNARDI, Mansueto. Projeto de organização do Centro da Boa Imprensa, S. A. In: _____. *Colônias e colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 115 (Obras Completas, v. 9).

reproduções das estátuas de Miguel Ângelo¹⁸³ nos quatro ângulos: “a Aurora, o Dia, o Crepúsculo e a Noite”. Sugere, ainda, que a imagem do “soberano vate florentino” seja assentada sobre um pedestal de granito e, nas quatro faces, gravados trechos da *Divina comédia*. Também propõe que, desse pequeno templo, saiam veredas que se irradiem, em curvas de nível, por todo o parque e, ao longo delas, sejam postos “bustos de poetas gaúchos”, transformando-se o Parque Dante Alighieri num “Panteão Poético, ao ar livre”.¹⁸⁴

Ao sugerir a construção de um parque em homenagem a Dante Alighieri e ao reverenciá-lo como “divino poeta” e “soberano vate florentino”, Bernardi reforça o apoio, já demonstrado em sua crítica literária, à imitação da literatura estrangeira. Mais do que isso, ele se propõe a dar a sua contribuição para o pagamento da dívida intelectual que acredita terem os escritores brasileiros para com a tradição literária européia.

Do mesmo modo, ao aconselhar a colocação da estátua de Dante no centro do parque e, seguindo suas trilhas, outras imagens de poetas gaúchos, ele faz uma representação simbólica da sua concepção pessoal sobre a criação literária no Rio Grande do Sul, naquele período. Demonstra claramente a valorização dos modelos europeus, nesse caso, especialmente da estrutura poética consagrada por Dante, na obra *Divina comédia*. Portanto, é a partir do contexto de imitação dos padrões europeus, principalmente franceses e italianos, que o poeta constrói seu projeto literário. Ele acredita que, assimilando os modelos europeus já consagrados, o escritor poderá produzir obras com o mesmo nível literário que as daqueles, propiciando, como já se disse, a inserção da literatura gaúcha e brasileira no *corpus* amplo da literatura ocidental.

¹⁸³ O pintor, escultor, poeta e arquiteto italiano Miguel Ângelo (Michelangelo-6/3/1475-18/2/1564) é um dos maiores nomes do Renascimento. Em 1496, esculpiu a *Pietà*, na Basílica de São Pedro, no Vaticano, em Roma. Em 1501, fez a estátua *David*, em Florença, e, em 1513, esculpiu duas grandes estátuas, *Moisés* e *Os Escravos*. De 1508 a 1512, pintou o teto da Capela Sistina com cenas do Velho Testamento. Nomeado primeiro arquiteto, pintor e escultor do Vaticano pelo papa Paulo III, projetou a enorme cúpula da Basílica de São Pedro.

¹⁸⁴ BERNARDI, Mansueto. Praça Dante Alighieri de Caxias do Sul. In: _____. *Colônias e colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 45-48 (Obras Completas, v. 9).

Contudo, no final do século XIX e início do XX, a importância excessiva que muitos escritores brasileiros conferiam às produções literárias ocidentais era motivo de exacerbadas controvérsias, pois alguns intelectuais afirmavam que as idéias eram transplantadas sem levar em conta a incompatibilidade da estrutura social do país. Além disso, logo após a independência política do Brasil, a criação de uma literatura autônoma colocava-se para muitos escritores como dever patriótico, uma vez que acreditavam que de sua ação dependia a completa libertação do país. Assim, a questão da originalidade e da nacionalidade vem aliada ao princípio da não-imitação dos modelos estrangeiros, numa evidente tentativa de emancipação cultural. Esse aspecto é visível, por exemplo, na produção ensaística gaúcha do final do século XX, já que, segundo Carlos Alexandre Baumgarten, a crítica, “ao eleger a originalidade como condição indispensável para a consecução de uma expressão literária nacional e autônoma, manifestou-se basicamente [...] pelo afastamento dos modelos literários europeus”¹⁸⁵.

A condenação da cópia das produções artísticas do mundo ocidental baseia-se, dessa forma, na alegação de que, no Brasil, estava se estruturando, segundo Renato Ortiz, “uma cultura alienada, importada”¹⁸⁶, tornando-se evidente a “dependência dos países subdesenvolvidos com relação aos centros de decisões econômicas e culturais”¹⁸⁷. Possivelmente, os defensores da cultura nacional temiam a homogeneização, ou seja, receavam que a transmissão de um conjunto de produtos padronizados pudesse apagar as particularidades e diferenças locais e produzir, em seu lugar, uma ‘cultura mundial’ homogeneizada, ocidentalizada.

¹⁸⁵ BAUMGARTEN, op. cit., p. 80.

¹⁸⁶ ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 7.

¹⁸⁷ Idem, p. 75.

Nessa perspectiva, apesar de Dante Alighieri ter sido um escritor italiano da Idade Média, no prefácio da edição definitiva de *A divina quimera*¹⁸⁸, publicada em 1944, Mansueto assegura que a ninguém, “na esfera do Simbolismo, o título de ‘duca, signore e maestro’ se aplicaria melhor” do que a ele, “esse pontífice e rei do Aquém e do Além”. A rica simbologia mística presente na produção poética de Dante faz com que Bernardi o considere um dos maiores poetas simbolistas do mundo, chegando a afirmar que “é deveras estranho” que os simbolistas “não o tenham escolhido como patrono, porque ninguém reunia, para tanto, maiores títulos e merecimentos”.¹⁸⁹

Segundo Mansueto, a imitação dos modelos estrangeiros não deveria ser realizada somente através da literatura, mas também por meio de outras artes. No já referido projeto do Parque Dante Alighieri, por exemplo, ao propor a colocação de reproduções das estátuas de Miguel Ângelo no largo quadrangular, ele deixa implícito que a assimilação deveria acontecer por intermédio da escultura. Além disso, ao apresentar, em 1950, as finalidades da Galeria do Centro, que integraria o Centro da Boa Imprensa S.A., salienta que

sua função seria ao mesmo tempo mercantil e educativa, importando, fabricando ou expondo, para este fim, não somente obras de arte originais, mas também e principalmente reproduções de estatuetas, imagens e telas célebres, existentes nos museus e galerias de quaisquer países. Dessa forma, além de colhermos um bom fruto pecuniário, iríamos contribuir também para a elevação do nível artístico do povo e o embelezamento dos lares nacionais.¹⁹⁰

Provavelmente, a penetração intensiva de capital estrangeiro, ocorrida no Brasil a partir do início do século XX e que se estendeu pelo menos até o fim da I Guerra Mundial, veio determinar a postura de Bernardi. Os navios europeus, principalmente franceses, traziam o mobiliário, as roupas, o figurino e, do mesmo modo, as notícias sobre as peças teatrais e livros em voga, as escolas filosóficas predominantes, o comportamento, o lazer, as estéticas,

¹⁸⁸ BERNARDI, Mansueto. Prefácio. In: GUIMARÃES, Eduardo. *A divina quimera*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944.

¹⁸⁹ _____. Vida e poesia de Eduardo Guimaraens. In: _____. *Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 41 (Obras Completas, v. 2).

¹⁹⁰ _____. Projeto de organização do Centro da Boa Imprensa, S. A. In: _____. *Colônias e colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 119 (Obras Completas, v. 9).

tudo, enfim, que fosse consumível pela sociedade brasileira urbanizada e sedenta de modelos de prestígio. Logo, acompanhar o progresso significava alinhar-se aos padrões e ao ritmo de desdobramento da economia e da cultura européia.

Para Mansueto, conseqüentemente, a instalação da Editora do Centro prevista, em 1950, no projeto de organização do Centro da Boa Imprensa, contribuiria para o desenvolvimento do país, visto que esta teria por finalidade

fundir a essência da cultura nórdica com a essência da cultura mediterrânea, certos de que aos filhos do Brasil Meridional, onde principalmente nós atuaremos, esse é o alimento intelectual que mais convém ministrar; não só pelo fato de provir de troncos multisseculares e raízes atávicas imemoriais, senão também porque encontrará no próprio subconsciente do povo um mais vasto e mais natural aparelho de assimilação e de ressonância.¹⁹¹

Como se vê na produção esparsa de Mansueto, os livros são concebidos como meios de persuasão, difusão de convicções e formação intelectual, moral, religiosa, pedagógica e como recurso de intervenção social. Ele propõe-se, assim, a cooperar para o fortalecimento da influência do catolicismo na cultura brasileira e para a inserção do Rio Grande do Sul no circuito do Brasil letrado e este, por seu turno, na cultura ocidental. Além disso, nota-se que é a partir da conjuntura de imitação dos padrões europeus e da escolha da religião como linha central, que Bernardi estrutura seu projeto literário.

2.5 O PROJETO LITERÁRIO EM *TERRA CONVALESCENTE*

Conforme se observou nas seções anteriores, Mansueto Bernardi foi fortemente influenciado pelos preceitos religiosos da Igreja Católica. Natural da Itália, passou sua infância em Veranópolis/RS, município colonizado por imigrantes italianos, entre os quais o

¹⁹¹ Idem, p. 117-118.

catolicismo era o credo oficial e o que tinha o maior número de adeptos. Em consequência disso, os sacerdotes exerceram uma grande influência no contexto da colonização, sendo a autoridade religiosa a mais respeitada pelos colonos italianos, sobrepondo-se até ao poder político. Educado nesse ambiente, Mansueto teve sua formação orientada pelos ensinamentos cristãos que, com certeza, influenciaram seus conceitos morais, políticos e literários.

Na condição de poeta, Bernardi expressou, em versos parnasiano-simbolistas, as decepções sentimentais, os desencantos da vida humana, as fadigas do cotidiano na cidade, buscando consolo no catolicismo e na natureza. Como as correntes simbolistas e parnasianas coexistiram no Rio Grande do Sul e se influenciaram mutuamente, verifica-se, em *Terra convallescente*¹⁹², traços de ambas as estéticas. Por isso, como afirma Guilhermino César, Mansueto é um autor “de formação parnasiana, mas fortemente impregnado de idealidades e sonoridades de fundo simbolista”.¹⁹³

Como adepto do Simbolismo, Bernardi procura resgatar, em *Terra convallescente*, a relação do homem com o sagrado e com os símbolos, transformando o misticismo, a religiosidade, a espiritualidade, o pessimismo, a dor de existir e o desejo de transcendência em temas constantes de sua poesia. Além disso, sua poética é marcada pelo mistério, pela morte, por momentos de transição, como o crepúsculo, e pelo noturno, conforme se vê em “Almas penadas”:

A noite está repleta de presenças.
Presentimentos. Interrogações.
Confundem-se o visível e o invisível,
sob a magia das constelações.¹⁹⁴

Revestido de um profundo misticismo, o eu-lírico questiona-se sobre o sentido da existência humana, buscando os motivos da passagem do homem pelo mundo terreno e

¹⁹² _____. *Terra convallescente*. Porto Alegre: Globo, 1918. A segunda edição é de 1965, também pela Globo. Para o presente estudo, utilizaremos a edição preparada por Itálico Marcon, Porto Alegre: EST-Sulina, 1980 (Obras Completas de Mansueto Bernardi, v. 1).

¹⁹³ CESAR, Guilhermino. *Notícia do Rio Grande: literatura*. Porto Alegre: IEL: Ed. Universidade/UFRGS, 1994. p.123.

¹⁹⁴ BERNARDI, Mansueto. *Terra convallescente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 152 (Obras Completas, v.1).

ênfatizando que a morte e outras situações-limite, como o sofrimento, o mal, a impotência face aos elementos naturais, estão na gênese do significado da vida. É o que se observa no poema “A perene pergunta”:

Tais como grãos de areia ou quais folhas ao vento,
joguetes dum perpétuo e obscuro movimento,
os homens vêm e vão, para cá, para lá.
Alteram-se, na estrada, o gáudio e o sofrimento.
Mas o pouso final onde se encontrará?¹⁹⁵

Percebe-se, claramente, nesses versos, que o ser humano tem sua vida manipulada pelo destino, sendo um mero brinquedo e não tendo voz de comando sobre seus próprios atos. Entre conquistas e percalços, tudo se direciona para um mesmo desfecho, cuja hora e lugar são desconhecidos.

Nessa perspectiva, o negativismo e as dificuldades da existência são uma constante em sua poética. Em “Tristeza de viver”, o eu-lírico afirma não conhecer “o riso bom, fecundo, / nem o útil desejar, nem calmo sono, / mas ansiedades apenas, abandono, / erma desolação, tédio profundo.”¹⁹⁶ O poeta questiona-se quanto ao seu destino de homem triste, perguntando se é esse o fardo que deverá carregar até o final de sua existência ou se terá o almejado encontro com a alegria: “Ó alegria, esplêndida alegria, / ser-me-á dado sentir-te, acaso, um dia? / Ou deverei ser triste até a morte?”¹⁹⁷

Por sua vez, ao abordar a temática da morte, o eu-lírico reconhece a morte como uma passagem tão natural quanto o nascimento, tornando-se ela uma ocorrência inevitável. É o que se vê em “Vida-morte”: “Ao mirar da morte a face, / por que te pões a tremer? / Desde o momento em que nasce, / o homem começa a morrer.”¹⁹⁸

Já, em “Numa lápide”, o eu-lírico imagina-se diante da “porta marmórea do solar da Morte” e suplica à “porta do inferno” que, se tiver que transpô-la sozinho, ela nunca se abra. Porém, se houver de transpô-la com a mulher “com quem, há tanto tempo, anda a sonhar,”

¹⁹⁵ Idem, p. 65.

¹⁹⁶ Ibidem, p. 73.

¹⁹⁷ Ibidem, p. 73.

¹⁹⁸ Ibidem, p. 67.

pede: “porta do céu, abre-te agora mesmo!”¹⁹⁹ Assim, no momento fatal da morte, a presença da mulher amada serve de consolo e de estímulo ao eu-lírico, tornando a passagem mais tranqüila.

Utilizando um vocabulário litúrgico que transita entre o profano e o sagrado, em “Mors-amor”, o eu-lírico almeja ardentemente ser o ataúde da mulher amada para poder acolhê-la completamente dentro de si, fundindo-se com ela. Nesse poema, a concretização do amor impossível ocorreria apenas através da morte, momento único em que o poeta poderia tê-la somente para si: “Quisera ser o teu caixão, rainha! / Abrir-me, receber-te e após, fechado, / guardar, ciumento, a glória, linha a linha, / do teu divino corpo amortalhado!”²⁰⁰

Nota-se, por conseguinte, que a poética bernardiana aproxima-se do transcendentalismo simbolista através de uma visão de mundo que inclui o espiritual, o místico, o subconsciente, o delírio, o além-túmulo, o eu profundo, o absurdo, a melancolia, a solidão entre seus principais componentes, como em “Na sombra”, onde a figura lendária da princesa longínqua, amada e inacessível é recriada:

Este amor que em mim vibra e que ela não conhece,
este amor que tem toda a aparência de um crime,
pois que vibra na sombra e é na sombra que cresce,
este amor, mesmo assim, é sagrado e sublime.

Filtro que me envenena e hóstia que me redime,
grito que, ao mesmo tempo, é imprecação e prece,
amor humilde e triste, amor de quem padece...
Quero, em vão, exprimi-lo! Este amor não se exprime.

Adoro-a! E eis-me a viver, no entanto – ó escárnio eterno! –
dantescamente assim atado a esta cadeia.
com os olhos no céu e os pés dentro do inferno.

E quando assim, da sombra, acaso logro vê-la,
cego ser e não vê-la eu preferira: sei-a
(e o meu braço é tão curto!) alta como uma estrela!²⁰¹

O espiritualismo, provavelmente, leva o eu-lírico a assumir, nesse e em outros poemas, ocasionais atitudes de reverência mística diante do seu objeto amoroso, explicável

¹⁹⁹ Ibidem, p. 69.

²⁰⁰ Ibidem, p. 74.

²⁰¹ Ibidem, p. 65.

em razão do idealismo e da fé religiosa que fundamenta a formação do escritor. Por isso, o amor aparece acompanhado de uma melancolia resignada, recolhida e vaga.

Do ponto de vista do seu conteúdo, pode-se dizer, conseqüentemente, que a poética bernardiana foi muito diversificada, num ecletismo que reflete o vigor e a riqueza do Simbolismo e, ao mesmo tempo, sua condição de moda literária vulnerável ao influxo europeu. Dessa forma, transparece a desesperação existencial, o transcendentalismo teocêntrico e ocultista, o misticismo cristão, o lirismo amoroso de feição espiritualizante e platonizante, o intimismo e o penumbrismo.

Em decorrência, quanto ao vocabulário, o movimento simbolista brasileiro seguiu, de acordo com Massaud Moisés, o estímulo da poesia simbolista francesa, com o seu caráter medievalizante, catolicizante, litúrgico, funeral, hermético e esotérico, inclusive com implicações maçônicas. Dessa maneira, foram adaptados ou traduzidos termos franceses, ou tomados de empréstimo da liturgia católica.²⁰²

No soneto “Na sombra”, transcrito anteriormente, Bernardi utiliza palavras como “sagrado”, “hóstia”, “prece”, “céu”, “inferno”, que remetem ao vocabulário litúrgico. Tal particularidade também é evidenciada, mas de forma mais enfática, no poema “A canção dos sentidos”, através do uso de expressões como “glória”, “hosana” e “Ave, Rainha”.²⁰³

No que se refere à temática, a estética simbolista brasileira não foi nacionalista, nem nativista, como o foram o Romantismo e, até mesmo, o Parnasianismo em alguns de seus aspectos. Com relação a isso, esclarece Massaud Moisés que, em conseqüência do próprio matiz vago e místico do Simbolismo, o léxico dos simbolistas brasileiros afastou-se da realidade mais autenticamente nacional. Assim, pelos temas, pelas lendas e personagens

²⁰² MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira: o Simbolismo*. 4. ed. São Paulo: Cultrix Ltda., 1973. v. 4. p. 71-72.

²⁰³ BERNARDI, Mansueto. *Terra convalescente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 79-80 (Obras Completas, v.1).

mitológicos e pelo vocabulário, o Simbolismo brasileiro pareceu sempre respirar uma atmosfera abstrata, alheia ao contexto sócio-cultural em que se desenvolveu.²⁰⁴

Mansueto seguiu, quase sempre, a tendência existente dentro do movimento simbolista, para o exílio da realidade circundante e o conseqüente culto da torre de marfim. Todavia, em algumas produções, faz menção à paisagem brasileira e sul-rio-grandense, citando locais como o “Corcovado”²⁰⁵ e o “Vale das Antas”²⁰⁶, ou demonstra preocupação social, como em “Ao minuano”. Nesse poema, o eu-lírico suplica ao vento “minuano”, que sopra nas “coxilhas” gaúchas, que saneie e purifique com sua passagem o “Rio Grande” e toda a “pátria”, varrendo “a discórdia que aparta os irmãos dos irmãos”, “a fraude, em suas formas todas”, “a violência e todos os seus males” e “as más ambições que corvejam sobre os corpos de irmãos mortos pelos irmãos”.²⁰⁷

Percebe-se, portanto, que o autor não se abstrai totalmente da chamada “cor local”, havendo referência ao contexto em que está circunscrito, quando a paisagem e assuntos da realidade que o cerca ajudam a constituir os seus temas. Com relação a isso, explica Regina Zilberman que o grupo simbolista sulino caracteriza-se pela ausência de alusões à realidade circundante, mas o ambiente não deixa de aparecer colateralmente em seus textos, já que a valorização dos crepúsculos e do clima outonal revela a ressonância poética da paisagem sulina. Somando-se a isso, a reflexão sobre a condição do poeta, tema constante nos versos simbolistas, sugere o obscurantismo do meio, do ponto de vista político e intelectual²⁰⁸.

Bernardi também demonstra aderir à estética simbolista ao ponderar sobre a criação poética, em “O poeta Vesúvio”, comparando o ato criador à erupção do vulcão. Nessa construção metafórica, o escritor resume o processo de produção poética a um momento de

²⁰⁴ MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira: o Simbolismo*. 4. ed. São Paulo: Cultrix Ltda., 1973. v. 4. p. 71-72.

²⁰⁵ BERNARDI, Mansueto. *Terra convalescente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 130 (Obras Completas, v.1).

²⁰⁶ Idem, p. 145.

²⁰⁷ Ibidem, p. 134-135.

²⁰⁸ ZILBERMAN, Regina. *A Literatura no Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 22-23.

inspiração, contrapondo-se à clássica definição parnasiana de que o poema deveria ser resultado de um trabalho árduo e metódico, visando a atingir a perfeição formal:

O POETA VESÚVIO

Sempre ouvira falar com vago assombro
dos cósmicos poemas de Vesúvio.

Surdo rumor no seio da montanha
como de versos que vão se compondo.

.....
Mas, de improviso, um desmedido abalo,
uma corrente elétrica e profunda
o faz tremer, dos cimos às raízes.
Uma aura o investe, um frenesi violento,
a cujo império se lhe enfuna o peito,
como a vela se enfuna ao vendaval.

Brota-lhe então, da boca possesso,
com a fumaça e o fogo respiro,
uma caudal de férvidas estrofes,
que empolgam pela hipérbole e o fulgor.

Depois, serena. Os frêmitos se vão.
E há como um senso de libertação.

Certa manhã de outono, lento lento,
do monstro me acerquei com a alma inquieta,
ansioso por lhe ouvir a voz bravia.
Mas o flamante e bárbaro poeta,
de uma vida tão vasta e correntia,
ocultou, misterioso, o pensamento.
Não estava inspirado nesse dia.²⁰⁹

Como se vê, através da metáfora “brota-lhe então, da boca possesso, / com a fumaça e o fogo respiro, / uma caudal de férvidas estrofes, / que empolgam pela hipérbole e o fulgor”, é realizada uma reflexão sobre a condição de dependência de momentos de inspiração em que se encontra o poeta, uma vez que, quando, em uma “certa manhã de outono”, o eu-lírico aproxima-se do vulcão, “ansioso por lhe ouvir a voz bravia”, “o flamante e bárbaro poeta” demonstra não estar “inspirado nesse dia”.²¹⁰

Ainda nessa perspectiva, observa-se que o uso de metáforas é recorrente na obra de Mansueto, como é possível verificar nos poemas “Aves noturnas”²¹¹, em que os sonhos são

²⁰⁹ BERNARDI, Mansueto. *Terra convalescente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 139 (Obras Completas, v.1).

²¹⁰ Idem, p. 138-139.

²¹¹ Ibidem, p. 65.

comparados mentalmente a aves noturnas do sono, e “Drama infantil”, no qual o eu-lírico afirma que “cada semblante é um espelho / cheio de graça e de riso”²¹². A utilização de construções metafóricas caracteriza o movimento simbolista, sendo que essa estratégia já começou a ser usada no Romantismo, mas foi repelida pelo Parnasianismo e, posteriormente, resgatada e aprimorada pelo Simbolismo. Nas palavras de Afrânio Coutinho, “em lugar da expressão direta, incapaz de captar as essências internas e os sentimentos mais intimamente pessoais”, os simbolistas usavam “processos indiretos, associações de idéias, representadas por feixes de metáforas e símbolos”²¹³.

Logo, a presença de uma linguagem que sugere, em lugar de nomear ou descrever a realidade, sem delineá-la totalmente, bem como a utilização de elementos que remetem ao questionamento da razão, à dor da existência, ao interesse pelo mistério, à transcendência espiritual, são peculiaridades do Simbolismo evidenciadas em *Terra convalescente*. Sob o ponto de vista de Bosi²¹⁴, o movimento artístico-literário simbolista faz uso de símbolos, imagens, metáforas, sinestésias, além de recursos sonoros e cromáticos, com a finalidade de exprimir o mundo interior, intuitivo, antilógico e anti-racional.

Todavia, há certa preocupação formal que aproxima Bernardi dos parnasianos. Em contraposição ao Romantismo, ao sentimentalismo exacerbado e à debilidade dos versos de seus escritores, surgiu o movimento parnasiano, que se baseou no binômio objetividade e culto da forma. Nele, a impassibilidade diante do objeto despontava como negação do sentimentalismo romântico, numa tentativa de fazer da poesia apenas uma fotografia estática, objetiva e sem emoção. Trata-se de uma corrente preocupada com a arte pela arte, ou seja, que a arte existiria não em função da humanidade ou da sociedade, mas em função de si mesma, não tendo outro objetivo senão a expressão da beleza. A estética parnasiana, conforme

²¹² Ibidem, p. 132.

²¹³ COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1978. p. 217.

²¹⁴ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 40. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

Afrânio Coutinho, defendia o impessoal, o objetivo, o gosto do detalhe e da precisa representação da natureza, a preferência pela forma em detrimento do conteúdo, a ênfase no descritivo exterior, no factual, na pintura do lugar comum e do cotidiano.²¹⁵

Em termos pragmáticos, portanto, o Parnasianismo e o Simbolismo são movimentos diametralmente opostos. Apesar disso, a estética parnasiana, no Brasil, penetrou muito além dos seus limites cronológicos, subsistindo paralelamente ao movimento simbolista e, até mesmo, ao modernista, visto que o seu formalismo deitara raízes muito fundas na tradição literária brasileira para ceder facilmente aos ímpetus renovadores da estética simbolista:

Como movimentos poéticos, o Parnasianismo e o Simbolismo, fenômenos literários diversos na atitude espiritual, na linguagem geracional e no estilo de expressão, permaneceram muito tempo ora paralelos, ora misturando-se. Escritores houve que se caracterizaram pelas impregnações parnasianas e simbolistas. De modo que, nenhum tendo conseguido afastar o outro, penetraram ambos pelo século XX, continuando o Parnasianismo isolado em certas figuras de epígonos, ou constituindo, de mistura com elementos do Simbolismo, uma fase de poesia de transição e sincretismo, que, de 1910 a 1920, preparou o advento do Modernismo.²¹⁶

Por conseguinte, tanto na perspectiva histórica quanto na estética, o movimento simbolista misturou-se ao Parnasianismo, ajudando a compor a dinâmica artística do final do século XIX e início do XX. Ao invés de sucumbirem, os estilos estéticos se fecundaram reciprocamente e se modificaram, originando aos poucos, formas renovadas, que nunca foram completamente novas, porque agregaram inúmeros elementos das escolas antecedentes. Desse modo, é evidente que, na literatura, após 1890, a superação da estética parnasiana deu-se, apenas, por meio da introspecção e do simbolismo.

Nesse contexto, a forma lapidar, o gosto pelo soneto, com perfeita estrutura métrica e sonora, a utilização das rimas ricas e, ainda, o refinamento da linguagem, na sua correção absoluta e no uso de um vocabulário requintado, são aspectos que colocam Mansueto muito próximo da tendência parnasiana, conforme se vê em “Holocausto”:

Morra, enfim, este amor que da alma repentino,
um dia me brotou como uma rosa estiva;

²¹⁵ COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1978. p. 213.

²¹⁶ Idem, p. 208.

que mil vezes me fez chorar como um menino,
que todo me vestiu como uma chama viva!

Àquela que o inspirou, talvez passando, esquiva,
cante a paixão, morrendo, o seu mais cálido hino!
E sendo por quem é, morra de face altiva,
num gozo musical, como ao som de um violino...

Pois que Ela assim o quer, meu grande amor infausto,
em meio ao fumo e ao fogo ardente do holocausto,
mostra-te igual a um deus radioso e sem barulho.

Bebe a taça de fel como um licor supremo.
Extingue-te sem ais dentro do teu orgulho,
que poema eu te farei gêmeo do bronze eterno!²¹⁷

Aparecem, nesse poema, características parnasianas mescladas com nuances simbolistas. O esmero da forma, representado pela utilização do soneto, da rima rica, de construções sintáticas complexas (marcadas por inversões violentas) e pelo rigor formal quanto ao número de sílabas poéticas, caracteriza a influência da escola parnasiana. Como elucida Coutinho²¹⁸, opondo-se à simplicidade formal romântica que, de certa forma, popularizou a poesia, os parnasianos eram rigorosos quanto à métrica, às rimas e ainda quanto à riqueza e raridade do vocabulário. É por isso que são freqüentes nos textos parnasianos os hipérbatos (ordem indireta), as palavras eruditas e difíceis, bem como as rimas forçadas.

Conforme se vê no soneto “Holocausto”, Bernardi opta pelos versos alexandrinos, mas a presença do verso decassílabo pode ser percebida em outros momentos de sua produção poética, como no já citado “Mors-amor”. Além disso, a maior parte dos versos tem rimas alternadas ou intercaladas e ricas, formadas por palavras de classes gramaticais diferentes. Na maioria das vezes, emprega as rimas graves ou chamadas paroxítonas, bem como a rima consoante, ou seja, entre vocábulos que têm os mesmos fonemas a partir da sílaba tônica:

Os parnasianos conferiram o maior apreço à rima, aceitando, contudo, apenas a rima consoante, abjurando a toante. Para seu uso estabeleceram-se regras rígidas, interditando-se o emprego da mesma categoria gramatical, norma nem sempre obedecida, e dando-se preferência à rima paroxítona, em contraposição ao Romantismo, que havia praticado abundantemente a rima oxítona. Desprezaram a rima interna, de que a escola anterior fizera uso. Também não a admitiam tão somente no 2º e no 4º verso das quadras, mas exigiam todos os quatros versos rimados. Pregavam ainda as alternâncias graves, agudas ou esdrúxulas – estas

²¹⁷ BERNARDI, Mansueto. *Terra convallescente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 73 (Obras Completas, v. 1).

²¹⁸ COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Global, 1997. v. 4.

últimas pouco empregadas, certamente por oposição ao Romantismo, que as usara e de que lançaram mão também os realistas. Todos os versos deviam ter rimas, paralelas ou intercaladas; mas nenhum deveria ficar sem elas [...] Pouco amaram o verso branco. Ressuscitaram o soneto e restituíram o alexandrino ao modelo clássico [...] Começou a surgir a preocupação da chave de ouro e a procura da rima rica – as quais viriam a transformar-se em cacoetes em fase ulterior.²¹⁹

Nota-se, portanto, que a poética simbolista não rejeitou a influência do Parnasianismo, como facilmente se pode verificar pela frequência com que Mansueto utiliza o soneto, esforçando-se para atingir os preciosismos dos parnasianos, no que concerne à estrutura métrica e à rima, não faltando, algumas vezes, nem mesmo as chaves de ouro. Porém, a métrica bernardiana diferenciou-se da parnasiana em algumas minúcias, como o emprego da redondilha maior e, quase sempre, do decassílabo, como em “Terra convalescente”, admitindo várias combinações rítmicas. Também usou, especialmente nas últimas produções poéticas, a partir dos anos 50, o verso livre, ou seja, aquele em que se empregam à vontade, em períodos de extensão variável, os metros de diferentes comprimentos e as diversas combinações de rima.

Acerca disso, afirma Massaud Moisés que, embora os simbolistas brasileiros não se tenham libertado completamente da preocupação parnasiana da forma perfeita e lapidada, longe estiveram de se render ao formalismo por si próprio e acabaram por atribuir-lhe características novas, a fim de adaptá-lo aos propósitos que desejavam concretizar. Eles começaram por desarticular, de várias formas, o alexandrino rígido dos parnasianos, aparecendo os alexandrinos duplamente cesurados. O decassílabo passou por um processo de descristalização e repontaram os versos pentassílabos e hendecassílabos. O verso livre também entrou na poesia brasileira, fazendo aparecer versos longos, de 17 e 19 sílabas. Além de adoçar a rigidez parnasiana, os poetas conjugaram harmonicamente o sentimento original e

²¹⁹ PACHECO, João. *A literatura brasileira: o Realismo*. 3. ed. São Paulo: Cultrix Ltda., 1968. v. 3. p. 69-70.

elevado e uma estrutura adequadamente original e elevada, ou seja, à perfeição do conteúdo deveria corresponder a perfeição da forma.²²⁰

Logo, a interferência do convívio das estéticas parnasiana e simbolista faz-se sentir na organização formal da poesia produzida por Mansueto, através da variedade dos metros e dos recursos poéticos utilizados, do emprego do verso livre e da utilização do alexandrino clássico. Além disso, sob o influxo do movimento parnasiano, que considera a tradição greco-latina como o ideal de beleza, Bernardi utiliza metáforas derivadas da cultura e das narrativas da Antigüidade Clássica:

AFINIDADE

A que ambos nos quer unir,
afinidade tão viva,
é a mesma força instintiva
que faz a chama subir.

Em tempo quase esquecido,
o fogo estava no céu.
Baixou à Terra, devido
ao furto de Prometeu.

Mas inda e sempre, sem pausa,
o fogo tenta se erguer.
É por essa mesma causa
que o meu ser busca o teu ser.

Pois em séculos defuntos
-tão igual é o nosso anseio-
eu não sei onde, mas creio
que nós já vivemos juntos...²²¹

Nesse poema, o autor faz referência à figura trágica e rebelde de Prometeu, símbolo da humanidade, que constitui um dos mitos gregos mais referidos na cultura ocidental. Filho de Jápeto e Climene - ou da nereida Ásia, segundo outras versões -, Prometeu pertencia à estirpe dos Titãs e criou o primeiro homem usando o barro, sendo um grande benfeitor da raça humana. Quando Zeus oprimiu os homens e os privou do fogo, Prometeu roubou-o do céu e ensinou várias artes aos humanos. Querendo favorecê-los, valeu-se de um ardil para induzir

²²⁰ MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira: o Simbolismo*. 4. ed. São Paulo: Cultrix Ltda., 1973. v. 4. p. 90-91.

²²¹ BERNARDI, Mansueto. *Terra convalescente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 78-79 (Obras Completas, v.1).

Zeus a escolher as porções menos desejáveis das vítimas dos sacrifícios aos deuses, deixando assim a parte melhor da carne para os homens. Indignado, Zeus enviou-lhe a bonita Pandora, uma mulher feita de barro, portadora de uma caixa que, ao ser aberta, espalharia todos os males sobre a Terra. Como Prometeu resistiu aos encantos da mensageira e conhecia também o segredo ligado ao casamento de Têtis, porém recusava-se a revelá-lo, Zeus o acorrentou a um penhasco, onde uma águia devorava diariamente seu fígado, o qual se reconstituía à noite. Essa tortura prolongou-se até que Hércules matou a águia e libertou Prometeu ou, segundo outra versão da lenda, resignou-se e revelou a Zeus o segredo de Têtis.²²²

Seguindo, portanto, a tendência parnasiana de resgatar a arte clássica, nesse e em outros poemas, como “A camélia”²²³, em que essa é comparada à “Vênus de Milo”, Mansueto retoma objetos e temas da Grécia e da Roma antiga. No imaginário parnasiano abundam, na perspectiva de João Pacheco, as metáforas inspiradas nas lendas e na história da Antigüidade Clássica, que vêm a simbolizar o ideal de beleza, em contraposição à Idade Média, que merecera predileção romântica e era vista agora como uma época sombria e mórbida.²²⁴

Com efeito, pode-se dizer que Bernardi jamais se deixou dominar totalmente nem pela estética parnasiana, nem pelo movimento simbolista, mas mesclou, em sua produção poética, as influências de ambas as tendências. Como exemplo, podemos citar o poema “Essência vital”:

Quero bordado o verso e rara a rima.
Porém verso bordado e rima rara
os comporei somente enquanto avara
essa não for, que a lira me sublima.

Facho de Prometeu que o barro anima,
do seu olhar eu necessito, para
dar vida à estrofe; e só assim a clara
frase descubro que o pensar me exprima.

Forma que ele não banha, é forma fraca,

²²² KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. p. 339-340.

²²³ BERNARDI, Mansueto. *Terra convalescente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 106 (Obras Completas, v.1).

²²⁴ PACHECO, op. cit., p. 70.

porque, se longe o doce olhar cintila,
na mão nervosa, bronca a pena estaca.

Ah! Mas se nele a pena embebo, terso
rutila o estilo, porque então rutila
um raio desse olhar em cada verso!²²⁵

Divulgado, inicialmente, no jornal *Correio do povo*, na edição de 25 de julho de 1909, esse soneto foi interpretado, na perspectiva de Itálico Marcon, como profissão de fé parnasiana, desencadeando uma polêmica em verso, em que se confrontaram Zeferino Brasil²²⁶, Sabino Magalhães e Tito O. Tôrres²²⁷. Todavia, na opinião de Marcon, “Essência vital” era um verdadeiro manifesto de dissidência, um grito de rebeldia contra o artesanato asfixiante e a forma marmórea, retorcida e acentuadamente decorativa, frutos, no estado do Rio Grande do Sul, do esteticismo vazio de Victor Silva.²²⁸

Entretanto, até mesmo nessa suposta profissão de fé simbolista, observam-se nítidas impregnações parnasianas. A própria opção do autor pela utilização do soneto, o uso de construções sintáticas complexas, marcadas por hipérbatos, e a menção a “Prometeu”, figura mitológica pertencente à tradição greco-latina e reverenciada pelos parnasianos, refletem a influência desse movimento. Além disso, atente-se para o primeiro quarteto, em que o eu lírico afirma desejar “bordado o verso e rara a rima”, abrindo mão dessas peculiaridades, de acordo com a seqüência do soneto, somente quando elas prejudicarem a primazia da inspiração na elaboração do poema e a clareza da produção. Logo, deduz-se que o poeta não deseja se libertar totalmente das amarras do Parnasianismo, mas conciliar aspectos que considera positivos de ambas as tendências.

Outra particularidade que se destaca, em vista disso, nos poemas de *Terra convaléscente*, é o diálogo com as literaturas italiana e francesa. Mansueto foi um intelectual

²²⁵ BERNARDI, Mansueto. *Terra convaléscente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 81 (Obras Completas, v. 1).

²²⁶ Zeferino Brasil (1870-1942) nasceu e faleceu no Rio Grande do Sul, sendo considerado o maior poeta parnasiano do sul do país, embora sua arte tenha tido muito de simbolista. Recebeu a láurea de "príncipe dos poetas do Rio Grande do Sul", tendo publicado, entre outras obras, *Alegros e surdinas* (1890), *Traços cor-de-rosa* (1892) e *Vovô musa* (1903).

²²⁷ Sabino Magalhães e Tito O. Tôrres são poetas gaúchos do final do século XIX e início do XX.

²²⁸ MARCON, Itálico. Apontamentos biográficos. In: BERNARDI, Mansueto. *Terra convaléscente*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1980. p. 14 (Obras Completas, v. 1).

que teve sua produção escrita dividida entre as influências culturais da Europa e a realidade social do Rio Grande do Sul e da Serra Gaúcha. Em sua produção literária, percebe-se claramente a intercomunicação entre o universo rural e de descendência italiana, e o pensamento cientificista europeu. Inspirou-se na teoria e na prática do Simbolismo europeu e, à sua maneira, aclimatou-as ao contexto brasileiro e sul-rio-grandense, produzindo sua obra a partir de um diálogo fecundo com as obras poéticas do francês Baudelaire e do italiano D'Annunzio.

Bernardi pretende, como já foi visto na seção anterior, consolidar um projeto literário identificado com a nação, buscando qualificar a literatura local para que o Brasil alcançasse o almejado progresso cultural, sem, porém, desprezar a contribuição estrangeira, clássica e moderna. Da síntese desses elementos é que nasceria a nova cultura, com características específicas.

Acerca disso, expõe Afrânio Coutinho que o ideal do pensamento literário nacionalista era nacionalizar a literatura, sem, contudo, deixar de lado a cultura clássica e a nobre conexão com os monumentos estrangeiros. Por nacionalização entendia-se absorver e captar as peculiaridades da situação sócio-histórico-geográfica brasileira, fazendo-as existir como símbolos que traduzissem literariamente a vida social nacional.²²⁹

O diferencial do nacionalismo literário defendido por Mansueto é, portanto, o respeito aos vínculos culturais que atrelam a cultura brasileira à européia. O autor defende a conservação da integração com as fontes estrangeiras da cultura, pois crê que o verdadeiro nacionalismo é aquele que resulta da fecundação exercida pelo espírito universal na matéria-prima nacional. Ele recomenda, assim, a subordinação da substância local ao processo transfigurador baseado nos grandes mestres e modelos.

²²⁹ COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1978. p. 236.

Confirma essa opção estética o poema “Invocação aos poetas”, no qual o eu-lírico suplica ao “Espírito de Dante e Baudelaire” que o ajudem, “ao longo do caminho desta vida / que ora é amargo declive, ora subida”, a “entrever, da sombra infinda, / a luz da Madrugada rosicler.”²³⁰ Como se nota, o eu-lírico coloca-se sob a proteção dos autores que já eram, àquela altura, grandes mestres do movimento simbolista, tornando-se o poema uma espécie de profissão do credo poético bernardiano ao Simbolismo europeu.

A admiração de Mansueto por Gabriele D’Annunzio pode ser comprovada em “Lumen cordis”²³¹, soneto em que descreve a impressão da *La Gioconda* (1899), peça do escritor italiano. Também dão mostras da valorização dos simbolistas europeus as duas epígrafes que antecedem o poema “Cântico da montanha”²³². Uma é de Dante, e diz: “Ditene dove la montagna giace, si che possibil sia l’andare in suso.”²³³ A outra é composta por versos da peça teatral *La figlia di Iorio*²³⁴ (1903), de D’Annunzio: “Io pascevo la mandra alla montagna. Alla montagna debbo ritornare.”²³⁵

Pode-se deduzir, por conseguinte, que, na visão de Bernardi, as literaturas conseguem enriquecer-se e fecundar-se mutuamente na intercomunicabilidade. O autor acredita que, se a influência alienígena respeitar as características nacionais peculiares, pode ser criada uma literatura original, distinta de todas as outras, com qualidades típicas na temática, na forma, no sentido e no imaginário.

Nessa ótica, ao se referir ao Simbolismo sul-rio-grandense, Maria Luiza B. da Silva²³⁶ afirma que essa poesia segue duas vertentes em sua formação: uma que a leva a dizer continuamente o “terruño”, isto é, a expressar uma maneira própria de ser e de sentir o local, e outra que absorve as tendências poéticas ocidentais de uma forma muito peculiar,

²³⁰ BERNARDI, Mansueto. *Terra convalescente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 68 (Obras Completas, v. 1).

²³¹ Idem, p. 77-78.

²³² Ibidem, p. 108-111.

²³³ Diga-me onde fica a montanha, se é possível ir adiante.

²³⁴ A filha de Iorio.

²³⁵ Eu conduzia a tropa para a montanha. Para a montanha devo retornar.

²³⁶ SILVA, Maria Luiza Berwanger da. *Paisagens reinventadas: traços franceses no Simbolismo sul-rio-grandense*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

singularizando-a no conjunto da produção nacional. De um lado, pois, temos a inclinação para com as peculiaridades da Província na busca de uma expressão estética própria; de outro, a apropriação do alheio em processo transformador que contribui para o encontro de uma maneira singular de ser.

Como foi dito na seção em que se discutiram os ensaios literários do escritor, Mansueto viveu em meio aos livros e, em virtude disso, familiarizou-se com muitos nomes da literatura ocidental. A inteligência brasileira manteve, por sua vez, contato com os grandes centros europeus de produção intelectual que modelaram, ao mesmo tempo, a consciência da unidade e da autonomia cultural do país. Conseqüentemente, o Simbolismo, um fenômeno de origem francesa, que se irradiou por todo o mundo, impregnou outras literaturas, entre elas a brasileira. Nessa conjuntura, sendo Baudelaire (1821-1867), como informa Afrânio Coutinho, o grande precursor da estética simbolista - a quem Rimbaud, em 1871, começou a cultuar - e um dos seguidores de Edgar Allan Poe (1809-1849), considerado o pai do movimento simbolista²³⁷, é até compreensível que Bernardi se tornasse um baudelairiano:

Da tua estirpe assim pode surgir, um dia,
um Agostinho, um Dante, um Baudelaire.
O espírito não segue nunca a mesma via.
Sopra onde quer.²³⁸

O influxo do poeta francês, exemplo para muitos simbolistas no Brasil, não causa, portanto, surpresa, já que “foi a influência francesa que marcou a vida no país”²³⁹ no início do século XX. Todavia, a presença dos italianos Dante e D’Annunzio configura algo singular. A adesão de Mansueto aos modelos italianos, incomum no Simbolismo brasileiro, por causa da impregnação francesa, pode ser explicada pelas leituras do autor e pelos estreitos laços de amizade que o uniam, conforme foi visto anteriormente, a Eduardo Guimaraens, simbolista

²³⁷ COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1978. p. 214.

²³⁸ BERNARDI, Mansueto. *Terra convalescente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 161 (Obras Completas, v.1).

²³⁹ COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1978. p. 91.

sul-rio-grandense cujo “italianismo”, na visão de Massaud Moisés, “explica o ‘estético’, o ‘raro’, o ‘sutil’ de sua poesia, que é, por isso mesmo, diferente da dos demais poetas do tempo”²⁴⁰.

Provavelmente, também devido à convivência com Guimaraens, o poeta que mais deslumbrou Bernardi foi Dante, porque de “todos os italianos” que “impressionaram profundamente” Eduardo e “marcaram-lhe o espírito para sempre, o primeiro lugar cabe a Dante”²⁴¹. Desse modo, Mansueto intercalou, em sua obra, o Dante, insólito viajante das Sombras, e o Dante companheiro, fraterno, amoroso e humano da obra *Vita nuova*:

Ó sempiterno e luminoso Dante
eu, misérrimo verme, eu tenho algo de ti !
Eu bem sei que não fiz a *Divina comédia*,
nem o *Convívio*, nem a *Vita nuova*.
Mas a ti me equiparo no anseio civil
e até o nível do teu gênio me ergue
a multiplicação do sofrimento.
No mutável caminho desta vida,
como tu, portentoso e pálido viajante,
eu também me encontrei numa floresta escura,
onde as paixões mais sórdidas bramiam.
Como tu, eu também por feras fui detido,
Como tu, eu também já passei pelo Inferno!²⁴²

O eu-lírico deste poema, tal como Dante, é o peregrino da mata escura, o qual está mergulhado no sofrimento. Sente-se confuso e, assim, surgem dúvidas, questionamentos em forma de trilhas tortuosas que o impedem de avançar e discernir.

Entretanto, ele deseja a luz: “toda a tua dor, alma sombria, / talvez não passe, como o próprio fumo, / de um desejo violento de ser luz!”²⁴³. Aliás, nesse sentido, basta recordar as duas epígrafes que antecedem a segunda parte de *Terra convalescente*. Uma é de Goethe, e diz: “Nós pertencemos a uma estirpe que, da sombra, se encaminha para a luz.” A outra, de Dante, afirma: “Puro e disposto a salire alle stelle.”²⁴⁴

²⁴⁰ MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira: o Simbolismo*. 4. ed. São Paulo: Cultrix Ltda., 1973. v. 4. p. 123.

²⁴¹ Idem.

²⁴² BERNARDI, Mansueto. *Terra convalescente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 149-150 (Obras Completas, v. 1).

²⁴³ Idem, p. 72.

²⁴⁴ Puro e disposto a subir até as estrelas.

Em virtude disso, para Sérgio Farina²⁴⁵, as camadas noturnas da vida, na poesia de Bernardi, nunca foram trevas espessas, mas apenas um entardecer pré-crepuscular. Suas empreendidas baudelaireanas de desespero, horror e tédio não passaram de tentativas, pois a luz o teria deslumbrado como suprema beleza da vida. Trata-se, por outro lado, de acordo com Guilhermino Cesar²⁴⁶, de um poeta voltado para a sombra, “um autêntico ‘crepuscolare’”.

Considerando isso, é possível afirmar que *Terra convalescente* inicia marcada por uma atmosfera sombria e nostálgica, pelo desencanto, pela dúvida, pelo negativismo, pela tristeza e pela morte, avançando para a descoberta da claridade, para uma subjetividade mergulhada na luz e ligada à natureza. Segundo João Pinto da Silva,

os versos da *Terra convalescente*, antes do mais, são o diário lírico de uma alma sensibilíssima, evoluindo da concepção pessimista da vida para um otimismo sereno e criador. Dentro da sombra ondeante da primeira parte, há gestos longos de desespero; há dúvidas enormes, velhas dúvidas que se mostram sob novas aparências; há as mais dramáticas atitudes de um espírito diante do espetáculo, ainda não bem compreendido, dos seres e das coisas, - diante, em suma, da grandeza trágica do Mundo. A segunda parte, num contraste absoluto, é uma zona larga e calma, com avenidas, e lagos, e colinas, fulgurantes sob o sol meridiano. O poeta olha o Universo e o os Homens com outros olhos.²⁴⁷

A fase inicial da obra, denominada *Umbra*, é marcada pela sombra e pelo crepúsculo. Trata-se de uma poesia-inquietação, de uma poesia-dúvida, de uma poesia-quase-desespero. Por outro lado, a segunda parte, intitulada *Lux*, emerge sinalizada pela luz. Nos seus versos, há uma vibração nova de entusiasmo, semantizada pela luminosidade, transparência e superação das sombras pela esperança.

A poesia não se entrega, entretanto, logo à luminosidade da natureza. Há um período intermediário de transição, de sombras e tempestade. Aparecem, depois, a convalescença, o renascimento e, finalmente, a plenitude radiosa. É possível verificar esse estágio de convalescença através dos versos de *Terra convalescente*, poema que dá título ao livro.

²⁴⁵ FARINA, Sérgio. *Mansueto Bernardi: poeta da própria poesia*. Porto Alegre, 1977. 151f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. p. 64.

²⁴⁶ CESAR, op. cit., p. 123.

²⁴⁷ SILVA, João Pinto da. *Terra convalescente: poesias de Mansueto Bernardi*. *Almanaque do Globo*, Porto Alegre, v. 4, p. 319, 1920.

E inumeráveis, tênues, verdes – sonhos
 ainda imprecisos de um arbóreo artista -
 na ponta dos estípites risonhos
 pequeninos botões surgem à vista.

O caudal impetuoso mais não transborda.
 Um cheiro de húmus todo o ambiente incensa.
 E em seu leito de enferma a Terra acorda
 para o milagre da convalescença.²⁴⁸

Esses versos mostram o fortalecimento, o rejuvenescimento, o entusiasmo, a renovação, o ardor que fazem com que o ambiente natural supere a convalescença. A luminosidade cria o fascínio desse panorama de ressurreição da natureza, em que o renascimento da vida clarifica e vivifica o ambiente. Constata-se que a luz absorve as sombras num processo progressivo já que, como o próprio eu-lírico afirma, “sob o efeito sutil do batismo da luz, gra-du-al-mente (sic) o véu da sombra se reduz”²⁴⁹.

A trajetória percorrida pela poética de Mansueto, das sombras para a luz, lembra claramente o mito da ressurreição de Jesus Cristo, propalado pela Igreja Católica. A natureza é vista como fruto da ressurreição, como reino da graça e da luz, como complemento da obra divina, pois, após as dificuldades do inverno e da tempestade, o ambiente natural renova-se tal como a vida toma novo sentido com a ressurreição de Cristo.

Consoante Donaldo Schüler, Bernardi “cria poesia religiosa de que não existe exemplo expressivo na literatura do Rio Grande do Sul antes dele”. Todavia, na opinião do crítico, a poesia religiosa não o afasta do mundo como acontece no “misticismo laicizado de Eduardo Guimarães”, mas faz com que ele perceba “o divino no mundo, na fraternidade que une os seres irmanados pela criação”. Prova disso é que *Terra convalescente* tem por epígrafe “palavras de São Francisco de Assis em que o santo chama irmã a mãe terra”.²⁵⁰

²⁴⁸ BERNARDI, Mansueto. *Terra convalescente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 104 (Obras Completas, v.1).

²⁴⁹ Idem, p. 170.

²⁵⁰ SCHÜLER, Donaldo. *A poesia no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p.132-133.

Na obra de Mansueto, o espírito alcança a total satisfação através do vínculo estreito do homem com a natureza. Em virtude disso, o inverno é o mecanismo que oprime e traz consigo o sentimento de morte:

A TRAGÉDIA DO INVERNO

Tal como um grande círio a bruxulear na bruma,
o sol, nublado, expande um brilho de agonia.
Trona de quando em quando. E sob a névoa fria
de ásperas serras más o alto perfil se apruma.

Correm sombras no chão, o rio se avoluma.
O claro olhar dos bois chora de nostalgia.
Ao norte, ao sul, ansioso, o coração espia
E uma só flor não vê, não vê ave nenhuma.²⁵¹

Enquanto esse soneto mostra claramente a prostração da natureza, o poema *Terra convallescente* canta a vida, ou seja, a terra se recuperando das dificuldades sofridas no inverno. Conforme já se disse, é possível relacionar o sentimento trágico da morte da natureza, no inverno, e seu posterior renascimento, na primavera, à experiência cristã da ressurreição do filho de Deus, após a morte:

TERRA CONVALESCENTE

Mas eis que aos chilros, nos beirais das casas,
de volta dos países mais remotos,
andorinhas gentis ruflam as asas...
Dilui-se a névoa. Eis os primeiros brotos.²⁵²

Portanto, a natureza passa por um momento de declínio, para depois surgir renovada e tomada por um novo vigor. Nas palavras de Schüller, “a terra convallescente se recupera dos rigores do inverno, suficientemente rigoroso no Sul para reiterar aqui a idéia da morte temporária, seguida pela ressurreição, ou convallescência, como quer Bernardi.”²⁵³

Na terceira parte de *Terra convallescente*, destaca-se a descrição da natureza, na qual a paisagem rural é exaltada. Ao mesmo tempo em que tem o vigor e a abundância dos frutos e o perfume das flores, ela sofre com a destruição ocasionada pelas adversidades climáticas.

²⁵¹ BERNARDI, Mansueto. *Terra convallescente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 102 (Obras Completas, v.1).

²⁵² Idem, p. 103.

²⁵³ SCHÜLER, op. cit., p. 134.

Conforme Guilhermino César, “tornou-se Mansueto o mais comovido cantor da Serra, [...] voltou-se para os cenários da mocidade, e sua pena esgravatou, nostálgica o passado, as memórias do clã, a terra afeiçoada pelo suor dos camponeses mortos”²⁵⁴. Com isso, na obra sobressaem “o aroma, e a cor, e o som”²⁵⁵ da natureza serrana do Rio Grande do Sul, além de muitos elementos rurais, como as aves, as árvores, as rosas, as montanhas, os rios, o ar livre, a névoa, o sol, o luar:

CÂNTICO DA MONTANHA

Criado sobre o dorso da montanha,
a par do amor filial, no meu interno,
outro afeto nasceu, sincero e terno,
que ora estes versos ilumina e banha.

É o culto das montanhas. É um instinto.
É a paixão do holandês pelos canais.
Agora mesmo, em só lembrá-las, sinto
na alma que dia a dia as quero mais.

.....
Sempre que a vejo esfarrapando, aos ventos,
as nuvens que no espaço vêm e vão,
ouço em meu sangue, a arder, gritos violentos,
surdas ânsias de embate e de ascensão.²⁵⁶

De maneira geral, a natureza descrita nessa etapa da obra é, em alguns momentos, melancólica e crepuscular e, em outros, alegre e impregnada de vida e de luz. A paisagem assume feições tristes e sombrias, mas, ao mesmo tempo, ressurge com nova vitalidade e luminosidade, sendo considerada pelo eu-lírico como o lugar poético ideal para a evasão de sentimentos e impressões da alma.

Aliados à exaltação da natureza, também a espiritualidade, a religiosidade e o misticismo estão presentes de forma contundente em sua produção, especialmente na parte final do livro. Contudo, aqui, as construções sintáticas são mais simples e uma aura de

²⁵⁴ CESAR, op. cit., p. 122.

²⁵⁵ BERNARDI, Mansueto. *Terra convalescente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 105 (Obras Completas, v.1).

²⁵⁶ Idem, p. 108-109.

nostalgia e franciscanismo envolve os poemas, características não evidenciadas nas fases anteriores²⁵⁷:

AOS CIPRESTES

Tenho predileção pelos ciprestes.
 Não porque lembrem lutosos cemitérios,
 esverdeadas tristezas depressivas,
 derrotas e desânimos covardes.
 Mas porque enxergo neles uma das mais altas
 e puras formas da existência vegetal.

.....
 Há qualquer coisa de cristão nessa atitude
 de encolhimento e de desprendimento,
 que os distinguem das outras espécies
 do seu reino cheiroso e farfalhante.²⁵⁸

Marcada por uma carga emocional, essa última etapa da produção poética sugere um processo de interiorização na busca dos mistérios da vida e da morte, no encontro com a religião e com Deus. Talvez como uma forma de fugir da realidade que o oprime, o eu-lírico busca o mundo espiritual e o contato com a natureza, estabelecendo uma conexão harmoniosa entre esses dois elementos.

Nesse sentido, ao analisar a obra de alguns poetas católicos, que, como a produção poética de Mansueto, se distingue pela religiosidade, Teles afirma que a “experiência mística e poética provém daquele *enthousiasmós*, daquele *thous*, daquele *theos* (são formas paralelas), daquela inspiração divina e daquela alegria ingênua de quem tem um Deus dentro de si”²⁵⁹.

Portanto, pode-se dizer que a característica marcante da poesia parnasiano-simbolista de Mansueto Bernardi é a religiosidade, especialmente o tom de ressurreição. O mesmo poder divino que ressuscitou Cristo proporciona à natureza uma existência vitoriosa, após as adversidades climáticas, anulando, assim, o poder aniquilador da morte. Apesar de o objetivo deste estudo não ser o de buscar na biografia do autor fatos que justifiquem as características de sua obra, a presença da religiosidade na produção poética de Bernardi pode ser resultado

²⁵⁷ Muitos poemas dessa parte do livro foram incluídos somente na edição definitiva de *Terra convalescente*, em 1965. Eles foram escritos, portanto, durante os anos em que se desenvolveu o Modernismo no Brasil.

²⁵⁸ BERNARDI, Mansueto. *Terra convalescente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 176 (Obras Completas, v.1).

²⁵⁹ TELES, op. cit., p. 56.

da sua formação católica. O que interessa, em suma, é que Bernardi produziu poesia e nela a religiosidade é um aspecto que o diferencia dos demais autores brasileiros da época e norteia o seu projeto literário.

3 O PROJETO POLÍTICO DE MANSUETO BERNARDI

Para debater, neste estudo, a relação existente entre literatura e política, é necessário tratar, inicialmente, da concepção de política, visto que Mansueto Bernardi, no decorrer de sua vida pública, esteve envolvido com as diversas instâncias do poder. Iniciou sua carreira profissional como professor, passando pelos cargos de oficial do Tesouro do Estado e Prefeito de São Leopoldo, sendo inclusive, como já se afirmou, nomeado Diretor da Casa da Moeda, no governo provisório de Getúlio Vargas. Enfim, desempenhou suas atividades em funções políticas e burocráticas dos governos municipal, estadual e federal, no decorrer da primeira metade do século XX.

De um modo geral, política refere-se a tudo o que diz respeito às formas de organização da sociedade, ou seja, a tudo o que se relaciona com os sistemas sociais, suas características e a participação dos indivíduos neles. Em decorrência, dentro do campo da política, existem as relações de poder. Assim como não há sociedade sem um mínimo de lei, também não há sociedade sem poder, sem uma instância investida da capacidade de dirigi-la e governá-la.

A política está relacionada ao poder, compreendendo a luta por sua conquista, manutenção e expansão, as instituições por meio das quais ele é exercido, além da reflexão sobre a sua origem, estrutura e razão de ser. Resultado da prática humana, a política

representa a capacidade de governar, de decidir em última instância, de determinar, inclusive coercitivamente, a conduta dos governados, imprimindo este ou aquele rumo à vida da coletividade. Conforme Santos, o termo político, como adjetivo,

no sentido grego é o que trata da vida coletiva de um grupo de homens organizados. [...] Especialmente é tudo que concerne ao Estado, ao Governo, ou à arte de alcançar o poder ou dominá-lo, conservá-lo, etc., como, também, ao que se refere às questões sociais, à justiça, à administração e a todas as atividades da vida coletiva.²⁶⁰

Portanto, a política tem por objeto a vida social considerada em sua totalidade, uma vez que consiste no governo da sociedade por aqueles que detêm o poder. Todavia, os indivíduos não se embrenham na luta pelo poder apenas pela vontade de apoderar-se dos meios que permitem dominar os outros homens, mas também pela exigência de reconhecimento, que caracteriza a condição humana.

O conceito de política não se restringe, conforme foi mencionado, à política partidária, mas abrange a vida em sociedade como um todo e a interação dos indivíduos com o meio social. Nesse sentido, este capítulo propõe-se a discutir como Mansueto Bernardi atuou socialmente, já que, como será visto posteriormente, ele empreendeu um grande esforço para interferir nos rumos da sociedade, assumindo uma postura ativa e envolvendo-se, inclusive, com a política partidária.

Dessa forma, o papel do escritor como cidadão é um aspecto que interessa muito a esta investigação, porque Mansueto Bernardi também escreveu poesia, crítica literária, ensaios e discursos e esteve vinculado à circulação de periódicos importantes para o desenvolvimento e propagação de idéias no Rio Grande do Sul. Assim, o homem de letras e o homem de ação se aproximam, e o autor apresenta-se metamorfoseado em escritor-cidadão.

Interessa, desse modo, refletir sobre o complexo de relações de poder que se concretiza no espaço literário, a partir do pertencimento do autor às instituições sociais, uma vez que, de acordo com Alfredo W. B. de Almeida, o produtor literário é considerado

²⁶⁰ SANTOS, Mário Ferreira dos. *Dicionário de Filosofia e ciências culturais*. São Paulo: Matese, 1964. v. 3. p. 1007.

simultaneamente como autor e ator, ou seja, como produtor de bens simbólicos e como elemento atuante em instituições diversas, dentre outras, aquelas que, concorrentes pela legitimidade cultural, interferem na avaliação da produção intelectual e na elaboração de regras que a orientam.²⁶¹

Não se ressalta, portanto, uma subordinação do literário ao político, ou vice-versa, mas as relações existentes entre o campo literário e diversos outros campos sociais, já que isso oportunizará delinear as etapas de uma intermediação que o autor realiza a partir de seus vínculos com instituições atreladas à Igreja, ao Estado ou a partidos políticos. A partir disso, será possível falar na autonomia do produtor intelectual em face desses organismos fundamentais da sociedade ou da ressonância de seus princípios em suas formulações, pois as relações que um autor estabelece com a sua obra, bem como a própria obra, “são afetadas pelo sistema de relações sociais nas quais se realiza a criação como ato de comunicação social ou, mais precisamente, pela posição do criador na estrutura do campo intelectual”²⁶².

Sendo o escritor um cidadão e um homem público, discutir os aspectos sociais que envolvem a vida artística e literária nos seus diferentes momentos torna-se relevante, visto que o meio social exerce influência sobre a obra de arte e esta, por sua vez, também o influencia. Em alguma medida, a arte é expressão da sociedade, das condições da civilização em que ocorre; além disso, interessa-se pelos problemas sociais.

Em suma, interessa aqui discutir categorias como religião, família, educação, imigração, pátria, integralismo e política partidária, tendo em vista que, além de ter sido poeta, o autor de *Terra convallescente* produziu discursos e ensaios vinculados à história, à sociologia e à política, a partir dos quais é possível verificar como se deu a sua atuação social e, conseqüentemente, delinear algumas características de seu projeto político.

²⁶¹ ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Jorge Amado: política e literatura*. Rio de Janeiro: Campus, 1979. p. 19.

²⁶² BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In: _____. *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p. 105.

3.1 FAMÍLIA, EDUCAÇÃO E RELIGIÃO

A partir da crença de que a desagregação social, que assolava a sociedade brasileira no período que se estende do início do século XX até a década de 60, era resultado da desestabilização familiar resultante da ausência da fé cristã, Bernardi defendia que a família, como base da sociedade, deveria estar impregnada pelos valores difundidos pela religião católica. Por não existir a presença efetiva de uma comunhão real com Deus, essa instituição estaria sem forças para enfrentar as tentações que vinham de um mundo materialista, essencialmente marcado pelo egoísmo.

Em vista disso, Mansueto atribui à mulher um papel significativo no processo de divulgação da religião católica. Em pronunciamento realizado no dia 17 de novembro de 1946, no ato de lançamento das pedras fundamentais dos ginásios Divino Mestre e Regina Coeli, em Veranópolis²⁶³, recomenda, aos responsáveis pelos educandários, organizar-se para formar todos os anos, ao lado de um brilhante grupo de bacharéis em Ciências e Letras, também uma legião cristã de boas donas de casa, pois, ao seu ver, somente a mulher instruída sob os aspectos intelectual, religioso e doméstico estaria em condições de cumprir satisfatoriamente o seu elevado e ilustre destino de continuadora e colaboradora de Deus na obra da criação.²⁶⁴

Do mesmo modo, no discurso proferido, em 30 de maio de 1948, por ocasião da inauguração do Ginásio Regina Coeli, em Veranópolis²⁶⁵, Mansueto aconselha às Irmãs Josefinas que, ao receberem suas alunas, deveriam primar pela sua educação religiosa:

²⁶³ O discurso *O ensino de César e o ensino de Cristo* foi publicado originalmente no jornal *A nação*, de Porto Alegre, na edição de 4 de dezembro de 1946.

²⁶⁴ BERNARDI, Mansueto. O ensino de César e o ensino de Cristo. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 61 (Obras Completas, v. 8).

²⁶⁵ O discurso *Esplêndida realidade* foi publicado, em 1949, pela Tipografia do Centro S. A., de Porto Alegre, contendo a fotografia do Ginásio e o texto intitulado *Oração inaugural do Ginásio Regina Coeli*.

Formai-as professoras, escritoras, funcionárias, comerciárias, industriárias, mas formai-as, acima de tudo, com o duplo auxílio da pedagogia e do Evangelho, boas donas de casa, sacerdotisas do lar, anjos custódios da família, a cuja estabilidade e prosperidade elas deverão precipuamente atender, sob pena de sucumbirmos, pois não há sociedade estável onde não há família também estável, e não há família estável, produtiva e feliz, onde não arde o lume das virtudes cristãs.²⁶⁶

Ele almeja, desse modo, que os preceitos da religião católica se perpetuem na sociedade através da educação e, para isso, recomenda que as moças sejam instruídas para nutrir seus filhos com os preceitos do cristianismo. Logo, pode-se considerar a fundação desse colégio feminino como a expressão prática do projeto de expansão do catolicismo encabeçado pela “Igreja, que estabelecia, por intermédio da educação escolarizada, uma base estratégica para seu programa de recristianização da sociedade”.²⁶⁷

Para que a religião influenciasse o meio social, ela deveria, conforme Bernardi, primeiro exercer influência sobre o lar, visto que, instruídos com valores católicos, os filhos estariam preparados para educar suas próprias famílias e, conseqüentemente, tais princípios seriam implantados na sociedade, repercutindo no mundo.

Alguns anos depois, em discurso de formatura, proferido em 2 de dezembro de 1961, no mesmo educandário, alegando serem os santos defesas naturais e sobrenaturais, sem as quais nenhuma família poderia resistir ao assalto insidioso das forças de desagregação, recomenda às moças que, quando construísem seu próprio lar, não deixassem nunca de adorná-lo, além de outros enfeites, com algumas imagens de santos.²⁶⁸

Além disso, Bernardi denuncia a ausência de religiosidade como a principal causa dos problemas sociais, conclamando a todos para que defendam a propagação dos princípios da fé católica, pois, para ele, a Igreja era a instituição social capaz de fornecer o arcabouço moral necessário para regular o comportamento humano. Baseado nisso, reforça a importância de a cultura cristã fazer parte da formação cultural brasileira:

²⁶⁶ BERNARDI, Mansueto. Esplêndida realidade. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 66 (Obras Completas, v. 8).

²⁶⁷ MANOEL, Ivan Aparecido. *Igreja e educação feminina (1859-1919)*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1996. p. 62.

²⁶⁸ BERNARDI, Mansueto. Harmonia das esferas. In: _____. *Colônias e Colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 29 (Obras Completas, v. 9).

Torna-se imprescindível que o influxo da cultura cristã se faça sentir na fundação da família e da escola. Da família, que é o núcleo vital da sociedade humana. Da escola que, sob o ponto de vista pedagógico, é o seu prolongamento natural. [...] Muitos dos males que atualmente enfermam o corpo social, provêm da peste do ensino leigo, da pretensão fútil e falaz de se querer substituir a fé pela ciência. [...] Estado, sociedade, escola, família, tudo isso, para que vingue, e perdure, e preencha os seus fins, naturais e sobrenaturais, precisa impregnar-se de cultura cristã, de vivificante substância religiosa.²⁶⁹

Consciente de que a educação é uma das forças que governa a cultura, Mansueto acredita que o catolicismo poderia ser assimilado de forma mais eficaz através do sistema educacional. Como a cultura pode ser controlada, e ela, por sua vez, determina as condutas, as práticas sociais e, assim, a maneira como o ser humano age no âmbito das instituições e na sociedade mais ampla, aqueles que desejam influenciar o que ocorre no mundo, ou o modo como as coisas são feitas, precisam, de alguma forma, controlar as variáveis que a governam, para moldá-la em certo grau. A educação não deixa de ser um mecanismo que regula a cultura, já que ela nada mais é do que o processo por meio do qual a sociedade incute normas e padrões nas crianças e adolescentes, na esperança de guiar, canalizar, influenciar e moldar as ações e as crenças das gerações futuras, conforme o sistema de valores predominante na sociedade.

Em vista de Bernardi ter ciência dessa dinâmica, ele defende a presença da cultura cristã na família e na escola, em contraposição aos pressupostos considerados ateus, citando alguns valores que, na sua opinião, deveriam ser transmitidos. Tal perspectiva também é visível no já mencionado discurso proferido em 30 de maio de 1948. Virtude e saber eram, para ele, as normas da vida, mas a virtude deveria estar em primeiro lugar e, em segundo, o saber, sendo que quem falava em virtude romana não se referia apenas à força, à expansão terrena, à disciplina, ao senso da ordem e do direito da Roma pagã, mas também a todos aqueles atributos que cingiam, como um diadema, a fronte da Roma cristã.²⁷⁰

²⁶⁹ _____. *Cultura católica e vida política*. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p.90 (Obras Completas, v. 8).

²⁷⁰ _____. *Esplêndida realidade*. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 66-67 (Obras Completas, v. 8).

Bernardi acrescenta, ainda, que, para os filhos e herdeiros da cultura mediterrânea, a virtude romana era sinônimo de cristianismo, e quem mencionava o cristianismo citava, ao mesmo tempo, ordem, disciplina, trabalho, direito, justiça social, cooperação, solidariedade, fraternidade, caridade, espiritualidade, luz e vida. Em suma, “a alma de toda cultura consistia, acima de tudo, na cultura da alma”, de modo que a verdadeira educação deveria ser, em decorrência disso, na ordem prática, “alimento e veste do espírito, facho de luz condutora e iluminadora, instrumento de ascensão e vitória nos embates da vida”, e na ordem moral, considerada a mais importante, ela haveria de ser “governo das paixões, couraça da vontade, têmpera do caráter, amparo e estímulo ao instinto de perfeição.”²⁷¹

Mansueto preocupava-se com a divulgação da cultura cristã, tendo em vista que, da continuidade e permanência da influência religiosa na sociedade face à nova realidade posta pelo regime republicano, dependia a sobrevivência do catolicismo brasileiro. De acordo com Rodrigues, “o Decreto de 7 de janeiro de 1890 [...] introduziu a liberdade religiosa e privou a Igreja Católica dos privilégios de que havia gozado até então como a religião oficial do Estado”²⁷². Separada do Estado pela República, a Igreja buscava uma reaproximação em novas bases, procurando assegurar sua autonomia em relação ao poder público, elegendo a difusão da doutrina cristã como instrumento de afirmação social e política frente ao Estado.

Bernardi sustenta, em consequência disso, no já citado pronunciamento de 1946, que as escolas, além de serem divulgadoras da cultura humanística, proporcionando o aperfeiçoamento das inteligências, deveriam ser, também, legítimas formadoras de valores morais e de consciências, propiciando o aperfeiçoamento e iluminação das almas.²⁷³

Dessa maneira, a postura assumida por Mansueto vai ao encontro dos objetivos da Igreja Católica que, a partir da proclamação da República, buscou reafirmar sua hegemonia

²⁷¹ Idem.

²⁷² RODRIGUES, Anna Maria Moog. Introdução. In: _____. *A Igreja na República*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981 (Coleção do Pensamento Político Republicano, v. 4). p. 5.

²⁷³ BERNARDI, Mansueto. O ensino de César e o ensino de Cristo. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 60 (Obras Completas, v. 8).

como agência formadora das elites dirigentes através da criação de inúmeras escolas religiosas. Nas palavras de Beozzo, “é estabelecendo uma rede importante de colégios em todo o país que a Igreja conta cristianizar as elites, para que estas, por sua vez, ‘cristianizem’ o povo, o Estado, a Legislação”²⁷⁴.

Bernardi acredita, portanto, que caberia aos estabelecimentos de ensino ser o ponto de encontro da cultura, da educação cívica e das concepções religiosas, considerando inconcebível que os educandários ignorassem o aspecto religioso. Pelo contrário, defende que o ser humano tem necessidade de uma educação onde o elemento religioso é reconhecido e trabalhado como uma dimensão indissociável da sua formação integral, considerando-o imprescindível para a maturidade crítica da pessoa e do cidadão.

Em decorrência disso, Mansueto preocupa-se em enfatizar a importância de serem ministradas aulas de ensino religioso aos educandos, pois, nas escolas públicas, ele havia sido explicitamente proibido pela Constituição de 1891 e, somente depois da Revolução de 30, através do decreto de Francisco Campos, de 30 de abril de 1931, tornara-se facultativo durante o horário escolar²⁷⁵. Essa nova legislação, além de viabilizar na prática a ação da Igreja, tinha o importante significado de que o ensino religioso passava a fazer parte do currículo, isto é, amparava-se na idéia de que a formação religiosa das crianças era um componente da sua formação em geral.

Nesse sentido, Bernardi argumenta que, ao poder público, caberia somente a instrução, ao passo que a educação propriamente dita, ou seja, a formação do caráter, a disciplina das paixões, o aconselhamento acerca das regras de conduta a serem adotadas na

²⁷⁴ BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a revolução de 30, o Estado Novo e a redemocratização. In: FAUSTO, Boris (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: DIFEL. 1984. t.3 v.11.

²⁷⁵ RODRIGUES, op. cit., p. 5.

vida, o aprimoramento das capacidades naturais do ser humano, o cultivo dos sentimentos mais profundos e a iluminação do espírito, seria incumbência da Igreja.²⁷⁶

Ele acrescenta, a respeito disso, em discurso escolar proferido na qualidade de paraninfo, no município de Veranópolis, em 01 de dezembro de 1945, que a escola era uma extensão, um apêndice da família e, conseqüentemente, a professora era uma segunda mãe. Bernardi tinha convicção de que somente podia ser chamada de educadora aquela que, além do ensino leigo, ministrava, igualmente, o ensino religioso, conduzindo para o bem e nutrindo a inteligência e o espírito. Por outro lado, assegura que, aquelas que se restringiam a ensinar somente as matérias profanas, eram apenas instrutoras, no sentido de que a instrução, sem os subsídios religiosos, tinha pouco valor e podia até se tornar prejudicial. Essa opinião baseava-se na idéia de que a Bíblia pregava a superioridade dos atributos da moral e da fé sobre os da razão e da ciência.²⁷⁷

Como se vê, são características do projeto político de Mansueto Bernardi a preocupação com a difusão da espiritualidade católica e a crença de que a família, juntamente com o sistema educacional, eram os meios fundamentais através dos quais a irradiação apostólica poderia se concretizar. Somente assim haveria a possibilidade de se formar indivíduos devidamente preparados científica e moralmente para dirigir a sociedade à luz dos ideais católicos. O autor de *A revolução de 30* estava, portanto, em sintonia com os principais eventos e correntes de pensamento da época e, através de sua atuação social, tentava agir sobre a realidade, visando dar continuidade à propagação do catolicismo.

²⁷⁶ BERNARDI, Mansueto. Cultura católica e vida política. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 90 (Obras Completas, v. 8).

²⁷⁷ _____. Um semeador de livros. In: _____. *Colônias e Colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 32 (Obras Completas, v. 9).

3.2 IMIGRAÇÃO, PÁTRIA E RELIGIÃO

Em seu projeto político, além de defender a perpetuação dos princípios do catolicismo na sociedade, através do processo educativo efetivado nas famílias e nas escolas, o autor de *Terra convallescente* buscou divulgar também a importância dos italianos para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul, ressaltando, principalmente, sua contribuição para a propagação de valores religiosos e morais.

Em discurso proferido na Vila do Lajeado, município de Veranópolis, no dia 6 de janeiro de 1960, por ocasião da inauguração do Monumento aos Colonizadores daquela região²⁷⁸, enfatiza que a participação dos imigrantes para a constituição do capital social do estado gaúcho não havia sido apenas de caráter econômico, material, mas também étnico, religioso, intelectual, moral e espiritual. Na sua opinião, costumam ser destacados, pelos estudiosos, apenas os aspectos econômicos da imigração italiana, dos quais seriam expressão mais clara as atividades ligadas ao comércio, à indústria e à agricultura. Entretanto, apesar de essa contribuição ser relevante, ela não era a principal, posto que muitos descendentes de imigrantes ocuparam cargos relevantes, nos serviços públicos e privados, bem como em congregações religiosas e em postos da administração municipal, estadual e federal.²⁷⁹

Do mesmo modo, o orador esclarece, na ocasião, que a herança mais significativa que os pioneiros haviam deixado para as futuras gerações não era o conjunto de seus bens materiais, mas o seu acervo moral, no qual destacava-se o amor a Deus, à pátria e à família, o gosto pelo trabalho, o sentido de ordem, o respeito à autoridade, o espírito de iniciativa e economia, a honradez, a fidelidade à palavra empenhada, o instinto de solidariedade social,

²⁷⁸ O *Discurso aos pioneiros* foi publicado originalmente no *Correio do Povo*, de Porto Alegre, em 25/07/1961, e como *Proêmio* do livro *Semblantes de Pioneiros*, de Fidélis Dalcin Barbosa, editado pela Livraria Sulina, de Porto Alegre, em 1961 (páginas 7-12).

²⁷⁹ BERNARDI, Mansueto. Discurso aos pioneiros. In: _____. *Colônias e Colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 16 (Obras Completas, v. 9).

enfim, todo aquele conjunto de virtudes cristãs que constituiria o núcleo da personalidade humana.²⁸⁰

Logo, percebe-se o grande valor que Mansueto atribui aos preceitos religiosos trazidos e transmitidos pelos imigrantes, uma vez que a religião católica era o credo oficial no Brasil e o que tinha o maior número de adeptos entre os colonos italianos.

A respeito disso, constata-se que, no novo contexto em que os imigrantes italianos passaram a viver, a religião foi um importante fator de identificação cultural, tendo em vista que eles mantiveram e recuperaram muito das tradições de sua pátria ao se organizarem em torno de comunidades católicas, que não serviram apenas como um local de culto, mas se transformaram no núcleo da vida social:

Se, durante a semana, a luta pela existência mal dava tempo para pensar em outras coisas, o mesmo não acontecia nos domingos. O respeito pelo dia sagrado proibia o colono de dedicar-se ao trabalho. [...] Tomado pelo sentimento de solidão e de saudade, o colono foi visitar o vizinho para juntos chorarem um mundo para sempre perdido. E como eram pessoas fortemente marcadas por uma tradição sacral, o consolo foi procurado na religião. Apelou-se então para a grande oração da imigração, que se repetira na partida, no porto de embarque, nas sofridas jornadas marítimas, no local de desembarque e, diariamente, no silêncio da própria residência: o terço. Foi ele rezado, muitas vezes, sob uma árvore, com alguma imagem ou gravura de santo colocada entre os galhos, como centro visual deste culto rústico. O reencontro, no domingo seguinte, aconteceu ao natural. Repetiram-se as orações. Vieram outros vizinhos, transmitiram-se notícias, leram-se cartas. Em pouco tempo, institucionalizou-se o domingo. Iniciava-se assim, em torno da religião, a reconstrução do mundo cultural do imigrante. À piedade católica peninsular faltava, porém, o local apropriado para o culto. Por isso, cotizando-se, os colonos decidiram construir uma capela. [...] Ao redor da capela começou a girar, de modo quase absoluto, a vida social dos imigrantes.²⁸¹

Além disso, verifica-se que a autoridade religiosa foi sempre a mais acatada pelos colonos, exercendo o sacerdote uma grande influência no contexto da colonização. Para De Boni & Costa, o fato de o padre deter o maior grau de instrução da localidade e o prestígio dos poderes sobrenaturais da religião, permitiam que gozasse de um *status* invejável entre os imigrantes, sendo sua opinião geralmente decisiva, mesmo em assuntos profanos.²⁸² Sobre isso, Rovilio Costa assegura que o mesmo poder que o povo atribuía a Deus era conferido

²⁸⁰ Idem.

²⁸¹ DE BONI, Luis A.; COSTA, Rovilio. *Os Italianos do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Vozes, 1982. p. 111.

²⁸² Idem, p. 116.

também àqueles que “faziam as vezes de Deus”, ou seja, aos padres, que podiam “usar o poder divino a seu bel-prazer, podendo amaldiçoar ou abençoar, salvar ou condenar”.²⁸³

Como foi educado nesse ambiente e teve sua formação orientada pelos ensinamentos do catolicismo, a fé foi, na sua opinião, um fato marcante na colonização. Prova disso é que, em *Colônias e colonizadores*, ele narra a imigração italiana como uma espécie de epopéia moderna na qual o colono acabava vencendo dificuldades abismais – a viagem na Itália, a travessia sinistra, o abandono e isolamento nas florestas, o difícil início –, devido a sua disposição para o trabalho, e à profunda religiosidade:

Em sua maioria, os imigrantes, desprovidos de recursos, mas ansiosos de se tornarem proprietários, pagaram com serviços na abertura de estradas os preços de suas colônias. E foi essa, por certo, a sua primeira e profícua contribuição ao progresso do Rio Grande, pois é da estrada que depende em toda a parte a regular circulação da corrente da vida. Quando viajamos, hoje, rapidamente, em ônibus confortáveis, nós não pensamos no pretérito, não atentamos para esse detalhe particular, mas a verdade é que, na chapa de rodagem em que deslizam os veículos a motor, está ainda impressa a marca das mãos calosas dos colonos, ainda se evola da mesma o cheiro de seu suor.²⁸⁴

Do mesmo modo, Bernardi assegura que, além do entusiasmo para o trabalho, a fé foi o segredo da vitória, uma vez que serviu de amparo nos momentos de dificuldade. Para ele, o maior legado dos imigrantes italianos haviam sido as “virtudes cristãs”, ou seja, “o fermento, a energia, o dom divino de sua religião e do seu sangue”. Sobre esse “patrimônio sagrado” deixado pelos ancestrais, ressalta, ainda, que assumia, junto com os demais descendentes, naquele momento, “perante Deus e o Mundo, o compromisso não só de guardá-lo inato, mas também de transmiti-lo, possivelmente aumentado” às futuras gerações.²⁸⁵

Mansueto conferia, portanto, um grande valor à contribuição dos imigrantes italianos na afirmação dos alicerces culturais e morais da sociedade brasileira. Nota-se, por outro lado, que ele atribuía aos descendentes de imigrantes, junto com os demais brasileiros, a

²⁸³ COSTA, Rovilio. Culto a Maria entre os descendentes italianos do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis A. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. v. 2. p. 536.

²⁸⁴ BERNARDI, Mansueto. Discurso aos pioneiros. In: _____. *Colônias e colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p.13 (Obras Completas, v. 9).

²⁸⁵ Idem, p. 17.

significativa tarefa de “fazer florir a civilização cristã nesse imenso Império que é o Brasil”²⁸⁶. Assim, mais uma vez, demonstrava sua preocupação com a divulgação e perpetuação dos preceitos católicos, convocando os italianos a colaborarem no projeto de reestruturação do catolicismo em âmbito nacional, tendo em vista a crise de domínio da Igreja Católica, travestida de crise moral, em função do avanço crescente de instituições laicas, geralmente identificadas como atérias e contrárias à implantação dos ideais católicos na sociedade.

Bernardi igualmente afirma, em artigo escrito em Veranópolis, em dezembro de 1946, que as colônias alemã e italiana ansiavam por integrar-se na comunhão nacional, não apenas sob o ponto de vista da economia, como tantos julgavam, mas também política, cultural e religiosamente²⁸⁷.

Ao referir-se, ainda, à integração dos imigrantes, Mansueto declara, em trabalho publicado em 1949²⁸⁸, que as escolas e as estradas eram os mais profícuos instrumentos de nacionalização até então conhecidos, visto que estas últimas facilitavam a comunicação dos imigrantes com os brasileiros, ao passo que o contato com os professores fazia com que as crianças procurassem falar o português.²⁸⁹

Mansueto deixa claro, desse modo, que era necessário assegurar a perfeita identificação desses novos brasileiros com a essência dos valores nacionais, como a mesma língua, a veneração pelos mesmos símbolos, a íntima adesão à defesa dos interesses permanentes do país e o conhecimento suficiente da história do Brasil que pudesse integrá-los no seu fluir através do tempo. Nesse contexto, a educação deveria cumprir o papel de

²⁸⁶ Ibidem, p. 14.

²⁸⁷ _____. Namorando as colônias. In: _____. *Colônias e colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 50 (Obras Completas, v. 9).

²⁸⁸ O trabalho *25 de julho de 1824* foi publicado originalmente no *Correio do Povo*, de Porto Alegre, em 27/07/1949, e no jornal *A Nação*, de Porto Alegre, em 03/08/1949. Foi divulgado, também, em *O 125º Aniversário da Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*, coletânea de discursos e comentários sobre a colonização no RS, organizada por Leopoldo Petry (Oficinas Gráficas Rotermond, São Leopoldo, 1950), e no *Diário de Notícias*, de Porto Alegre, em 25/07/1959, com alguns acréscimos e modificações.

²⁸⁹ BERNARDI, Mansueto. 25 de julho de 1824. In: _____. *Colônias e colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 51-54 (Obras Completas, v. 9).

instrumento de nacionalização, devendo esforçar-se para integrar o imigrante, o mais rapidamente possível, ao idioma e à cultura do povo brasileiro.

No que se refere ao papel que a escola exerceu como organismo de nacionalização, esclarece Liane Beatriz Moretto Ribeiro que a instrução pública, para os colonos, representava, sobretudo, a possibilidade do domínio da língua portuguesa, tendo em vista que isso permitiria uma mais rápida adaptação à cultura envolvente, bem como o estabelecimento de relações sociais e comerciais com outros grupos, particularmente aqueles que representavam o poder público. Ir à escola significava, assim, a possibilidade de assimilação da cultura da nova pátria, de vencer na vida, de se igualar e competir com os demais grupos, particularmente com os luso-brasileiros. Em virtude de o domínio da língua poder propiciar todas essas vantagens aos colonos, a vinda de professores que ensinavam o português motivou-os para a instrução pública. Isso, todavia, não significou uma rejeição à própria cultura, mas um esforço de adaptação à nova realidade cultural.²⁹⁰

Na opinião do autor de *Colônias e colonizadores*, os procedimentos de nacionalização mais eficazes eram os naturais, os que atuavam indiretamente e sem alarde, sendo a estrada inclusive superior à própria escola como elemento de assimilação da cultura nacional, uma vez que os educandários, por melhor que fossem, constituíam sempre mecanismos de constrangimento e coação intelectual e moral, enquanto que aquela representava o espontâneo, o repentino, o fluxo natural da vida. Além da escola e da estrada, as letras, as artes, os jornais, as revistas, os livros, o rádio, a música e a poesia constituíam importantes elementos de nacionalização.²⁹¹

Para Thales de Azevedo, tanto as estradas de rodagem, que serviram ao tráfego intenso de carretas, tropas de carga e animais de montaria, quanto a estrada de ferro, que se

²⁹⁰ RIBEIRO, Liane Beatriz Moretto. Escolas italianas em zona rural do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis A. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. v. 2. p. 561-562.

²⁹¹ BERNARDI, Mansueto. 25 de julho de 1824. In: _____. *Colônias e colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 51-54 (Obras Completas, v. 9).

aproximava dos núcleos coloniais e animava a vida econômica dos mesmos, contribuíram para os encontros comerciais e, conseqüentemente, para a aculturação dos imigrantes italianos. Adquiriram importância ímpar, a partir de então, os contatos entre os diferentes grupos sociais, sendo os negociantes os agentes principais da integração recíproca, abraçando-se crescentemente os italianos para melhor se comunicarem com os seus fregueses e correspondentes dos grandes centros.²⁹²

Percebe-se que Mansueto preocupava-se com uma estrutura que assegurasse a rápida e fácil integração dos imigrantes, através da assimilação sistemática da cultura brasileira, pois, na sua visão, somente com a adaptação desses estrangeiros ao padrão brasileiro, ou seja, se aprendessem a escrever, falar e pensar em português, ocorreria a sua inserção na comunidade nacional.

A propósito ainda da integração dos estrangeiros na comunidade nacional, Bernardi destaca serem igualmente excelentes os serviços prestados pelos Centros de Tradições Gaúchas, que vinham aparecendo e atuando em todas as regiões do Estado²⁹³. Considerando que o ideal do Tradicionalismo deveria ser a unidade, ele recomenda que os CTGs continuassem sendo instrumentos de nacionalização. Naquele momento, eles tinham por propósito cultivar especialmente as tradições campeiras, mas, na sua opinião, era importante que ampliassem os seus objetivos para incluir também as tradições coloniais, no sentido de que tanto os descendentes das tribos indígenas, como os imigrantes europeus, estavam destinados a compor um só amálgama social, um só bloco étnico, uma só nação coesa, a qual deveria implantar a ordem e fazer crescer a cultura cristã no imenso país que é o Brasil.²⁹⁴

²⁹² AZEVEDO, Thales. *Italianos e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: A Nação: IEL, 1975. p. 245-246.

²⁹³ BERNARDI, Mansueto. 25 de julho de 1824. In: _____. *Colônias e colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 54 (Obras Completas, v. 9).

²⁹⁴ _____. Discurso aos pioneiros. In: _____. *Colônias e colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 14-15 (Obras Completas, v. 9).

Por outro lado, imbuído desse espírito nacionalista, Bernardi enfatiza, em 1950²⁹⁵, que os brasileiros descendentes de alemães e italianos, juntamente com os de ascendência lusitana, tinham uma importante missão a desempenhar. Eles deveriam, pelo trabalho diuturno e indefeso, pelo espírito de abnegação e de sacrifício, pelo patriotismo prudente e atuante e pelo rigoroso cumprimento de todas as obrigações individuais e sociais, transformar a fisionomia do país, objetivando compensar e reprimir a alarmante inflação de direitos e regalias, de egoísticas ambições e reivindicações, que em toda a parte se verificava. Enfim, modificar a nação pelo exercício das virtudes que distinguem uma comunidade livre e cristã era a tarefa de todos os brasileiros.²⁹⁶

A postura de Mansueto foi, provavelmente, influenciada pelas idéias sobre a formação da consciência nacional que vicejavam naquele período, posto que, segundo Alberto Torres, já em 1915, a formação de uma consciência nacional era uma das tarefas mais urgentes a ser realizada pelos intelectuais²⁹⁷. A idéia de desenvolver o sentimento de identidade nacional espalhou-se pela sociedade brasileira por meio da formação de associações, como a Liga de Defesa Nacional, dirigida por Olavo Bilac, de literatura e de publicações, como a *Revista do Brasil*, além de fundamentar movimentos políticos, como o tenentismo²⁹⁸, e projetos artístico-culturais, como o Modernismo.

Certamente, foi esse sentimento nacionalista que motivou Mansueto a cultivar uma série de heróis nacionais, ao coordenar a emissão de moedas metálicas na Casa da Moeda, no ano de 1936, formulando, segundo ele próprio, um verdadeiro apelo às reservas morais da

²⁹⁵ O trabalho *Três julgamentos e uma profecia* foi publicado originalmente no *Correio do Povo*, de Porto Alegre, em 22/02/1950, e em *O 75º Aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul*, livro de Archymedes Fortini, editado pela Livraria do Globo, de Porto Alegre, em 1950, págs. 7-14.

²⁹⁶ BERNARDI, Mansueto. Três julgamentos e uma profecia. In: _____. *Colônias e colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 39-40 (Obras Completas, v. 9).

²⁹⁷ TORRES, Alberto. *O problema nacional brasileiro: introdução a um programa de organização social*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1933. p.179.

²⁹⁸ O tenentismo foi um conjunto de movimentos militares que se desenvolveram ao longo de toda a década de 1920 até 1932, liderados pela jovem oficialidade das forças armadas que estava descontente com a situação política do país. Os chamados *tenentes* tinham como objetivo moralizar os costumes políticos, defender o voto secreto e advogar a criação de um Estado centralizado que pudesse modernizar o país. Cf. LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Brasil contemporâneo*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p. 52-72.

nacionalidade contra as forças de desagregação política e social. Por exemplo, no anverso da moeda de 1\$000 sugere que seja colocado o rosto do Padre José de Anchieta e, no reverso, um livro aberto, sendo que a figura do apóstolo das selvas brasileiras representava a religião e a significativa contribuição prestada pelas ordens religiosas, especialmente, pela Companhia de Jesus, na obra da civilização do país.²⁹⁹

Nessa perspectiva, Bernardi procura concretizar um projeto político identificado com o nacionalismo, defendendo, já em 20 de setembro de 1923, que a unidade nacional brasileira constituía um imperativo para a construção da verdadeira pátria: “O edifício federativo brasileiro é, por sua natureza, um bloco inteiriço, granítico, inabalável, superior à existência regional dos Estados. Cimentou-o a vontade soberana da Nação e a nenhuma das unidades federadas será possível rompê-lo.”³⁰⁰

Amparando-se na Constituição Federal, Mansueto enfatiza, nessa mesma ocasião, que nenhum estado que compunha a República Federativa do Brasil tinha o direito de retirar-se da mesma, uma vez que a Federação era uma organização perpétua e indissolúvel, sendo o poder central responsável por mantê-la e podendo utilizar, para isso, os meios de força que fossem necessários. Conseqüentemente, somente a União detinha, na Federação Brasileira, a plenitude do poder, só ela existia por sua vontade própria, podendo criar e agir com seu próprio poder. Por não serem dotados de poder imanente e não deliberarem com direito próprio, mas exclusivamente em virtude de concessão ou determinação do soberano poder central, os estados só possuíam a autonomia.³⁰¹

²⁹⁹ BERNARDI, Mansueto. O sigma e as moedas de 1935. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981 (Obras Completas, v. 5). p. 117-118. Esse texto foi publicado originalmente no *Correio do Povo*, de Porto Alegre, em 11 de abril de 1958.

³⁰⁰ _____. A federação brasileira. In: _____. *A Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 131 (Obras Completas, v. 6). Esse trabalho é parte integrante da conferência *Bandeira nacional e bandeiras estaduais* realizada no salão do Instituto de Belas-Artes, em Porto Alegre, a convite da Federação Acadêmica do Rio Grande do Sul, na noite de 20 de setembro de 1923, que foi publicada originalmente na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, nº 11/12, 1923, p. 461.

³⁰¹ Idem, p. 132-133.

O unitarismo brasileiro é, segundo Mário Maestri, um fenômeno histórico recente. Como a unidade de um país não pode ser explicada apenas a partir de raízes culturais, lingüísticas e históricas comuns, a unidade brasileira começou a se consolidar a partir da segunda metade do século XIX e, sobretudo, quando o processo de industrialização, apesar das disparidades sociais e regionais, integrou o país em uma rede de complexos e profundos laços econômico-sociais, sendo que somente a partir da década de trinta os brasileiros passaram a se olhar e a depender, ainda que contraditoriamente, uns dos outros.³⁰²

Mansueto ressalta, nesse sentido, ainda em 1923, que o Rio Grande do Sul organizou-se como Estado baseado no princípio da autonomia, mas sem se eximir de cumprir qualquer um dos deveres que lhe cabiam como um dos elementos integrantes da União Federal Brasileira, satisfazendo-se com a administração própria, com a autonomia, não almejando a plenitude do poder e reconhecendo sua situação de dependência do poder federal:³⁰³

Foi no livre exercício da autonomia, assegurada pela Constituição da República, e não em nome de uma suposta soberania, que o Estado do Rio Grande do Sul, como um dos membros componentes da União Federal Brasileira, se constituiu politicamente, em 14 de julho de 1891 (Constituição Est., artigo 1º).

E foi ainda no legítimo gozo dessa mesma autonomia, larga, mas limitada, que adotou como insígnias oficiais do estado as do pavilhão tricolor da malograda República Rio-grandense de 1835 (Const., título V, art. Único).

Passaram a ser, pois, daquela data em diante, o escudo de armas e a bandeira dos Farrapos os símbolos do Estado autônomo dentro da União soberana.³⁰⁴

A população do Rio Grande do Sul não constituía, na sua opinião, um povo reprimido que ambicionava libertar-se do jugo da União. Ao contrário, grande parte do território rio-grandense havia sido “conquistado e incorporado à pátria comum, graças exclusivamente às patas dos cavalos, e às armas dos rio-grandenses”, sendo que sempre fora

³⁰² MAESTRI, Mário. Separatismo: um fantasma contemporâneo. *Teoria e debate*, Porto Alegre, n. 22, 3º trim. 1993. Disponível em: <http://www.fpa.org.br/td/td22/td22_nacional03.htm/>. Acesso em: 28 de jan. 2005.

³⁰³ BERNARDI, Mansueto. Soberania e autonomia. In: _____. *A Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 134-135 (Obras Completas, v. 6). Esse trabalho também é parte integrante da conferência *Bandeira nacional e bandeiras estaduais*, de 1923, já citada anteriormente.

³⁰⁴ Idem, p. 134.

“compensação moral bastante ver todas essas lindas serras e coxilhas definitivamente integradas no patrimônio nacional”.³⁰⁵

Desse modo, considerando que o povo gaúcho nunca, nem mesmo durante o período da Revolução Farroupilha, em 1835, deixou de direcionar todos os seus pensamentos para o Brasil, Mansueto garante, ainda em 1923, que os indivíduos que alegavam ser a bandeira estadual separatista não conheciam suficientemente o percurso histórico do estado ou não eram sinceros em suas acusações.³⁰⁶ Para ele, a declaração de independência farrapa nada provaria em contrário, uma vez que ela fora apenas um mecanismo utilizado para atingir uma finalidade maior, que era a república federativa. Ou seja, para o autor, o real objetivo dos farroupilhas era instituir uma forma de governo adequada aos seus costumes e conjuntura, que resguardasse efetivamente a vida, a honra, a liberdade, a segurança individual, a propriedade e a igualdade, bases essenciais dos direitos humanos, e que, ao mesmo tempo, afirmasse a justiça, promovesse a felicidade pública e assegurasse a todos os gaúchos o gozo desses bens. Enfim, eles tinham como meta fundar um sistema político que afiançasse a independência do seu regime interno, sem deturpar combinações federativas posteriores, no que se refere ao regime externo do Estado.³⁰⁷

O autor de *A Guerra dos Farrapos* defendia o federalismo da Revolução de 35, tendo em vista que, no período posterior à Independência do Brasil e que antecedeu a Revolução Farroupilha, reinava no país um centralismo comandado pelos políticos das elites do Sudeste, que haviam arquitetado uma estrutura político-institucional que assegurava sua hegemonia sobre as demais regiões:

Sem consulta às províncias, podia o Governo Central criar todos e quaisquer impostos, confiscar os saldos orçamentários provinciais, determinar a política cambial e monetária, emitir a moeda que bem entendesse, proceder a recrutamentos arbitrados e violentos. Naturalmente, esses poderes e recursos não foram usados de

³⁰⁵ Ibidem, p. 136.

³⁰⁶ Ibidem, p. 136.

³⁰⁷ _____. O ideal federalista dos farrapos. In: _____. *A Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 137 (Obras Completas, v. 6). Esse trabalho também é parte integrante da conferência *Bandeira nacional e bandeiras estaduais*, de 1923, já citada anteriormente.

maneira eqüitativa em relação às províncias. O que se presenciou foi uma sistemática e indecente espoliação praticada pelo Sudeste, através do Governo Central, contra as demais províncias. Nada menos que um novo tipo de colonialismo, um colonialismo interno que rebaixava as províncias à condição de satrapias do Sudeste; enfim, uma coisa chamada centralismo. As elites das regiões lesadas chegaram à conclusão inteiramente sensata de que, no quadro desse centralismo rapinante, não tinham futuro, ou apenas tinham um futuro sombrio de atraso e pobreza. Para evitar isso, pegaram em armas, pela Federação.³⁰⁸

Conseqüentemente, não restam dúvidas, para Bernardi, em 1923, que a Revolução Farroupilha combatia, no fundo, a favor da unidade brasileira, sob a forma republicana federativa, objetivando libertar a província sul-rio-grandense de um controle econômico do governo imperial, considerado intolerável pela população gaúcha:

Ao movimento de 1835 faleciam desígnios separatistas de caráter definitivo, como também, ao contrário disso, ele tendia, no fundo, para a república e à federação com as demais províncias, o que até o desloca da órbita rio-grandense, para emprestar-lhe um sentido brasileiro, nacional.³⁰⁹

Mansueto demonstra, por conseguinte, concordar com os estudiosos que argumentavam que os revolucionários combatiam por uma autonomia que lhes era negada, por liberdades que não toleravam fossem tolhidas pelo governo centralizado do país, alimentados por um ideal republicano e federalista. Todavia, não aderiu à tese de que, em certo momento da luta, ante os seus reveses e as suas contingências, tivesse surgido uma atitude separatista, que levaria então o Rio Grande a abandonar a comunhão nacional e vir a formar uma república independente do Império.

Nesse sentido, sua posição não constituiu uma atitude isolada, mas acompanhou uma corrente de políticos e intelectuais sulinos que negavam o caráter separatista da Revolução Farroupilha. Conforme Ieda Gutfreind, o voltar-se do Rio Grande do Sul para o Brasil, ou seja, a insistência na presença de sentimentos nacionalistas no Estado, pode ser localizada em período anterior à década de 1920, porém, foi a partir desta época que tal preocupação dominou alguns historiadores. Numa perspectiva crescente, a partir de 1930, tornou-se

³⁰⁸ FREITAS, Décio. Os fanáticos do cosmopolitismo. In: DE BONI, Luis A. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1987. p. 65.

³⁰⁹ BERNARDI, Mansueto. O ideal federalista dos farrapos. In: _____. *A Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 137 (Obras Completas, v. 6).

insistente e sistemática a negação do separatismo e do platinismo, por parte dos sul-riograndenses em relação à Revolução Farroupilha.³¹⁰

Entretanto, no que se refere ainda à questão da unidade nacional, Bernardi declara-se, em 1923, contrário à proposta do presidente do Paraná, Caetano Munhoz da Rocha, de suprimir as bandeiras e hinos estaduais, alegando que esses símbolos não representavam mais do que verdadeiros retalhos do pavilhão sagrado da pátria, sendo pedaços sem cor e sem expressão. O autor de *Terra convaléscente* defende sua posição afirmando que essa atitude, embora inspirada pela melhor intenção, era completamente injustificável e desnecessária, tanto em face da história nacional como do próprio espírito do regime. Em vista da formação histórica do país, não se explicava esse temor de separatismo, que havia acometido o governante paranaense, porque as pátrias eram conceitos em marcha e, como tais, em sua trajetória obedeciam, via de regra, à fatalidade do impulso inicial.³¹¹

Mansueto fazia tal afirmação acreditando ser a voz do sangue que determinava a unidade do Brasil, ou seja, ela seria conseqüência da unidade de Portugal, já definitiva na ocasião do descobrimento, enquanto que a heterogeneidade do mundo hispano-americano reproduzia a Espanha dividida em vários reinos, na época em que ocorreu a colonização espanhola da América do Sul.³¹²

Sobre a proposta do presidente do Paraná, Bernardi faz questão de destacar, ainda em 1923, que os dirigentes do estado do Rio Grande do Sul não aderiram à proposição de os estados autônomos se desfazerem de seus principais emblemas, posto que, se isso ocorresse, estariam abdicando de sua individualidade, de sua própria história e tradições, para se

³¹⁰ GUTFREIND, Ieda. *A historiografia rio-grandense*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998. p. 191-192.

³¹¹ BERNARDI, Mansueto. Bandeiras estaduais. In: _____. *A Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 123-126 (Obras Completas, v. 6). Esse trabalho também é parte integrante da conferência *Bandeira nacional e bandeiras estaduais*, de 1923, já citada anteriormente.

³¹² _____. A lei da constância vital. In: _____. *A Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 128 (Obras Completas, v. 6). Esse trabalho também é parte integrante da conferência *Bandeira nacional e bandeiras estaduais*, de 1923, já citada anteriormente.

apresentarem com uma indumentária inadequada a sua dignidade.³¹³ Segundo ele, não seriam “os frêmitos e estalos desses panos, nem os sons desses metais, nem os acordes desses cantos de vibração restrita, que haveriam de abalar a estrutura da Federação”.³¹⁴

Mansueto acreditava, ainda, não haver necessidade de se abolir o hino, o escudo de armas e a bandeira do Estado, posto que o Estado federado que ele imaginava era

um Estado política e administrativamente forte, com seu hino próprio, com seu brasão próprio, com sua bandeira própria, cioso de sua autonomia, consciente de todos os seus direitos e deveres, orgulhoso de suas tradições, doido de amor pela sua querência, mas incapaz de faltar à fé jurada, de mentir ao espírito de brasilidade, de desobedecer à lei de atração nacional; um Estado, em suma, todo entregue com afinco à construção de sua própria prosperidade e ao cumprimento de seu destino histórico e constitucional, mas apesar disto, ou por isto mesmo, sempre pronto e disposto a todos os sacrifícios exigidos pelo bem comum; firme, leal e altivo em suas relações com a União; avaro de sua peculiar felicidade, mas feliz de poder concorrer na medida do seu esforço para que também ela seja feliz.³¹⁵

Segundo Bernardi, todo o prestígio que fosse possível conferir à bandeira estadual refletir-se-ia diretamente no símbolo que cobre toda a terra brasileira, e, por isso, ao invés de se cogitar a supressão da bandeira estadual, dever-se-ia estimular os gaúchos a dignificá-la e enaltecê-la cada vez mais.³¹⁶

Concebendo o Brasil como um país que deveria se manter unido e coeso, formando uma pátria comum, embora apresentasse uma rica heterogeneidade de povos e culturas, que se dividiam geográfica e culturalmente pelas diferentes regiões do país e que deveriam ser prestigiadas, a diversidade era, de acordo com Mansueto, parte integrante da unidade nacional.

Além disso, conforme o *Preâmbulo* da primeira edição da *Revista do Globo*, em 1929, Bernardi almeja que o Rio Grande do Sul seja inserido no sistema federativo da cultura

³¹³ _____. Soberania e autonomia. In: _____. *A Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 135 (Obras Completas, v. 6).

³¹⁴ _____. As bandeiras estaduais e o regime federativo. In: _____. *A Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 130 (Obras Completas, v. 6). Esse trabalho também é parte integrante da conferência *Bandeira nacional e bandeiras estaduais*, de 1923, já citada anteriormente.

³¹⁵ _____. Soberania e autonomia. In: _____. *A Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 136 (Obras Completas, v. 6).

³¹⁶ _____. O tesouro da tradição farroupilha. In: _____. *A Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 175 (Obras Completas, v. 6). Esse trabalho também é parte integrante da conferência *Bandeira nacional e bandeiras estaduais*, de 1923, já citada anteriormente, tendo sido publicado também na *Revista do Globo*, de Porto Alegre, na edição de 13 de julho de 1929, v. 13, n. 13, p. 03.

brasileira, afirmando-se contra todas as vozes negativas que se entrecruzavam no ar, “ressoantes de ironia, de indiferença e de descrença”, visto que se havia cultuado a lenda de que o estado era somente terra de revoluções e guerreiros. Para esse fim superior de utilidade nacional, deixa claro que utilizaria a *Revista do Globo* como “uma voz de estímulo e afirmação”, como um “órgão-centro de coordenação e mobilização de energias morais”, salientando que era necessário que o povo gaúcho irradiasse as suas idéias para “além das próprias fronteiras”, fizesse circular os seus “legítimos valores espirituais” e mostrasse ao resto do país o que se fazia, o que se dizia, o que se pensava, o que se inovava e se renovava neste Estado, dando-se a conhecer melhor e contribuindo com seu “capital de saúde e juventude, de idealismo e de otimismo para a formação e o soerguimento da mentalidade nacional”.³¹⁷

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que Bernardi foi um divulgador da história e da cultura regional e, como tal, não foi o representante por excelência de uma única região cultural do Rio Grande do Sul. Pelo contrário, vinculado à circulação de periódicos importantes, a movimentos políticos e à história do Estado, transitou por muitos espaços do território gaúcho, sendo um propagador das várias culturas rio-grandenses. Provavelmente, a convivência com a diversidade oportunizou-lhe o acesso a patrimônios artísticos e culturais distintos, bem como a hierarquias de valores e de práticas, a maneiras de fazer, sentir e pensar diferenciadas.

Como Bernardi tentou universalizar bens simbólicos regionais, torna-se importante ressaltar que o conceito de região não é utilizado, nesta Dissertação, a partir do costumeiro uso geográfico, que a concebe como um espaço isolado entre fronteiras e periférico em relação ao centro. De acordo com essa concepção, a distância econômica e social existente entre a região e o centro a transforma num espaço estigmatizado, o que influencia todas as

³¹⁷ _____. Preâmbulo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 9, 05 jan. 1929.

representações que dela se façam. No que se refere às representações culturais, como a língua e a literatura, o estigma acaba determinando que a região é um mundo acanhado, incapaz de transpor as próprias fronteiras. Nessa perspectiva, ela é vista de forma preconceituosa por ser considerada um horizonte estreito.

Em vista disso, a região é concebida, neste trabalho, como um espaço físico que, por decisão política, transforma-se em território a partir da interferência humana e das relações que são estabelecidas entre os diferentes grupos. A região é sempre vinculada a um território contínuo, apesar de a definição de região não abarcar apenas o conceito geográfico, mas também o conceito político. Nesse sentido, Bourdieu afirma que

se devem incluir no sistema dos critérios pertinentes não só as propriedades ditas objetivas (como a ascendência, o território, a língua, a religião, a atividade econômica, etc.), mas também as propriedades ditas subjetivas (como sentimento de pertença, etc.), quer dizer, as representações que os agentes sociais têm das divisões da realidade e que contribuem para a realidade das divisões.³¹⁸

Assim, deixadas de lado as idéias de centro e fronteira, a região é vista como um feixe de relações a partir do qual se estabelecem outras relações, tanto de proximidade como de distância. Os próprios meios de comunicação, hoje existentes, obrigam-nos a examiná-la sob esse novo prisma, pois as imagens de centro e de limites perdem cada vez mais o sentido. Nessa perspectiva, é abordada como um complexo de relações inserido numa rede sem fronteiras.

Na opinião de Pozenato³¹⁹, tanto o conceito de região (no plano do fazer científico) quanto a definição de uma determinada região (no plano do fazer prático) são representações simbólicas, construídas na nossa linguagem, e não a própria realidade. Desse modo, uma determinada região é constituída de acordo com o tipo, o número e a extensão das relações

³¹⁸ BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação. In: _____. *O poder simbólico*. São Paulo: Difel, 1989. p. 120.

³¹⁹ POZENATO, José Clemente. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: FELTES, H.P. de M.; ZILLES, U.(Orgs.). *Filosofia: diálogo de horizontes*. Porto Alegre: EDIPUCRS; Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

adotadas para defini-la, existindo no sentido simbólico, na medida em que for construído (pela práxis ou pelo conhecimento) um conjunto de relações que apontem para esse significado.

Ainda, consoante Pozenato, a região não deve ser entendida como uma realidade natural com fronteiras fechadas, mas como uma rede de relações, definida por um autor, seja ele um representante da ciência, um governo, um grupo de indivíduos, uma instituição ou um líder separatista. Uma região, desse modo, não existe a priori, ela se estrutura, a partir de um conjunto de relações humanas estabelecidas que apontem para esse significado.

Como é possível notar na discussão até aqui efetuada, Mansueto Bernardi teve uma atuação voltada para o regional, especialmente na *Revista do Globo*, primando pela divulgação da produção intelectual sul-rio-grandense e a conseqüente integração do Rio Grande do Sul no sistema cultural brasileiro. Ele defendia, nessa perspectiva, a unidade nacional, ressaltando que o estado gaúcho havia se estruturado com base no princípio da autonomia, e que nunca havia tido uma atitude separatista. Ele conferia destaque ao papel que os imigrantes italianos tiveram na defesa dos princípios católicos, atribuindo imenso valor a sua contribuição moral e religiosa para a estruturação da sociedade brasileira e convocando-os a se engajarem no projeto de expansão do catolicismo no país. Além disso, preocupou-se com a integração dos imigrantes na comunidade nacional, concebendo a escola e as estradas como os mais importantes instrumentos de nacionalização. Fica evidente, portanto, que é também a partir desses princípios que Bernardi estrutura seu projeto político.

3.3 INTEGRALISMO E RELIGIÃO

Como já foi visto, a postura assumida por Mansueto de defesa dos preceitos da religião católica e de luta pela sua difusão no meio social é uma decorrência de sua adesão ao plano de expansão do catolicismo liderado pela Igreja, que buscava consolidar sua supremacia e autonomia, abaladas com a proclamação da República. Em virtude da separação entre Igreja e poder civil, o catolicismo deixou de ser a religião oficial, e o estado passou a ser considerado leigo. O clero perdeu o direito de subvenção pelos cofres públicos, e a Igreja brasileira reforçou sua dependência em relação à Santa Sé.

A fim de fortalecer a instituição clerical, desenvolveram-se atividades que visavam a restauração da Igreja no Brasil. Bernardi, comprometido com essa proposta, dispôs-se a contribuir com sua atuação social para o fortalecimento do catolicismo, colocando a religião como um dos alicerces de seu projeto político. Todavia, sua posição não constituiu, conforme já foi discutido, uma atitude independente, mas acompanhou uma tendência entre alguns intelectuais católicos dos anos 30, que foram envolvidos pela atmosfera religiosa e se engajaram no processo de renovação da Igreja.

Imbuído desse espírito, Mansueto aderiu, após a Revolução de 30, ao Integralismo, tendo sido membro da Câmara dos Quarenta e, em virtude disso, preso por ordem da ditadura estadonovista, em 1938³²⁰. Como um dos pontos básicos de seu projeto político era o revigoramento da fé esmorecida e o restabelecimento do prestígio moral da Igreja, a filiação de Bernardi ao integralismo vai ao encontro dessa orientação. Nesse sentido, ele argumentava, em saudação dirigida a Plínio Salgado, nos idos de 1950, por ocasião de sua visita à cidade de

³²⁰ MARCON, Itálico. Mansueto Bernardi e a Revolução de 30. In: BERNARDI, Mansueto. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 13 (Obras Completas, v. 5).

Veranópolis, que a Ação Integralista Brasileira era uma associação partidária que se preocupava com a preservação dos princípios cristãos³²¹.

De acordo com Cavalari, oficialmente criada, em 7 de outubro de 1932, em São Paulo, por Plínio Salgado, a Ação Integralista Brasileira era uma associação nacional de direito privado que tinha como finalidade ser um centro de estudos de cultura sociológica e desenvolver uma grande propaganda de elevação moral e cívica do povo brasileiro, bem como implantar, no Brasil, o Estado Integral. A partir de março de 1935, passou a ser uma associação civil, que visava funcionar como um partido político e como Centro de Estudos e de Educação Moral, Física e Cívica. Em dezembro de 1937, devido à dissolução dos partidos políticos promovida por Vargas, ela passou a denominar-se Associação Brasileira de Cultura, objetivando, entre outras coisas, incrementar os sentimentos espiritualistas e as virtudes cristãs do povo brasileiro.³²²

O integralismo cresceu, no Brasil, com o apoio de expressivo segmento do clero e da intelectualidade católica, pois, a princípio, se a postura dos religiosos não era de vinculação ou simpatia ao movimento, ao menos não representava oposição à participação dos católicos. Cavalari esclarece que o discurso integralista divulgado nos livros e jornais, reproduzido nas sessões doutrinárias, nas transmissões via rádio e nos ritos e símbolos, distinguia-se por ser moralizador e inspirar-se no imaginário religioso:

A visão maniqueísta da história, a idéia da redenção pelo sofrimento, a transformação da história em uma espécie de fábula moralizante veiculadas por tal discurso parecem apontar para a hipótese de que o arquétipo de tal discurso era o universo do catolicismo tradicional.

A identidade do Movimento foi construída a partir desse imaginário. Construiu-se, igualmente, a representação de seus inimigos. De acordo com esse imaginário, a transformação da sociedade se daria exclusivamente a partir da transformação do indivíduo. Daí os constantes apelos à recusa do sensualismo, do materialismo, da grosseria dos instintos. Enfim, os apelos à necessidade de se promover a *revolução do espírito*.³²³ (grifos originais)

³²¹ BERNARDI, Mansueto. Discurso a Plínio Salgado. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 103-105 (Obras Completas, v. 5).

³²² CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. São Paulo: EDUSC, 1999. p. 13-18.

³²³ Idem, p. 158-159.

Difundindo o lema "Deus, pátria e família", a ênfase do seu discurso era a união entre a fé cristã e a pátria brasileira, defendendo a criação de uma ordem política e social fundamentada nos princípios cristãos e visando transformar o regime político num verdadeiro estado cristão.

Essa vinculação é confirmada pelos próprios objetivos do integralismo, enquanto partido político, já que entre eles encontrava-se o culto de Deus, da pátria e da família, a preservação da paz entre as famílias brasileiras e entre as forças vivas da Nação, mediante o sistema orgânico e cristão das corporações, bem como o trabalho pela união de todos os brasileiros³²⁴. Reiterava, ainda, a conexão da Ação Integralista Brasileira com a doutrina católica o fato de o movimento ter criado rituais especiais para batizados, casamentos e falecimentos, que deveriam ocorrer simultaneamente aos sacramentos cristãos.³²⁵

Logo, percebe-se que a adesão e a defesa do integralismo como um movimento de alicerces católicos constitui um dos princípios que norteava o projeto político de Bernardi. Nessa perspectiva, sobre as acusações que os integralistas vinham sofrendo de estarem envenenando com a sua doutrina a fonte da vida pública nacional, Mansueto argumenta no mesmo discurso de 1950, que eles jamais cogitaram corromper a opinião popular ou contaminar o sentimento público nacional, visto que as águas que eles bebiam e que serviam aos seus semelhantes, longe de serem intoxicadas ou poluídas, eram das mais cristalinas que existiam na superfície terrestre. Eram daquelas que nasciam puras das “próprias encostas da Montanha do Sermão”, que o “Divino Mestre bebia e mandava beber há dois mil anos na Judéia e na Galiléia”, para construir, reanimar e unir, não para aniquilar ou transformar.³²⁶

Os argumentos apresentados por Bernardi para se defender de tais acusações são reforçados pelo fato de que, entre as atividades que a Ação Integralista Brasileira mantinha,

³²⁴ Ibidem, p. 17.

³²⁵ Ibidem, p. 172.

³²⁶ BERNARDI, Mansueto. Discurso a Plínio Salgado. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 104 (Obras Completas, v. 5).

enquanto Centro de Estudos e de Educação Moral, Cívica e Física, encontravam-se cursos populares de instrução moral e cívica, que procuravam esclarecer os espíritos, fortalecendo-lhes as idéias e os sentimentos de Deus, da pátria e da família, da honra, da dignidade pessoal, da solidariedade humana, da disciplina e da ordem.³²⁷

Por conseguinte, a presença de valores difundidos pelo catolicismo na doutrina integralista, como a defesa da ordem social, a negação das transformações sociais radicais, o respeito à autoridade, visando criar uma sociedade que acatasse os valores tradicionais do cristianismo, contribuiu, provavelmente, para a aproximação entre membros da Igreja e do integralismo.

Nesse sentido, a saudação feita por Bernardi a Plínio Salgado, reverenciando-o como “o líder político nacionalista e cristão, em torno do qual se aglutina poderosa e impetuosa a convertida opinião nacional”³²⁸, reforça a constatação de que a Ação Integralista Brasileira tinha um teor católico. Por outro lado, ao mencionar os valores pelos quais o movimento primava, Mansueto declarou que os integralistas não faziam do seu grêmio partidário um culto dos instintos primordiais, mas sim uma catequese, uma atividade missionária, um apostolado cívico e social.³²⁹

Cavalari enfatiza, acerca disso, que o integralista prezava pela dignidade, pelo espiritualismo, pelo civismo e pela moral, sendo que a idéia de educação integral para o homem, do ponto de vista físico, moral e intelectual, era uma constante do seu discurso.³³⁰ Outros valores difundidos por eles eram a obediência e a disciplina, sendo que estes desempenhavam um importante papel, na medida em que eram entendidos como condição imprescindível para a obtenção da ordem espiritual e ética, indispensáveis ao movimento.³³¹

³²⁷ CAVALARI, op. cit., p. 17.

³²⁸ BERNARDI, Mansueto. Discurso a Plínio Salgado. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 103 (Obras Completas, v. 5).

³²⁹ Idem, p. 104.

³³⁰ CAVALARI, op. cit., p. 46.

³³¹ Idem, p. 52.

Fica claro, dessa maneira, o respeito do integralismo pela doutrina católica, evidência que é reforçada pelo teor do juramento realizado por seus membros: “*por Deus e por sua honra* trabalhar para a Ação Integralista Brasileira, executando, sem discutir, as ordens do chefe e de seus superiores hierárquicos”³³²(grifos originais). Além disso, a estreita relação existente entre esses organismos sociais é reiterada pelo fato de que, desde a infância, para orientar e disciplinar a liberdade, a obediência cega, a submissão, a subserviência e a fidelidade aos superiores hierárquicos, era exigida dos jovens integralistas, entre outras coisas, a obediência aos deveres morais que constituíam a base da civilização cristã.³³³

Ao se dirigir a Plínio Salgado, ainda em 1950, Mansueto ressaltou o patriotismo espiritual do líder integralista e a luta pela preservação dos valores cristãos por ele empreendida:

Amigo e mestre, companheiro e chefe Plínio Salgado, com o coração estuando de propósitos generosos e de fraternidade cristã, os companheiros do Rio Grande do Sul te saúdam e te manifestam mais uma vez a sua estima, a sua admiração e a sua confiança, certos de que tu os conduzirás, passo a passo, à meta premeditada, convictos de que contigo havemos de integrar o Brasil na órbita de seu destino esplêndido, seguros pela sua extensão territorial, mas também, e sobretudo, pela excelssitude de seu patriotismo espiritual, pela unidade de seus valores morais, que são os únicos que justificam a vida.³³⁴

Cavalari ressalta que o símbolo por excelência do movimento integralista era o Sigma, letra grega que indicava soma, correspondendo, no alfabeto da língua portuguesa, à letra “S”. Ela objetivava lembrar que o movimento tinha o sentido de integrar todas as forças sociais do país na suprema expressão da nacionalidade. Todavia, entre outras razões, o Sigma também estava presente na tradição religiosa da Civilização Cristã, sendo a letra com a qual os primeiros cristãos da Grécia indicavam o nome de Cristo, Soteros, que começava e terminava com Sigma.³³⁵

³³² Ibidem, p. 52.

³³³ Ibidem, p. 54.

³³⁴ BERNARDI, Mansueto. Discurso a Plínio Salgado. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 105 (Obras Completas, v. 5).

³³⁵ CAVALARI, op. cit., p. 191.

Do mesmo modo, Cavalari destaca que, na sala principal de todas as sedes, existia um grande dístico ou cartaz, onde estava escrito: “O integralista é o soldado de Deus e da pátria, homem novo do Brasil que vai construir uma grande Nação!”³³⁶ Na opinião da pesquisadora, percebe-se, também, aqui, subjacente a essa justificativa e a esses dizeres, a valorização de um elemento caro ao movimento, ou seja, o cristianismo.

Mesmo quando o autor de *Terra convallescente* resolveu, ao completar setenta anos de idade, abster-se de qualquer atividade política, optando pelo seu desligamento do Partido de Representação Popular (PRP), ele se preocupou em enfatizar, em carta endereçada ao Diretório Estadual do PRP, redigida em 8 de março de 1958, que, doutrinariamente, permanecia integralista, pois sempre considerou o movimento como sinônimo de corporativismo ou solidariedade cristã. Acrescentou, ainda, que nessa crença desejava morrer, já que, quanto mais pensava, observava e estudava, tanto mais se convenciu de que a crise que afligia o Brasil decorria, sobretudo, dos partidos políticos, vistos por ele como terríveis máquinas de fazer mal.³³⁷

Essa postura de conservar-se integralista na vida e na morte decorre do fato de o movimento veicular a idéia de que seus militantes não morriam, mas eram transferidos para a milícia do além, o que imprimia um caráter de perpetuidade e de imortalidade à militância e ao Movimento.³³⁸ Além disso, com o intuito de reduzir dissidências e evitar saídas, a Ação Integralista Brasileira era muito rigorosa com aqueles que solicitavam ser excluídos ou que abandonavam o Movimento. Tal atitude era considerada traidora e covarde, sendo punida com a expulsão, pois, ao proceder dessa forma, o integralista não cumpria o seu juramento por Deus e pela honra.³³⁹

³³⁶ Idem, p. 205.

³³⁷ BERNARDI, Mansueto. Desliga-se do PRP o sr. Mansueto Bernardi. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 113 (Obras Completas, v. 5).

³³⁸ CAVALARI, op. cit., p. 176.

³³⁹ Idem, p. 171.

Conseqüentemente, a idéia de militância perene divulgada pelo integralismo e assumida por Bernardi também faz com que se possa estabelecer, novamente, vínculos entre essa doutrina e a religião católica, em vista de esta última proclamar a crença na vida após a morte. Vê-se, portanto, que a presença dos princípios católicos no discurso integralista estimulou Mansueto a filiar-se à Ação Integralista Brasileira, posto que, como católico fervoroso, viu na militância dessa agremiação uma possibilidade de propagar de forma mais efetiva os preceitos da Igreja.

3.4 POLÍTICA PARTIDÁRIA E RELIGIÃO

O integralismo, ao qual Mansueto Bernardi atrelou-se após a Revolução de 30, censurava duramente o liberalismo e o comunismo e propagava, conforme Cavalari, que a atuação do Chefe deveria ter como objetivo impedir o avanço dos comunistas.³⁴⁰ Os integralistas alegavam que não havia diferenças nítidas entre essas duas correntes políticas, pois a liberal-democracia era filha da filosofia materialista e irmã gêmea do comunismo, ou seja, ambas tinham a mesma origem, o materialismo, e eram fruto da mentalidade dissolvente e analítica do século XIX.³⁴¹

O Partido Comunista, de acordo com Lopez, havia sido fundado em 25 de março de 1922 por marxistas e anarquistas esparsos, tendo posto suas idéias em circulação através da revista *Movimento Comunista* (1922) e dos jornais *A classe operária* (1925) e *A Nação* (1927), sendo que, especialmente no governo de Washington Luís (1926-1930), ocorreu uma ampliação de suas atividades. Entre as dificuldades enfrentadas pelos comunistas é importante

³⁴⁰ Ibidem, p. 153.

³⁴¹ Ibidem, p. 146.

citar, por um lado, a formação teórica tardia, pois só depois de 1922 é que livros marxistas começaram a circular no Brasil, vindos do Uruguai e da Argentina, e, por outro, a questão da legalidade, situação que só conheceram, na fase inicial, em 1922 e 1927, o que os habituou à ação subterrânea e clandestina.³⁴²

Em manifesto escrito em janeiro de 1947, Mansueto também assume, como os integralistas, postura contrária ao socialismo e ao comunismo, amparando-se, para isso, no fato de que a Igreja censurava fortemente ambos os movimentos, não fazendo distinção alguma entre eles, posto que, na essência, eram a mesma coisa, embora com nomes diferentes:

São frutos da mesma árvore maléfica – o materialismo. Só a casca é um pouco diversa na coloração, mas a polpa é a mesma. Um dos frutos é totalmente vermelho, isto é, maduro. É o comunismo. O outro é parcialmente vermelho, ainda não de todo maduro, mas em plena fase de maturação. É o socialismo. Ambos têm, entretanto, além da mesma origem, o mesmo intuito, ostensivo, ou oculto: a destruição da civilização cristã.³⁴³

Como a Igreja, “depositária da Verdade Divina”, havia marcado tanto o socialismo como o comunismo “com o ferro em brasa do mesmo anátema”, Bernardi também os amaldiçoa e, para sustentar seu posicionamento, utiliza algumas encíclicas papais que tratavam do assunto. Segundo Mansueto, na encíclica *Quanta cura*, o papa Pio IX qualificava esses movimentos como um erro funestíssimo e, na encíclica *Quod apostolici muneris*, Leão XIII considerava-os uma peste mortal que se introduzia como a serpente por entre as articulações mais íntimas da sociedade humana, colocando-a num perigo extremo.³⁴⁴

Com base na encíclica *Rerum Novarum*, do papa Leão XIII, Mansueto também argumenta que, com a suposta pretensão de defender a classe operária e solucionar o conflito desencadeado entre o capital e o trabalho, os socialistas incitavam nos pobres o ódio invejoso contra os ricos, almejando que toda a propriedade de bens particulares fosse suprimida. Nesse sentido, alerta que essa proposição, além de não acabar com o conflito, prejudicava os

³⁴² LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Brasil contemporâneo*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p. 58-59.

³⁴³ BERNARDI, Mansueto. Ao eleitorado montanhês. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 97 (Obras Completas, v. 5).

³⁴⁴ Idem.

operários e era extremamente injusta, porque violava os direitos legítimos dos proprietários, viciava as funções do Estado e tendia para a subversão completa do edifício social.³⁴⁵

Bernardi enfatiza, além disso, que o papa Pio XI, na encíclica *Quadragesimo anno*, afirmava que tanto o socialismo como o comunismo conservavam o princípio fundamental do socialismo primitivo, contrário à fé cristã. No seu ponto de vista, o comunismo pregava a guerra de classes e a destruição da propriedade particular, utilizando, para isso, meios violentos, ao passo que o socialismo declarava abster-se da violência e atenuava os princípios defendidos pelos comunistas, embora não os suprimisse totalmente. Baseado nesses documentos, o poeta argumenta que ninguém podia ser, ao mesmo tempo, bom católico e verdadeiro socialista, posto que o socialismo não se conciliava com a doutrina católica, concebendo a sociedade de modo totalmente oposto à verdade cristã.³⁴⁶

Em decorrência disso, no decorrer de seus ensaios e discursos, o autor de *A revolução de 30* compara, incessantemente, cristãos e comunistas, tendo em vista mostrar o quanto o comunismo era pernicioso. Isso pode ser visto em trabalho por ele apresentado, em 30 de janeiro de 1947:

O cristão pede, na sua oração dominical, antes do pão nosso de cada dia, o advento do reino de Deus e a sua justiça. O comunista, que não acredita na existência de Deus, só reclama, a gritos, o pão de cada dia e o advento da ditadura do proletariado, a fim de poder oprimir e esmagar todas as outras classes sociais.³⁴⁷

A partir de 1847, ano de lançamento do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, vinha se desenvolvendo, conforme Mansueto, uma terrível luta de classes, sendo que a Igreja a condenava veementemente, pois a julgava contrária aos princípios da fraternidade e da caridade cristãs. Sem, entretanto, negar o quanto eram justas as reivindicações operárias, o poeta alia-se aos católicos que preconizavam, ao contrário dos comunistas, a cooperação de

³⁴⁵ Ibidem, p. 97-98.

³⁴⁶ Ibidem, p. 98-99.

³⁴⁷ _____. Franciscanismo e comunismo. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 39 (Obras Completas, v. 8).

classes, através da organização da sociedade em sindicatos e corporações profissionais, cada qual com os seus direitos e deveres, mas concorrendo todas para um mesmo fim.³⁴⁸

Na opinião de Mansueto, os comunistas acreditavam que o fim desse combate somente se daria com o estabelecimento da ditadura do proletariado:

Para eles, o salvador do mundo não é Jesus Cristo, mas o Proletariado. O Proletariado será o Deus Onipotente do futuro e Carlos Marx, Lenine e Estaline são os seus chefes, sem contar os videntes de segunda e terceira classe, que surgirem em cada nação, a pregar o ateísmo, a discórdia, a desconfiança e o rancor contra os homens. Para esses, a religião é uma bobagem [...] “o ópio do povo”.³⁴⁹

Entretanto, no ponto de vista de Bernardi, a implantação do comunismo não superaria essa angústia coletiva, já que ela estava sendo amplamente desencadeada pelo capitalismo e ambos emergiam de uma idêntica concepção de vida. Tanto o comunismo como o capitalismo eram orientados pelo mesmo sentimento pagão, sendo incompatíveis com a cultura cristã e com as boas regras de conduta da vida política. Assim, para ele, fora dos preceitos evangélicos, não havia solução possível para a suposta crise material e moral que assolava a sociedade da época.³⁵⁰

É interessante notar que, no período que se segue ao movimento revolucionário de 30, na região colonial italiana do sul do Brasil, a ação integralista caracterizava-se, segundo Berenice Corsetti, por ampla atividade, sendo corriqueiras as passeatas, a promoção de comícios nas capelas do interior e a participação em choques armados contra os comunistas. A juventude integralista, responsável pelo movimento na região, identificava, na burguesia, o modelo do liberalismo econômico que o integralismo combatia.³⁵¹

Nessa perspectiva, Bernardi enfatiza, em 30 de janeiro de 1947, que havia um radical antagonismo entre Jesus Cristo e Marx: “Um é a luz, outro a treva. Um é o amor, outro é o

³⁴⁸ _____. Cultura católica e vida política. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 87-89 (Obras Completas, v. 8).

³⁴⁹ Idem.

³⁵⁰ Ibidem.

³⁵¹ CORSETTI, Berenice. O crime de ser italiano: a perseguição do Estado Novo. In: DE BONI, Luis A. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1987. p. 368.

ódio. Um é a ordem, outro o caos. Um é a liberdade, outro a escravidão. Um é o espírito radioso, leve e gratuito, outro a matéria opaca, pesada e concupiscente.”³⁵²

Para retratar a luta que julgava estar sendo travada entre o cristianismo e o comunismo na sociedade daquela época, Mansueto acrescenta que

agora a treva está investindo contra a luz, o ódio contra o amor, o caos contra a ordem, a escravidão contra a liberdade, a matéria contra o espírito. Mas, afinal, a luz, a ordem, a liberdade e o espírito prevalecerão contra os seus contrários, porque é da natureza do homem, embora muitas vezes ele claudique e se entenebreça, que ele tenda instintivamente para a luz, o bem, a ordem e a liberdade.³⁵³

Dessa maneira, reiterando a postura dos integralistas, Bernardi salienta, no mesmo pronunciamento de 1947, que era visível a enorme diferença existente “entre um santo e uma fera e especialmente entre a alma do mais santo dos santos e o ânimo de um lobo cruel e faminto”, referindo-se, respectivamente, a São Francisco de Assis, que simbolizava o cristianismo, e ao comunismo. Contudo, na sua opinião, essa distinção estava se tornando obscura para o povo e, em virtude disso, era necessário ministrar o medicamento mais eficaz contra todos esses males destruidores da sociedade que, de acordo com as orientações da Igreja, não deveria ser a repressão policial, mas sim a “penetração da justiça social e do sentimento de caridade cristã na ordem econômica e política”.³⁵⁴

Sobre essa postura, o autor de *Terra Convalescente* destaca, ainda em 1947, as conseqüências maléficas que poderiam advir da implantação da doutrina de Marx e os benefícios que os frutos do cristianismo trariam para o povo. Consoante Bernardi, enquanto este último propiciava não só a exaltação e adoração constante de Deus, criador e juiz de todas as coisas, como também a conciliação, o equilíbrio e a harmonia de todas as classes sociais, o marxismo incentivava o combate a tudo o que era divino e a guerra de classes sem tréguas nem quartel. Além disso, na sua opinião, o evangelho de Cristo havia produzido, entre outros, os esplêndidos vultos de Santa Clara e de São Francisco de Assis, ao passo que o

³⁵² BERNARDI, Mansueto. Franciscanismo e comunismo. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 38 (Obras Completas, v. 8).

³⁵³ Idem.

³⁵⁴ Ibidem.

manifesto de Marx dera origem as figuras “horrendas de Lenine e Estaline e outros lobos, lobazes e lobatos da mesma espécie”.³⁵⁵

Mansueto utiliza, em vista disso, as concepções oriundas da doutrina católica para direcionar o voto da população. Valendo-se de uma declaração do papa Pio XII, o poeta assegura, em janeiro de 1947, que só existiam duas formas de votar: “a favor de Cristo ou contra Cristo”. E, como ele acreditava que Getúlio Vargas havia aderido à democracia socialista e o Partido de Representação Popular professava e preconizava a democracia cristã, pedia aos habitantes de Veranópolis que, “por Cristo e pelo Brasil”, votassem nos candidatos do PRP, nas eleições de 1947, para o provimento dos cargos de governador do Estado, senador e deputados estaduais.³⁵⁶

Bernardi destaca, nesse sentido, em outro texto de janeiro de 1947, que, de acordo com a orientação da Igreja, cabia aos cristãos lutar incessantemente e de todas as formas contra “o monstro vermelho do comunismo”, que intentava “devorar por todos os lados e por todos os meios a sociedade cristã”. Contudo, aconselha-os a não nutrir ódio pelos partidários do comunismo, porque, embora estivessem perdidos, eles continuavam sendo filhos de Deus.³⁵⁷

Sobre essa aversão nutrida por Mansueto ao comunismo, pode-se dizer que, de acordo com Cavalari, os doutrinadores da Ação Integralista Brasileira, em seus pronunciamentos, transmissões radiofônicas e publicações, após descreverem de forma dramática a situação caótica em que se encontrava o país, responsabilizavam o comunismo, ao lado da liberal-democracia, do materialismo, das ambições, do egoísmo e do capitalismo internacional, por esse caos.³⁵⁸

³⁵⁵ Ibidem, p. 39.

³⁵⁶ _____. Ao eleitorado montanhês. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 100 (Obras Completas, v. 5).

³⁵⁷ _____. Franciscanismo e comunismo. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 37 (Obras Completas, v. 8).

³⁵⁸ CAVALARI, op. cit., p. 126.

Fica evidente, nesse último texto, que o poeta toma partido, ou seja, assume uma postura político-partidária antagônica ao comunismo e ao socialismo, tendo em vista que, para ele, ambos representavam um mesmo ideário que visava extinguir o cristianismo:

Fique quem quiser com Carlos Marx, Lenine e os seus asseclas, conscientes ou inconscientes.

Eu fico e ficarei com Jesus Cristo, São Francisco de Assis e os seus discípulos, certo de que, deste lado, é que estão “a verdade, o caminho e a vida”.³⁵⁹

Em virtude de não compartilhar dos princípios defendidos pelas doutrinas socialista e comunista, Mansueto, conforme ensaio publicado no jornal *Correio do Povo* em duas partes, nas edições de 27 e 30 de setembro de 1958, desliga-se, em 8 de março de 1958, do Partido de Representação Popular, no qual militou durante um quarto de século, dizendo-se inconformado com o acordo eleitoral celebrado entre o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e o PRP, que, juntamente com o Partido Socialista Progressista (PSP), formavam a Frente Popular Socialista. Ele alega que o próprio presidente do PTB havia confirmado, em 5 de setembro daquele ano, que o trabalhismo e o comunismo tinham vários pontos comuns, como a defesa de melhores padrões de vida para o operariado e uma política nacionalista no que tange à exploração das riquezas brasileiras. Além disso, argumenta que Getúlio Vargas havia declarado, em 29 de novembro de 1946, que sua filiação à democracia socialista e ao programa do partido que havia fundado e estruturado, o PTB, tinha fortes inclinações socialistas. E, como havia muitas afinidades entre o socialismo e o comunismo, já que eram frutos da mesma árvore marxista, era inconcebível, na opinião de Mansueto, que o PRP se aliasse ao PTB.³⁶⁰

Em conseqüência disso, Bernardi novamente tenta, nesse mesmo ensaio divulgado em 1958, direcionar o voto da população, afirmando que os eleitores deveriam escolher entre “cristianismo e socialismo, entre Cristo e Satanás”. Diante da união das Esquerdas, nenhum

³⁵⁹ BERNARDI, Mansueto. Franciscanismo e comunismo. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 41 (Obras Completas, v. 8).

³⁶⁰ _____. Socialismo e trabalhismo. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 131-137 (Obras Completas, v. 5).

católico poderia votar em candidatos que defendessem o comunismo e o socialismo como solução para a questão social brasileira, porque havia irreduzível oposição entre a sociologia cristã e os princípios socialistas, baseados no materialismo de Marx. Dessa maneira, considera inaceitável que católicos, coerentes com os postulados de sua fé e as exigências de uma ordem social humana e cristã, prestem auxílio de qualquer natureza aos defensores do socialismo.³⁶¹

Ao aproximar o socialismo e o comunismo de Satanás, já que o poeta não fazia nenhuma distinção entre essas doutrinas, Mansueto novamente reproduz em sua fala a visão integralista. De acordo com Cavalari, apesar de o integralismo não estabelecer diferenças claras entre o liberalismo e o comunismo, dada a procedência comum destas duas doutrinas, em algumas ocasiões considerava o liberalismo mais materialista do que o marxismo. Enquanto os integralistas caracterizavam a burguesia liberal como fraqueza de caráter, dissolução ou negligência e indiferença, viam os comunistas como a personificação do mal: “o comunismo era a re-encarnação do demônio, a comprovação da existência de Satanás”.³⁶²

Percebe-se, assim, nesse mesmo texto publicado em 1958, que votar bem deveria ser, para o cristão, além de um compromisso como cidadão, um desafio de coerência com sua fé:

Nesta hora de perigo e definição de posições, lembrem-se os verdadeiros cristãos que ninguém pode servir ao mesmo tempo a dois senhores e que a ninguém é lícito ir à missa de manhã, assistir a comícios socialistas de tarde ou votar em candidatos socialistas, à noite. Isto só faz quem não sabe o que faz.³⁶³

Como se pode verificar no discurso proferido, em 31 de maio de 1959, por ocasião da inauguração da placa comemorativa do Cinquentenário do *Correio Rio-grandense*, em Caxias do Sul, Bernardi está convicto de que, ao invés de os partidos políticos se encaminharem, impulsionados por más inspirações, para o nacional-socialismo intervencionista, monopolizador, inóspito e hostil, eles deveriam se inteirar dos preceitos da

³⁶¹ Idem, p. 140.

³⁶² CAVALARI, op. cit., p. 149.

³⁶³ BERNARDI, Mansueto. Socialismo e trabalhismo. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 140 (Obras Completas, v. 5).

doutrina social da igreja, a qual recomendava, sem disfarces, a adoção da democracia cristã para a redenção e o progresso ético e material da sociedade.³⁶⁴

Desse modo, nota-se que Mansueto condenava as doutrinas comunista e socialista por estar convencido de que nenhum poder político poderia se estruturar de forma duradoura e eficiente sem o apoio do influxo religioso, e, da mesma forma, afiançava que, enquanto a sociedade não se fundamentasse na doutrina cristã, nunca existiria harmonia material e moral entre as diversas classes sociais.³⁶⁵

Na sua opinião, “a Igreja dependente do Estado” era “uma coisa inconcebível”, e o “Estado dependente da Igreja já não seria também possível nem aconselhável”, de modo que o auxílio recíproco entre Igreja e Estado seria a situação ideal que deveria se estabelecer. Ou seja, “a Igreja livre colaborando com o Estado igualmente livre”, já que um complementava o outro e, dessa forma, estaria sendo cumprida a recomendação de Cristo de dar “a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”.³⁶⁶

Como decorrência, Bernardi esclarece que o reino de Cristo era o domínio do amor e do espírito, de modo que era sobrenatural e tinha fins divinos, ao passo que o de César era o império da matéria e da força, do cálculo interesseiro, dos negócios, da economia profana dos homens, sendo de natureza mundana e visando à consecução de fins terrenos:

Tudo o que nas coisas humanas é consagrado a título qualquer, tudo o que diz respeito à salvação das almas e ao culto de Deus, quer por sua natureza, quer em relação ao seu fim, tudo isso compete à autoridade e à jurisdição da Igreja. Quanto às outras coisas, de que trata a ordem civil e política, é justo que fiquem sujeitas à autoridade civil, porque Jesus Cristo ordenou que se desse a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.³⁶⁷

Por isso, ele pregava o equilíbrio harmonioso entre os poderes eclesiástico e civil, pois tinha certeza de que o reino de César sempre fracassaria e ruiria sem os subsídios do

³⁶⁴ _____. *Servir a Deus e ao Brasil*. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 104 (Obras Completas, v. 8).

³⁶⁵ _____. *Cultura católica e vida política*. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 87 (Obras Completas, v. 8).

³⁶⁶ _____. *O arauto do grande rei*. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 49 (Obras Completas, v. 8).

³⁶⁷ _____. *Cultura católica e vida política*. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 86 (Obras Completas, v. 8).

reino de Cristo³⁶⁸: “Sabemos todos que o reino de Cristo é naturalmente bom. Pensamos que o reino de César também deve ser bom. Mas só a conciliação de ambos, só a harmonia de ambos, só a colaboração de ambos poderá ter a virtude de ser ‘muito boa’.”³⁶⁹

Demonstrando concordar com o que a Igreja divulgava a respeito do governo temporal da sociedade humana, Mansueto deixa claro que os governantes deveriam ser ministros de Deus para o bem de todos, pois o poder de César seria muito precário, confrontado com o poder de Cristo, e “nenhuma potestade subsiste na terra, se não a vivifica e socorre a graça de Cristo”. Conseqüentemente, ele alerta os dirigentes políticos que deveriam, num momento de grande crise como o que estavam vivendo naquela época, convencer-se de que o influxo da doutrina de Cristo sobre o poder civil era imprescindível, pois o principal agente causador desse colapso mundial era o não reconhecimento da importância do poder divino³⁷⁰:

Quando a Igreja não é perseguida, como na Rússia, na recente Alemanha, na Espanha republicana e no México, apenas é tolerada, senão embaraçada com toda sorte de obstáculos materiais e de cavilações legais. O abandono do seu ensino é completo. A indiferença triunfa. A má vontade atéia é que dita as leis. Contrariada nas esferas superiores, detentoras do mando, a religião se refugia no seio do povo. Daí o mal-estar, o desequilíbrio, as fendas no edifício social, os desmoronamentos a que estamos assistindo. Porque todos esses edifícios políticos levantados sem o concurso e o cimento da fé, são como casas sem teto.³⁷¹

A preocupação do autor de *São Francisco de Assis e a natureza* com o equilíbrio harmonioso e o auxílio recíproco entre César e Cristo no governo do mundo, ou seja, entre os poderes político e religioso, deve-se, provavelmente, ao fato de que, no final do século XIX, havia ocorrido a separação entre Igreja e Estado. Assim, segundo Beozzo, a Igreja brasileira procurava, na primeira metade do século XX, reaproximar-se em novas bases do poder civil e

³⁶⁸ _____. O arauto do grande rei. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 48-49 (Obras Completas, v. 8).

³⁶⁹ _____. O ensino de César e o ensino de Cristo. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 59 (Obras Completas, v. 8). Esse discurso foi proferido em 17 de novembro de 1946, no ato de lançamento das pedras fundamentais dos ginásios Divino Mestre e Regina Coeli, de Veranópolis, tendo sido publicado originalmente no jornal *A nação*, de Porto Alegre, na edição de 4 de dezembro de 1946.

³⁷⁰ _____. O arauto do grande rei. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 52 (Obras Completas, v. 8).

³⁷¹ _____. Cultura católica e vida política. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 86 (Obras Completas, v. 8).

reconstruir-se social e internamente, com o apoio das Igrejas européias, sobretudo, da Igreja de Roma, após ter sido eliminado, com a República, em janeiro de 1890, o regime secular de padroado com a tutela do Estado sobre a Igreja.³⁷²

Como se vê, Mansueto Bernardi, como católico e membro da Ação Integralista Brasileira, espelhava em sua postura política a visão integralista que difundia a idéia de que tanto o liberalismo como o comunismo não seriam doutrinas coerentes com a realidade da época, pois se baseavam no materialismo, afastando o cidadão do espiritualismo e não o valorizando pelo que era, mas sim pelos bens que possuía. O poeta assim se posicionava, em vista de estar convencido de que as concepções integralistas estavam em sintonia com o que recomendava a Igreja Católica.

Bernardi também estabelecia uma clara correlação entre fé católica e política partidária, tentando mostrar que a religião e a política não eram duas realidades completamente dissociadas ou mesmo incompatíveis. Na verdade, ele colocava a política sob o critério da fé, de modo que o poder religioso tornava-se a referência fundamental para tudo iluminar e conduzir. Assim, ele tentava convencer os cidadãos de que havia uma coerência prática a estabelecer entre a fé em Deus e os compromissos políticos.

3.5 REVISTA DO GLOBO: A IMPRENSA A SERVIÇO DA POLÍTICA

Mansueto Bernardi manteve contato com intelectuais e políticos importantes, tanto de Porto Alegre como do interior do estado do Rio Grande do Sul e do resto do país, no período em que atuou na Livraria e Editora Globo, entre 1917 e 1931. A relação que

³⁷² BEOZZO, José Oscar. O clero italiano no Brasil. In: DE BONI, Luis A. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1987. p. 46.

estabeleceu com esses nomes, no período que precedeu a Revolução de 30, abriu-lhe as portas para a atuação partidária, posto que era corriqueiro, nessa época, que escritores se movimentassem entre a literatura, o jornalismo e a política.

Na primeira metade do século XX, o intelectual das letras ainda não era totalmente reconhecido como profissional e pouquíssimos recursos financeiros eram destinados para a divulgação das obras, o que concorria para que o escritor não conseguisse sobreviver apenas dos rendimentos oriundos de sua produção artística. O autor de *Terra convallescente*, por exemplo, desempenhou outras atividades profissionais, sendo professor, ocupando cargos no serviço público, empregando-se em livrarias, editoras e jornais, bem como enveredando pelos caminhos da política. Em vista disso, torna-se imprescindível compreender o percurso empreendido pelos escritores brasileiros rumo à profissionalização.

Verificam-se, no transcurso da história, várias maneiras de se remunerar o trabalho de criação literária, nos diferentes momentos e nas distintas organizações sociais. A recompensa vai desde o patrocínio de pessoas ricas e influentes da sociedade, passando pela retribuição com a designação de cargos no serviço público, chegando até à destinação de pequenos valores pela atividade realizada. Disso conclui-se que, o fato de este grupo de profissionais configurar-se nitidamente ou permanecer virtual, depende em boa parte das

condições de existência que os seus membros, enquanto tais, encontram na sociedade. Decorre ou não daí a profissionalização, que, embrionária noutras épocas, é tendência no mundo moderno, mas não fator essencial para estruturar um grupo de escritores.³⁷³

Assim, instala-se uma contradição. Por um lado, o autor é o gênio inspirado que cria obra original e única, e, de outro, é ser humano que precisa de recursos financeiros para sobreviver.

Nesse sentido, no século XIX, predominava, no âmbito das Letras, a falta de profissionalismo e uma atitude de resignação por parte dos artistas com a ausência de uma

³⁷³ CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000. p. 75.

estrutura sócio-econômica que permitisse a transformação dessa conjuntura. Nessa época, como o escritor ainda não era considerado um profissional da literatura, o governo tentava amainar a situação optando por medidas atenuantes. Ao escritor que já dispusesse de um público seguro, era oferecida uma ocupação em que pudesse conciliar o emprego com a atividade de criação – o serviço público:

Se o Estado não se responsabilizava pela alfabetização do público, nem preservava os interesses do país no mercado nacional, a nomeação de escritores para cargos públicos consistia, de um lado, na confissão de sua impotência institucional; de outro, na tentativa de remendar a impotência de forma canhestra, mutilando simultaneamente a instituição literária, por não reconhecê-la enquanto tal, e o serviço público, no qual postulava a existência do ócio necessário à criação.³⁷⁴

Desde a transplantação do governo português para o território brasileiro, a destinação de cargos públicos a escritores tornou-se uma prática comum. Sem competência para organizar uma política cultural que fosse além do tradicional patrocínio ou proteção concedidos pelo Estado aos artistas, os governantes acabaram convertendo o serviço público numa organização suplementar dessa estrutura governamental pouco produtiva. Tal incompetência administrativa refere-se especialmente à criação de uma política cultural e educacional que propiciasse a modernização da produção literária e a profissionalização do escritor.

Por outro lado, aos escritores que ainda não haviam obtido prestígio e repercussão suficientes que lhes permitissem conseguir um emprego público, restava enveredar pelos caminhos do magistério. Então, por um lado, escritores

aceitam a marginalidade decorosa, transformando-a em estilo de vida, ou dirigem-se para o magistério, profissão apenas colateralmente associada às letras, mas na época já dominada pelas mulheres. Por outro, o sistema incentiva o compadrio e a colaboração mútua, na base do relacionamento com os famosos que podem abrir facilmente as portas das editoras.³⁷⁵

Alguns escritores mais ambiciosos optavam, conseqüentemente, por uma alternativa mais audaciosa. Aproximavam-se de outros colegas de profissão já famosos com o intuito de

³⁷⁴ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 71.

³⁷⁵ Idem, p. 72.

tirarem proveito do prestígio que estes já haviam conquistado, utilizando-os como alavanca para terem seus livros lançados no mercado literário. Além disso, outra opção que se lhes oferecia era buscar junto às pessoas ricas da sociedade local um patrocínio para suas produções, sendo que muitas figuras influentes faziam questão de dar essa ajuda financeira, pois isso representava *status* social, e a hipótese de serem consideradas benfeitoras das letras e das artes deixava-as envaidecidas.

Outra solução encontrada para amenizar a ausência de meios de divulgação do trabalho literário era empregar escritores e intelectuais em livrarias, editoras, bibliotecas e jornais. Nesse sentido, a imprensa constituía a alternativa predileta dos candidatos a escritores, já que consideravam esse o primeiro passo para conquistar o sucesso e a consagração. Ocorria, na maioria dos casos, uma espécie de acordo entre jornalismo e literatura, o apadrinhamento, que fazia com que os escritores sobrevivessem de favores jornalísticos. Apesar de não constituir a solução do problema, o fato de a imprensa literária tornar-se uma profissão remunerada fazia com que os homens das letras subissem um grande degrau em direção a sua profissionalização. Segundo Lajolo & Zilberman,

imprensa e literatura são formações discursivas diferentes, emanadas de lugares sociais igualmente distintos; mas ambas integram o mesmo sistema da escrita. Não se confundem, posto sejam intercomunicantes. E o fato de a imprensa, durante um certo tempo e em certos casos, financiar a literatura é, talvez, a manifestação mais visível desta intercomunicabilidade. De todo modo, com a imprensa bancando, a questão do financiamento da literatura ainda é resolvida de uma forma externa a ela, literatura.³⁷⁶

No século XIX, encontram-se, desse modo, alguns indicativos, frágeis na maioria das vezes, que comprovam as sutis amostras de profissionalização do escritor. Muitos deles descobrem na imprensa um local propício para divulgarem suas publicações e darem demonstrações de sua habilidade no manejo da língua escrita. Além disso, trata-se de um primeiro mecanismo encontrado por eles para receberem uma remuneração em troca do

³⁷⁶ Ibidem, p. 87.

trabalho intelectual e de sua colaboração para os jornais. Esse pode ser considerado o gérmen que deu origem à profissionalização do artista das letras.

Além disso, quando o jornalismo não era suficientemente rentável economicamente, “também a tradução podia se apresentar como profissão disponível para o homem de letras ou, ao menos, como trabalho intelectual a ser remunerado”.³⁷⁷ De todo modo, ser tradutor constituía uma concreta alternativa de trabalho e opção profissional para o escritor.

Dessa forma, como o reconhecimento da existência do artista, que vive da sua arte, dedicando-se apenas a ela, e a sua profissionalização ainda não era uma realidade na primeira metade do século XX, constata-se que Mansueto dedicou-se a outras atividades profissionais. Considerando esse fato e a influência da política nos meios de comunicação e vice-versa, é possível afirmar que são de grande importância os laços estabelecidos entre Mansueto e as lideranças que, na época, governavam o Rio Grande do Sul, pois política e jornalismo, muitas vezes, andam de mãos dadas, em uma relação que pode determinar como cada notícia é veiculada e mesmo decidir o que é notícia. Além disso, a mídia pode deixar de ser um mero observador da realidade e se colocar cada vez mais como ator político, interferindo nos destinos da administração pública.

Nesse sentido, apesar de os poetas simbolistas³⁷⁸, na grande maioria dos casos, terem se isentado da participação social, afastando-se em grande parte da realidade, dadas as características fundamentais do Simbolismo de apartar-se das emoções vulgares e concentrar-se em visões pessoais,³⁷⁹ Bernardi teve atuação efetiva na vida política regional, estadual e federal da primeira metade do século XX. Ele seguiu o exemplo de alguns de seus antecessores simbolistas que se empenharam apaixonadamente nas campanhas pela Abolição e pela República, sendo participantes decisivos dos acontecimentos.

³⁷⁷ Ibidem, p. 97.

³⁷⁸ Ver a respeito disso o capítulo 3 desta Dissertação, que trata especificamente do Simbolismo e do projeto literário de Mansueto Bernardi.

³⁷⁹ MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira: o Simbolismo*. 4. ed. São Paulo: Cultrix Ltda., 1973. v. 4. p. 75-76.

Como a Livraria e Editora Globo tornou-se, na década de 20, o local de encontro de grande parcela da intelectualidade gaúcha daquele tempo, onde se discutiam diversos assuntos, lançavam-se nomes e se faziam reputações, e por onde passavam literatos e artistas estrangeiros e nacionais³⁸⁰, como João Pinto da Silva, Darci Azambuja, Augusto Meyer, Vargas Neto, Sotero Cosme (e os ainda inéditos, à espera de vez: Paulo Arinos, Rubens de Barcelos, Eurico Rodrigues, Reinaldo Moura, Carlos Dante de Moraes, Silvio Soares de Souza, Walter Spalding)³⁸¹, Mansueto igualmente estabeleceu contato com políticos importantes. Entre eles, destacam-se Getúlio Vargas, Oswaldo Aranha, João Neves da Fontoura, Maurício Cardoso, Flores da Cunha e outros deputados e políticos eminentes³⁸².

Conforme Carlos Reverbel³⁸³, Vargas era grande amigo de Bernardi, informação que, segundo ele, pode ser comprovada através da carta que o político redigiu de próprio punho, em 05 de outubro de 1922, pedindo a opinião do jornalista sobre um livro de Vargas Neto, sobrinho de Getúlio, que acabara de reunir alguns poemas para publicar sob o título *Tropilha Crioula*, atualmente um clássico da poesia nativista gaúcha.

Entretanto, Mansueto já dava mostras de seu engajamento político muito antes, em 1920. Ao realizar seu pronunciamento, em 12 de outubro daquele ano, perante os Conselheiros de São Leopoldo, na condição de Intendente eleito, afirmou que se julgava desobrigado de apresentar a sua plataforma política, pois “eleito pelo partido de Júlio de Castilhos e de Borges de Medeiros”, seu “programa administrativo” outro não poderia ser “senão o programa desse partido, que há trinta anos” vinha “norteando os destinos do Rio Grande para o mais belo e radioso porvir.”³⁸⁴ Sua adesão político-partidária é reiterada, também, no discurso de posse como intendente, proferido na mesma data, no qual ressalta que

³⁸⁰ BERNARDI, Mansueto; MARTINS, Justino; VERÍSSIMO, Érico. Um pouco da história da Revista do Globo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 813, p. 40-42, 03 jan. 1962.

³⁸¹ SPALDING, Walter. Porto Alegre: quando nasceu a Revista do Globo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 863, p. 10-17, 04 jan. 1964.

³⁸² VERGARA, Pedro. *Mansueto Bernardi: esboço de uma grande vida*. Rio de Janeiro: IBGE, 1960. p. 17-18.

³⁸³ REVERBEL, Carlos. Uma carta de Getúlio Vargas. *Zero Hora*, Porto Alegre, 06 jun. 1991.

³⁸⁴ BERNARDI, Mansueto. Discurso político. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 161 (Obras Completas, v. 5).

não foi o seu obscuro nome que saiu vitorioso no bojo das urnas, mas o princípio que ele encarnava, as credenciais dos republicanos de São Leopoldo que tinha a honra de exibir.³⁸⁵

O autor de *Terra convaléscente* declara-se, dessa maneira, defensor dos ideais do Partido Republicano Rio-grandense (PRR), que governava o estado naquele momento. Conseqüentemente, demonstra aderir não só aos princípios positivistas fixados no Estado por Júlio de Castilhos, político doutrinário e pragmático que já havia falecido nessa época e ainda era reverenciado, mas também ao monopólio político do PRR, ao qual Borges de Medeiros deu continuidade, reelegendo-se presidente do Estado por quatro vezes e usufruindo o poder durante vinte e cinco anos.

A respeito disso, o historiador Décio Freitas, autor do livro *O homem que inventou a ditadura no Brasil*, afirma que o projeto castilhista serviu de modelo tanto para o Estado Novo quanto para o regime de 1964:

Não surpreende que o castilhismo tenha sido o substrato da ditadura nacional instaurada por seu ilustre rebento. Seguindo o modelo castilhista, Getúlio Vargas estribou seu regime de 1937-1945 numa Constituição que estabelecia as regras a serem observadas. [...] A essência da ditadura, escondida atrás de um véu constitucional, consistia na concentração de todos os poderes do Estado no Executivo. A segunda versão nacional do invento castilhista foi o regime de 1964-1985 [...] que se baseou em Constituição que mantinha as instituições representativas e encenava eleições, mas em que o único poder real residia no Executivo. O protótipo castilhista de ditadura sempre extasiou os autoritários brasileiros, à direita e à esquerda. O colendo patriarca merece, com inteira justiça, ser reputado como o homem que inventou a ditadura no Brasil. Por influência de Júlio de Castilhos, regimes autoritários vieram a ser no Brasil uma especialidade gaúcha, como o churrasco e o chimarrão.³⁸⁶

Ao seguir os princípios do Castilhismo, Bernardi demonstra seu apoio, já em 1920, ao sistema ditatorial que estava por trás dessa doutrina, posto que o presidente fazia as leis, cabendo ao Legislativo unicamente a aprovação do orçamento. A ditadura tem como característica a concentração do poder num único órgão, o poder Executivo, ou melhor, numa

³⁸⁵ _____. Discurso político, na posse em São Leopoldo. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 167 (Obras Completas, v. 5).

³⁸⁶ FREITAS, Décio. A abominável invenção do patriarca. *Zero Hora*, Porto Alegre, 25 abr. 1991. Segundo Caderno Cultura, p. 5.

única pessoa, o indivíduo que é, por isso mesmo, um ditador que não só executa as leis, mas as elabora, impondo sua vontade.

Mansueto Bernardi também utilizou os meios de comunicação para influenciar a postura político-partidária dos leitores. No início do século XX, a imprensa escrita já era um veículo de ampla penetração, sendo capaz de redefinir valores sociais e ser um mecanismo particularmente eficaz de propaganda³⁸⁷. Nesse contexto, ela se revestia de grande poder, tornando-se um importante meio de divulgação de concepções parciais da sociedade que poderiam vir a ser assumidas como projetos coletivos, pois esse instrumento de comunicação constituía uma das formas pelas quais determinados valores poderiam se manifestar e estender-se para um público mais amplo e diversificado.

A função jornalística podia, assim, ser utilizada segundo um viés eminentemente utilitário, transformando-se em fator de manutenção da situação social vigente ou de orientação do processo de mudança, exercendo um efeito tutelar e gradual sobre o público. Trata-se da “concepção da pena como o quarto poder, clássica nas sociedades liberais”³⁸⁸, já que os meios de comunicação social podiam, efetivamente, eleger culpados, punir, absolver, obter informações, atuando, em alguns casos, com absoluta falta de ética, sem que houvesse qualquer contraposição a tal situação. Trata-se de forças com um poder gigantesco, verdadeiros ordenadores de códigos de conduta para o povo, capazes de eleger vítimas e heróis.

Nessa perspectiva, ao refletir sobre o poder da imprensa na Primeira República, Nicolau Sevcenko afirma que

a nova grande força que absorveu quase toda a atividade intelectual nesse período foi sem dúvida o jornalismo. Crescendo emparelhado com o processo de mercantilização na cidade, o jornalismo invadiu, impassível, territórios até então ainda intocados e zelosamente defendidos. Os jornalistas, ditadores das novas modas e dos novos hábitos, chegavam a desafiar e a vencer a própria Igreja na disputa pelo controle das consciências. [...] Mas nada embaraçava a expansão vitoriosa do

³⁸⁷ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense S. A., 1983. p. 226.

³⁸⁸ Idem, p. 231.

jornalismo, de fato; muito menos os pudores das consciências mais escrupulosas. Sua força e sua ação, quer sobre as classes conservadoras, quer sobre a massa de caixeiros, aventureiros e funcionários de toda espécie, é uma evidência indiscutível. Suas campanhas contra os velhos hábitos e pela implantação de novos costumes, a criação do clima geral de euforia e otimismo da Regeneração e do smartismo são talvez a primeira manifestação de um fenômeno de manipulação de consciências em massa no Brasil.³⁸⁹

A imprensa escrita podia, em virtude disso, tornar-se veículo de um projeto próprio de estado, buscando influir sobre as elites políticas ou forçar uma reformulação da ação executiva das instituições. Assim, os jornalistas despontariam para uma ação tutelar que poderia reforçar a permanência do modelo social vigente ou atuar como coordenadora do processo de mudança em curso, de forma a assegurar o encaminhamento positivo e a condução consciente do fluxo de transformações.

No que se refere à *Revista do Globo*, percebe-se claramente que ela foi utilizada para fins políticos, especialmente no período que antecedeu a Revolução de 30, apesar de Bernardi declarar no preâmbulo da primeira edição, em 1929, que

fora de partidos e acima de partidos, nesta fase auspiciosa de apaziguamento das paixões, de audazes iniciativas públicas e particulares, de ventilação dos espíritos, de transmutação de valores, a *Revista do Globo* quer construir qualitativamente para o Rio Grande do Sul.³⁹⁰ (grifos nossos)

Contudo, outro editorial publicado nesse mesmo órgão de imprensa, ainda em 1929, e intitulado *Creio no Rio Grande*³⁹¹, já dá mostras de uma provável vinculação político-partidária desse meio de comunicação. Nela, Mansueto afirma acreditar que “do Rio Grande do Sul, um dos estados mais saudáveis do Brasil” deveria “partir a campanha decisiva do saneamento moral e político da Nação” e, “dentre os condutores de rebanhos nas coxilhas”, deveriam sair, “na hora propícia, os condutores triunfantes das multidões nacionais”,

³⁸⁹ Ibidem, p. 99-100.

³⁹⁰ BERNARDI, Mansueto. Preâmbulo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 9, 05 jan. 1929.

³⁹¹ _____. *Creio no Rio Grande*. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 10, n. 10, p. 3, 25 mai. 1929. Esse texto foi divulgado, parcialmente, nesse editorial da *Revista do Globo* e sua versão completa encontra-se publicada em: BERNARDI, Mansueto. *Creio no Rio Grande*. In: _____. *Colônias e Colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 29 (Obras Completas, v. 9). O presente discurso foi proferido em 13 de maio de 1927, no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, publicado no *Correio do Povo*, de Porto Alegre, na mesma data e também na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, ano VII, IV trimestre, 1927, Porto Alegre, págs. 549-554.

mostrando a necessidade de haverem mudanças na política governamental e fazendo uma espécie de prenúncio da Revolução de 30.

É interessante notar, ainda, que, bem mais tarde, em 1962, o próprio Mansueto, numa entrevista comemorativa ao aniversário da *Revista do Globo*, declara que o periódico “nascia com o bafejo do supremo poder temporal e espiritual do Estado”³⁹², reiterando a subordinação desse órgão de imprensa aos interesses governamentais.

Da mesma forma, Walter Spalding³⁹³, em 1964, ao lembrar as comemorações alusivas à fundação desse órgão de imprensa, afirma que o Estado todo se movimentava com Getúlio Vargas à testa do Governo, candidato ao Catete por Minas, Paraíba e Rio Grande do Sul, de modo que a nova Revista viera completar o movimento, lançando-se, também, na campanha presidencial, fazendo a propaganda política de Getúlio Vargas. Na sua opinião, o Rio Grande inteiro vibrava na esperança de um Brasil novo, na ilusão de um Brasil redimido.

Pedro Vergara, por sua vez, relata, acerca disso, que, numa das costumeiras visitas de Getúlio à Livraria e Editora Globo, Bernardi negociara, ao lado de Osvaldo Aranha, o patrocínio para a criação e publicação da *Revista do Globo*:

Mansueto não devia perder essa oportunidade, em que o poder vinha ao seu encontro, amavelmente, para pedir alguma coisa, que favorecesse o grupo e os seus ideais. Era assim que debatia com o Presidente, visando soluções administrativas, o problema do livro didático; e era, assim, que lograva o atendimento a reclamações de grande utilidade para o ensino. Numa dessas visitas, obtive que GETÚLIO, coadjuvado de OSWALDO ARANHA, patrocinasse, junto a BERTASO, a publicação, pela LIVRARIA, de um semanário, que fosse a expressão do Rio Grande, naquela hora; e tivemos, então, a REVISTA DO GLOBO.³⁹⁴ (grifos originais)

Torna-se visível, assim, que o apoio acertado por Bernardi com Vargas para a publicação do periódico é retribuído com o suporte oferecido pelo quinzenário aos projetos políticos apresentados pelo governante. Isso pode ser facilmente verificado no manifesto *Ao*

³⁹² BERNARDI, Mansueto; MARTINS, Justino; VERÍSSIMO, Érico. Um pouco da história da Revista do Globo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 813, p. 40-42, 03 jan. 1962.

³⁹³ SPALDING, Walter. Porto Alegre: quando nasceu a Revista do Globo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 863, p. 10-17, 04 jan. 1964.

³⁹⁴ VERGARA, Pedro. *Mansueto Bernardi: esboço de uma grande vida*. Rio de Janeiro: IBGE, 1960. p. 18.

*Rio Grande unido*³⁹⁵, publicado em 14 de setembro de 1929, na *Revista do Globo*, escrito pelo próprio Mansueto e assinado pelo Comitê Central, em que as direções partidárias, os grêmios políticos e eleitorais, enfim, os rio-grandenses foram conclamados a se unir e apoiar os candidatos à presidência e vice-presidência da República, Getúlio Vargas e João Pessoa, respectivamente.

Nota-se, portanto, que os proprietários da Revista e o próprio Bernardi, que, na oportunidade, respondia pela direção, não eram neutros politicamente e estavam envolvidos num jogo de poder, não havendo preocupação em evitar vinculações a interesses político-partidários.

O engajamento partidário da *Revista do Globo* também pode ser comprovado através do amplo espaço que era concedido a Getúlio e seus apoiadores para divulgarem seus propósitos. Ao deixar o governo do estado do Rio Grande do Sul para concorrer às eleições presidenciais, o periódico publicou, em 22 de fevereiro de 1930³⁹⁶, um artigo em que o próprio candidato reforça sua crença na vitória, enfatizando que os processos condenáveis, que, por desventura própria, os adversários viessem a utilizar, encontrariam no repúdio da opinião o justo castigo.

Além disso, Mansueto redigiu e publicou, em 11 de outubro de 1930, na *Revista do Globo*, um manifesto intitulado *Ao Rio Grande e ao Brasil*³⁹⁷. Assinado por dezenas de escritores e políticos, entre os quais Alcides Maya, Augusto Meyer, Athos Damasceno, Darcy Azambuja, o texto legitima o uso das armas para que Getúlio chegue à presidência da República. Ao afirmar que, “ao povo já não resta outro recurso senão o protesto pela força”,

³⁹⁵ BERNARDI, Mansueto. *Ao Rio Grande unido*. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 17, n. 17, p. 1, 14 set. 1929.

³⁹⁶ _____. Preliminares da revolução de 30. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 34-35 (Obras Completas, v. 5). O artigo *Ao Rio Grande do Sul* foi publicado originalmente na *Revista do Globo*, de Porto Alegre, v. 4, n. 28, p. 17, em 22 de fevereiro de 1930.

³⁹⁷ _____. *Ao Rio Grande e ao Brasil*. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 27-29 (Obras Completas, v. 5). Esse manifesto foi publicado originalmente na *Revista do Globo*, de Porto Alegre, v. 19, n. 43, p. 7, em 11 de outubro de 1930.

tenta inculcar na população a necessidade de apoiar o levante, caso contrário, segundo ele, “a Nação brasileira estaria cometendo suicídio moral”.

A ênfase retórica desse discurso faz parte da estratégia utilizada pelo jornalista para persuadir o leitor, já que o aspecto psicológico e a motivação pesam mais do que a racionalidade quando se almeja depor um governo através da luta armada. Os argumentos utilizados por Bernardi são basicamente constituídos por denúncias generalizadas que acusam o governo de Washington Luís de “imoral”, e o Congresso Nacional de “inescrupuloso”, condenando enfaticamente os que dirigiam a nação naquele momento, isentando-se, todavia, de apresentar sugestões que pudessem abrir a possibilidade de correção dos erros que estavam sendo cometidos. Chamam a atenção, também, os elogios à perfeição ideológica do movimento oposicionista, denotando que, o importante para a *Revista do Globo*, era apresentar argumentos contrários ao governo, incitando o povo de todo o país a se manifestar contra ele.

O posicionamento assumido por esse órgão de imprensa segue uma tendência existente entre os meios de comunicação da época, visto que, de acordo com Léa Masina, “a partir de meados de dezenove, irá prevalecer no Rio Grande do Sul um jornalismo de caráter partidário e fortemente ideológico, de acordo com a noção de participação política positivista e comtiana”³⁹⁸. Além disso, acrescenta a autora que “o sentido utilitário da imprensa, bem como a capacidade de representar no discurso as circunstâncias históricas e políticas da sociedade determinavam o caráter político-partidário dos jornais no Rio Grande do Sul”³⁹⁹.

Em decorrência disso, os periódicos eram utilizados para divulgar concepções políticas, e a atividade pública da imprensa gaúcha era essencialmente doutrinária e didática. Com isso, transferiam-se para o campo da produção jornalística as lutas entre facções que aspiravam ao controle do aparelho partidário e estatal, de modo que a postura política

³⁹⁸ MASINA, Léa. *Alcides Maya: um sátiro na terra do Currupira*. Porto Alegre: IEL; São Leopoldo: UNISINOS, 1998. p. 23-24.

³⁹⁹ Idem, p.26.

assumida pelo veículo influenciava no processo decisório que arbitrava sobre o que deveria ou não ser publicado.

Os indícios que levam a crer que a *Revista do Globo* era um meio de propaganda partidária são reforçados pelo fato de que o autor de *Terra convalescente*, utilizando o quinzenário, defendeu as atitudes tomadas por Vargas, procurando mostrar ao leitor que elas eram necessárias num momento de crise como o que se estava vivendo. No artigo intitulado *Teoria das Prefeituras*⁴⁰⁰, publicado em 13 de dezembro de 1930, posiciona-se a favor da nomeação dos prefeitos municipais, decretada pelo governo federal, explicando que a pretensão dos partidos e chefes locais de querer indicar o seu candidato, de almejar ter o seu representante na direção da comuna, afigurava-se destituída por completo de fundamento. Ele tenta mostrar que esse desejo provinha de uma confusão entre regime representativo e ditadura, esclarecendo que, nesta última, tendo em vista que todos os poderes estão concentrados nas mãos do ditador, o interventor seria o responsável direto por tudo o que na esfera pública se fazia, sendo imprescindível que se lhe deixasse inteira liberdade para eleger e colocar delegados de sua confiança à frente da administração dos municípios, cuja autonomia estava provisoriamente suspensa. Também enfatiza que, no regime ditatorial, os prefeitos tinham de ser principalmente pessoas de confiança do interventor, pois que, em nome deste, iriam gerir os negócios do município.

Verifica-se, dessa forma, que a *Revista do Globo* serviu de instrumento para sustentação do regime político imposto em 1930, constatação que se comprova pela postura conivente adotada pelo quinzenário durante o período de repressão, como o descrito acima. Sob a atuação direta dos proprietários do meio de comunicação interessados na manutenção de seus interesses econômicos e ideológicos, esse veículo de imprensa escrita foi utilizado para fins eleitorais e, durante a implantação do governo, como instrumento de manutenção do

⁴⁰⁰ BERNARDI, Mansueto. Teoria das prefeituras. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 23, n. 47, p.9, 13 dez. 1930.

status quo, fundado num regime autoritário e baseado em conceitos como o do interesse social.

Outra prova consistente de que a *Revista do Globo* estava a serviço da política é que, em 1934, ao dedicar uma edição exclusiva, de carácter eminentemente laudatório, ao Presidente da República Getúlio Vargas, “que, após quatro anos de ausência”, voltava ao estado “numa viagem de repouso”, os editores, entre lembranças de fatos importantes de sua trajetória pessoal e política, e elogios por suas realizações governamentais, asseguram que,

quando foi da memorável campanha liberal, a *Revista do Globo* desenvolveu em suas páginas uma propaganda entusiasta e decidida em prol da candidatura Getúlio Vargas – João Pessoa. [...] Veio a revolução. Sem um momento de hesitação, sem atitudes dúbias, a *Revista do Globo* pôs-se ao serviço da causa do Rio Grande, que era a causa do Brasil. E fiel a ela se manteve, desde os dias incertos e dolorosos da luta até a manhã radiosa da vitória. Quatro anos se passaram. Quatro anos de lutas, de reformas, de reviravoltas, de ódios e paixões. Um quadriênio dramático em que o presidente Getúlio Vargas soube conservar uma admirável, uma rara e providencial serenidade.⁴⁰¹

Na publicação seguinte, os editores afirmam sentir-se honrados por terem dedicado um número do quinzenário ao ilustre “Chefe da Nação” e divulgam cópia da carta assinada pelo próprio Getúlio, em 04 de dezembro de 1934, agradecendo a “gentileza” de terem produzido “uma edição especial da *Revista do Globo* comemorativa” da sua chegada à capital, e “toda ela tão rica de agradáveis reminiscências”⁴⁰².

A aproximação de Mansueto com o campo político determinou, provavelmente, as intenções ético-ideológicas das suas produções textuais, pois a autonomia da série literária e jornalística é bastante relativa e vincula-se, pela práxis, à vida sócio-cultural, podendo sofrer as conseqüências da ingerência castradora do sistema político. Constata-se, assim, que o vínculo estabelecido entre donos de jornais, jornalistas e políticos é de extrema significação, já que, muitas vezes, ele determina por que algumas empresas são sempre governistas, enquanto outras se colocam como oposição interessada. Grupos de mídia são empresas e,

⁴⁰¹ S. EXCIA. o Presidente e a Revista do Globo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 150, p. 5, 1 dez. 1934.

⁴⁰² A REVISTA do Globo e o presidente Getúlio Vargas. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 24, n. 151, p.37, 22 dez. 1934.

como tais, têm interesses econômicos e políticos que influenciam na circulação das notícias que o leitor consome.

Essas características se acentuam ainda mais quando os empreendimentos jornalísticos funcionam como grupos empresariais familiares, visto que, muitas vezes, em meio a crises econômicas, essas empresas dependem do socorro monetário do governo. Em virtude disso, torna-se muito delicado filtrar o que é informação e o que é interesse dos donos de empresas, bem como identificar as motivações obscuras que estão por trás da atividade jornalística. Logo, conhecer os bastidores das engrenagens econômicas e políticas que fazem rodar as rotativas de imprensa é um passo essencial em busca da leitura crítica.

Revestida da capacidade de exercer tutela sobre uma larga base social e envolvida com a casta política, a *Revista do Globo* dispunha das condições necessárias para influenciar os padrões de pensamento, o gosto e a ação de seus leitores, atingindo a todos os setores da sociedade e da cultura. Consciente desse poder, Mansueto a utilizou para estabelecer os alicerces que propiciariam a implantação vitoriosa do projeto político de Getúlio Vargas e para criar uma atmosfera favorável a sua chegada ao governo federal. Por último, como a profissionalização do escritor ainda não havia se concretizado na primeira metade do século XX, verifica-se que o poeta atuou em várias áreas profissionais, envolvendo-se com o magistério, o serviço público, a literatura, o jornalismo e a política.

3.5.1 A defesa da Revolução de 30 como solução para o Brasil

Conforme já se afirmou na seção anterior, Mansueto Bernardi valeu-se da imprensa para persuadir os leitores de que a revolta armada era a única solução para os problemas

socioeconômicos surgidos durante a República Velha. Utilizando a *Revista do Globo* para fins políticos, ele tomou partido e defendeu amplamente a “insurreição nacional”⁴⁰³, visto que, na sua opinião, somente assim poderia ocorrer o almejado “saneamento político, econômico e moral do país”⁴⁰⁴.

O movimento de outubro de 1930 foi um dos principais acontecimentos políticos da República Velha, na medida em que alterou a composição de forças até então vigente no cenário político brasileiro. Apesar das controvérsias acerca dos seus efeitos quanto a uma mudança significativa na estrutura sócio-política do país, é possível afirmar, segundo Lopez, que a Revolução de 30 foi o marco de transição do Brasil arcaico para o Brasil moderno, uma vez que libertou o país do monopólio exercido até então pelas oligarquias cafeeiras⁴⁰⁵.

Dentre os fatores que levaram à eclosão da revolta, torna-se importante ressaltar a emergência de uma classe média, do tenentismo, de uma incipiente burguesia e do movimento operário, todos insatisfeitos com a República Velha. Conforme Lopez, por volta do final da década de 20, o potencial de descontentamento existente podia levar, de fato, a uma conflagração.⁴⁰⁶

Acerca dessa insatisfação que imperava na sociedade brasileira, no já mencionado manifesto publicado em 11 de outubro de 1930, na *Revista do Globo*, Bernardi questiona os leitores:

Que fazer num país em que o falseamento do voto é a vergonha generalizada, o acinte sistemático, a brutalidade sem exemplo das eleições de 1º de março? Que fazer numa situação em que o Congresso Nacional, desfibrado, inescrupuloso e obediente aos caprichos inconfessáveis do presidente da República, indivíduo medíocre e atrabiliário, manda depurar em massa os eleitos da Paraíba e sacrificar pela metade a representação de Minas Gerais?⁴⁰⁷

⁴⁰³ BERNARDI, Mansueto. Ao Rio Grande e ao Brasil. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 28 (Obras Completas, v. 5).

⁴⁰⁴ _____. Sugestões de um ingênuo para um plano de salvação nacional. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 65 (Obras Completas, v. 5). Esse ensaio foi publicado originalmente no *Correio do Povo*, de Porto Alegre, edição de 30/12/1954 e no *Correio Rio-Grandense*, de Caxias do Sul, edição de 02/02/1955.

⁴⁰⁵ LOPEZ, op. cit., p. 64.

⁴⁰⁶ Idem, p. 60.

⁴⁰⁷ BERNARDI, Mansueto. Ao Rio Grande e ao Brasil. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 27-28 (Obras Completas, v. 5).

Mansueto demonstra, dessa forma, estar indignado com as fraudes supostamente ocorridas nas eleições de 1º de março de 1930, em que Getúlio Vargas e Júlio Prestes disputaram as eleições presidenciais, pois, durante a República Velha, imperava no Brasil a política dos governadores, com base na qual estes gerenciavam a escolha dos dirigentes políticos do país, nos períodos de eleição, a partir de acordos com os chefes locais, ou seja, os grandes proprietários de terra que manipulavam o voto dos camponeses conforme o interesse dos governadores estaduais. O homem do meio rural votava de acordo com a indicação do latifundiário, por medo ou, na maioria das vezes, por simplesmente acreditar que ele sabia mais, sendo, portanto, a ignorância dos camponeses uma garantia da obediência e da submissão. Para Thomas Skidmore,

os governos estaduais tinham o poder para dirigir as eleições e não hesitavam em manipular os resultados para enquadrá-los nos seus arranjos pré-eleitorais. Com o apoio dos líderes políticos de um número de Estados suficiente para assegurar a maioria eleitoral, o candidato indicado, amparado pelo regime vigente, temia muito pouco a derrota. À medida que o século vinte avançava e as cidades cresciam, a manipulação do eleitorado tornava-se mais difícil. Mas os resultados nas cidades ainda podiam ser neutralizados pelos “currais” eleitorais dos chefes do interior (conhecidos como “coronéis”), que governavam seus domínios patriarcais com mão de ferro.⁴⁰⁸

A utilização desse método de dominação de base muito antiga, que assegurava a unanimidade em eleições, dava mostras de que a política, nesse período, não levava em conta a opinião da coletividade. Por conseguinte, percebe-se que Bernardi não concordava com essa forma de coerção denominada, tradicionalmente, de “coronelismo”, vigente na República Velha, de modo que passou a utilizar a imprensa para convencer os leitores de que, diante de tal conjuntura, a revolução seria a única saída viável para o Brasil.

Nas eleições de 1º de março de 1930, segundo Mansueto, o eleitorado brasileiro fora às urnas num pleito disputadíssimo, e “os Estados que apoiavam a Aliança Liberal”, cuja chapa era encabeçada por Getúlio Vargas e João Pessoa, haviam apresentado “um número de

⁴⁰⁸ SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930 - 1964)*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p.21-22.

eleitores verdadeiramente notável e significativo”. Entretanto, mais uma vez, teriam imperado “as mesmas práticas viciosas que haviam desmoralizado as eleições no Brasil”.⁴⁰⁹

Por isso, Bernardi acusa a oposição, cujos candidatos eram Júlio Prestes e Vital Soares, de terem se articulado para que houvesse “fraude acintosa e revoltante”, ressaltando que “nos estados em que os liberais eram minoria, nenhum controle se pôde fazer da votação, de sorte que o reacionarismo teve o campo livre para multiplicar votos em benefício de seus candidatos.” Em vista disso, a situação havia logrado o triunfo, ou seja, “os boletins oficiais proclamaram a vitória da chapa de Júlio Prestes/Vital Soares”.⁴¹⁰

Acreditando que “se consumara mais uma farsa”⁴¹¹, Mansueto recusa os resultados oficiais e denuncia manobras ardilosas na contagem dos votos. Da mesma forma, reclama que a força, a ameaça e o suborno haviam sido usados à boca das urnas, argumentando que a legislação eleitoral estimulava e propiciava tais truques eleitoreiros.

Em relação à problemática discutida em 1930, deve-se notar que, já em 1926, ele defendia o voto secreto, alegando que de nada servia o alistamento verdadeiro, “se o cidadão eleitor - no atual regime de voto ‘de fato’ a descoberto, apesar da lei dizê-lo secreto – se vê, no ato de votar, assediado, fiscalizado, comprimido, constrangido moral e fisicamente”, sendo impedido de manifestar livremente o seu pensamento. Na sua opinião, eleições livres e verdadeiras só poderiam ocorrer, seguindo o exemplo dos “povos cultos”, de nível cívico muito superior ao brasileiro, com o sistema de voto secreto, o único que assegurava plenamente a independência do eleitor, visto que o preservava da influência e da coação dos poderosos.⁴¹²

⁴⁰⁹ BERNARDI, Mansueto. Preliminares da revolução de 30. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 36 (Obras Completas, v. 5). Esse texto foi publicado originalmente, em 1931, na *Revista do Globo*, de Porto Alegre, em edição especial intitulada *Revolução de outubro de 1930 – Imagens e documentos*.

⁴¹⁰ Idem.

⁴¹¹ Ibidem.

⁴¹² _____. O tormento da esperança. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 79 (Obras Completas, v. 5). Esse texto foi publicado originalmente no *Correio do Povo*, de Porto Alegre, edição de 05 de fevereiro de 1926.

Desse modo, para Bernardi, era impossível a qualquer candidato oposicionista vencer a máquina de fraudes, montada sobre o voto a descoberto, não secreto, e da falsificação pura e simples. Todavia, ele não limita seus protestos a simples palavras, mas procura convencer o povo e as lideranças políticas da época de que era preciso insurgir-se contra tal situação através de uma rebelião armada que viesse a tomar o poder. Isso pode ser visto no artigo publicado em 11 de outubro de 1930, na *Revista do Globo*: “Nenhum rio-grandense digno de tal nome, em que se resume uma fulgurante tradição de altruísmo, de bravura e de protesto contra todos os despotismos, pode ficar indiferente ao glorioso e empolgante espetáculo da insurreição nacional.”⁴¹³

Além de demonstrar seu desagrado com a forma como os governantes estavam conduzindo os rumos políticos do país, durante a República Velha, Mansueto alega que o Rio Grande do Sul estaria descontente com o abandono e o desprezo que o governo federal lhe impunha.⁴¹⁴ Isso se devia, provavelmente, ao fato de que muitos Estados da Federação, entre eles o Rio Grande do Sul, estavam insatisfeitos com a exclusão política e econômica que São Paulo e Minas Gerais lhes impunha e reivindicavam o rompimento da tradicional política do café com leite, na qual as oligarquias desses estados se revezavam no poder federal. De acordo com Lopez, a escolha de um presidente da República geralmente resultava de uma política de conchavos e compromissos entre os dois mais poderosos estados do país na época, Minas, produtor de gado leiteiro, e São Paulo, plantador de café.⁴¹⁵

Em 15 de março de 1930, foi publicado na *Revista do Globo* um manifesto em que eram expostos os motivos que estavam levando o povo gaúcho a se revoltar contra os políticos que comandavam o país naquele momento:

⁴¹³ _____. Ao Rio Grande e ao Brasil. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 27 (Obras Completas, v. 5).

⁴¹⁴ _____. Frente única. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 23 (Obras Completas, v. 5). Esse texto foi publicado originalmente na *Revista do Globo*, de Porto Alegre, v. 5, n. 29, p. 5, em 15 de março de 1930.

⁴¹⁵ LOPEZ, op. cit., p. 46.

O Rio Grande do Sul continuou a ser, ante o Brasil republicano, como já o fora nos tempos coloniais e no período imperial, o mesmo foco de energia batalhadora, a eterna reserva de heroísmo para os esbanjamentos de sangue fraterno, provocados ao preço de erros sobre erros, de crimes sobre crimes. Aqui no sul generoso, os governos do centro vinham buscar o combustível humano para os incêndios ateados pelos seus extravios, pelas violações delirantes do espírito do regime. E nós? Nós nunca lhes negamos a contribuição vermelha de sacrifício. Quando chegava, porém, a hora de nos ser dado um posto de responsabilidade nos conselhos supremos da política e da administração do país, os beneficiários maiores do nosso militante idealismo nos desconheciam o direito de acesso, trancando-nos a porta. Receavam se transmudassem as virtudes de um povo de vida regional plétórica em defeitos perturbadores da comunhão federativa, se sobre esta alcançássemos uma soma real do poder. Eis porque o Rio Grande do Sul, com um saldo de tão notáveis serviços aos anais da República, sempre encontrou surda hostilidade ao desejo legítimo de mandar um dos seus filhos ilustres para as culminâncias do governo federal.⁴¹⁶

Nesse sentido, a indicação de Júlio Prestes, um candidato paulista para a sucessão do também paulista Washington Luís, em 1929, ao invés de um mineiro, provocou o rompimento do tradicional esquema da política café com leite. Disso resultou, segundo Lopez, que o presidente de Minas, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, que esperava ser o escolhido, articulou-se com o Rio Grande do Sul e a Paraíba, formando a Aliança Liberal, uma facção dissidente das oligarquias, apresentando uma chapa oposicionista nas eleições de 1930, composta pelo gaúcho Getúlio Vargas para presidente e João Pessoa, da Paraíba, como vice. Contudo, nas eleições de março de 1930, o candidato governista, Júlio Prestes acabou vitorioso.⁴¹⁷

Apesar da derrota, para Bernardi, a Frente Única, que representava o programa da Aliança Liberal, teve o mérito de revelar as lideranças gaúchas para o resto do país, mostrando que “o semibárbaro acampamento de guerreiros de outrora” se transformara num “laboratório maravilhoso de criação espiritual, de inteligência, de idealidade”. A campanha presidencial trouxera à tona, para que o Brasil reconhecesse o seu valor, vultos rio-grandenses que se desdobravam como “flâmulas anunciadoras da superioridade mental e moral de uma raça”. Para comprovar essa asserção, o poeta apresenta, entre outros nomes, Getúlio Vargas, João Neves da Fontoura, Flores da Cunha, Oswaldo Aranha, Baptista Lusardo, Lindolfo

⁴¹⁶ BERNARDI, Mansueto. Frente única. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 23 (Obras Completas, v. 5).

⁴¹⁷ LOPEZ, op. cit., p. 60-61.

Collor, Leonardo Truda, afirmando que se tratavam dos mais vigorosos e esforçados paladinos do movimento de regeneração democrática.⁴¹⁸

Contudo, o resultado das eleições não foi aceito pelos adeptos da Aliança Liberal, sendo que estes alegavam que os gaúchos precisavam, naquele momento difícil, defender a projeção constante dessa unidade cívica sul-rio-grandense no conjunto da política nacional. E, para que ela pudesse manter-se intacta, era necessário conservar, no Rio Grande do Sul, a força íntima de coesão, para seu definitivo prestígio no restante do país, até a vitória completa da bandeira liberal.⁴¹⁹

Um fato novo atuou como elemento desencadeador da revolução: o assassinato, na Paraíba, do candidato à vice-presidência na chapa de Getúlio Vargas, João Pessoa, em 26 de julho de 1930. Conforme trabalho posteriormente publicado por Mansueto, em 1931, na edição especial da *Revista do Globo*, intitulada *Revolução de Outubro de 1930 – Imagens e documentos*, esse acontecimento provocara comoção nacional e catalisara a oposição em rebelião armada, agravando a crise:

Um dia explodiu a notícia acabrunhadora: João Pessoa havia sido assassinado a tiros num café de Recife. O assassino – João Dantas – era inimigo da vítima e tinha ligação estreita com os políticos paraibanos que apoiavam o Catete. Contra o crime bárbaro clamaram as multidões indignadas. Houve por todo o país comícios de protesto. [...] O país inteiro se cobriu de luto. A par dessa dor profunda, brotou no coração dos brasileiros um outro sentimento – o desejo de revanche. E novamente se acreditou na revolução....⁴²⁰

Com o intuito de defender a revolução como solução para o Brasil, Bernardi utiliza o assassinato de João Pessoa como mais um argumento para persuadir o leitor de que se rebelar contra o sistema político que governava o país era imprescindível. Na sua opinião, o regime já estava esgotado há muito tempo e se tornara incapaz de atender aos reclamos de democracia, participação política e justiça social que partiam das classes médias urbanas e da jovem

⁴¹⁸ BERNARDI, Mansueto. Frente única. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 24 (Obras Completas, v. 5).

⁴¹⁹ Idem.

⁴²⁰ _____. Preliminares da revolução de 30. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 36-37 (Obras Completas, v. 5). Esse texto foi publicado originalmente, em 1931, na *Revista do Globo*, de Porto Alegre, em edição especial intitulada *Revolução de outubro de 1930 – Imagens e documentos*.

oficialidade das Forças Armadas, os tenentes, que haviam protagonizado diversas revoltas militares ao longo de toda a década de 20, abafadas pelas oligarquias dominantes e pela cúpula das Forças Armadas. A situação havia se radicalizado a tal ponto que, de acordo com manifesto dos intelectuais gaúchos, redigido pelo poeta e publicado em 11 de outubro de 1930, não restava outro caminho aos chefes oligárquicos dissidentes, senão a revolução:

Que fazer num regime em que já nem do assassinato político se envergonham os poderosos, e em que o supremo responsável por tantos escândalos, depois de enxovalhar a administração com a mais infrene das politicagens, se coloca arrogantemente fora da Constituição para calcar aos pés a dignidade da Paraíba e ofender de frente a autonomia dos Estados e o regime federativo?⁴²¹

Como destaca Mansueto, a Aliança Liberal, formada para disputar as eleições, havia apoiado o movimento que conduziu Vargas ao poder e feito “por todo o país uma propaganda inteligente e intensa de seus princípios, de que seriam concretizadores Getúlio Vargas-João Pessoa, uma vez eleitos presidente e vice-presidente da República”⁴²². Apesar de sua composição heterogênea, seus partidários uniam-se em torno da necessidade de desarticular a estrutura vigente, obviamente por diferentes motivos.

Conforme já se afirmou anteriormente, Bernardi apóia os princípios defendidos pela Aliança Liberal, especialmente no que se refere aos programas antioligárquico e de moralização do processo eleitoral, e utiliza a *Revista do Globo* para persuadir a população de que era necessário “remodelar toda a estrutura política e social do Brasil”⁴²³. De acordo com ensaio posteriormente publicado por Mansueto, em 1954, no *Correio do Povo*, de Porto Alegre, divulgava-se, naquela época, que

era preciso libertar o Brasil da indigna camarilha que o conspurcava e consumia. Era preciso afirmar a soberania nacional. Era preciso criar uma nova mentalidade, favorecer o advento de um “homem novo”, estuante de espírito construtor, sem medo e sem mancha e, sobretudo, sem ligações com o passado ominoso. Quem era do passado e servira a República Velha, era “carcomido”, na famosa expressão do

⁴²¹ _____. Ao Rio Grande e ao Brasil. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 28 (Obras Completas, v. 5).

⁴²² _____. Preliminares da revolução de 30. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 33 (Obras Completas, v. 5).

⁴²³ _____. Sugestões de um ingênuo para um plano de salvação nacional. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 65 (Obras Completas, v. 5).

ministro José Américo. E todos nós vibrávamos de esperança e de orgulho, confiantes nos condutores da epopéia nacional.⁴²⁴

Como informa Lopez, a revolução foi desencadeada em 3 de outubro de 1930, em Porto Alegre, e se estendeu até 24 de outubro. No final da tarde do dia 3, depois de longo processo conspiratório, marcado por muitas hesitações e adiamentos, estourou no Rio Grande do Sul, em Minas Gerais, na Paraíba e em Pernambuco, o movimento civil e militar que passou à história com o nome de Revolução de 30.⁴²⁵

Isolado pelo crescimento da revolta, que se alastrara por todo o Nordeste, conquistara o Sul e ameaçava São Paulo e o Rio de Janeiro, o presidente Washington Luiz foi deposto pelo Exército, que, depois de alguma resistência, terminou entregando o poder a Vargas. A República Velha chegou ao fim e, em 3 de novembro, Getúlio Vargas assumiu definitivamente como o novo presidente do Brasil.⁴²⁶

No dia 4 de outubro, com a cidade de Porto Alegre já sob o controle das forças revolucionárias, Getúlio Vargas, chefe civil da sublevação, fez, de acordo com Skidmore, um discurso, no qual expôs as razões do movimento e exortou os rebeldes do Rio Grande do Sul a marcharem sobre o Rio de Janeiro: “Rio Grande, de pé, pelo Brasil! Não poderás falhar ao teu destino heróico!”. Nesse sentido, o “povo” deveria se levantar “para readquirir a liberdade, para restaurar a pureza do regime republicano, para a reconstrução nacional”.⁴²⁷

Seguindo o exemplo de Getúlio, nessa mesma data, Mansueto, que “entrou de corpo e alma nessa revolução”⁴²⁸, escreve um manifesto, publicado em 11 de outubro na *Revista do Globo* e já citado anteriormente, defendendo a revolta armada como a única forma de reverter as dificuldades pelas quais o país estava passando:

Aliando-se de corpo e alma ao protesto armado contra as práticas anti-republicanas de um dos mais corruptos e grosseiros governos da América, vai o Rio Grande do

⁴²⁴ Idem.

⁴²⁵ LOPEZ, op. cit., p. 62-63.

⁴²⁶ Idem.

⁴²⁷ SKIDMORE, op. cit., p. 23.

⁴²⁸ BERNARDI, Mansueto. Sugestões de um ingênuo para um plano de salvação nacional. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 65 (Obras Completas, v. 5).

Sul contribuir com a sua força e o seu prestígio para repor o Brasil dentro da lei, da moral política e do respeito à dignidade humana.⁴²⁹

Poucas palavras eram suficientes, de acordo com Bernardi, para expor, perante o mundo civilizado, os motivos pelos quais defendia a revolta armada. Ele argumenta que, no Brasil daquela época, a Constituição e as leis só tinham existência fictícia, ou seja, não eram cumpridas nem acatadas. Por isso, nesse mesmo manifesto de outubro de 1930, ele pede aos gaúchos:

Rio-grandenses!

Mostremos com o nosso denodo aos que tanto nos ofenderam com as suas provocações e os seus insultos, mostremos aos assassinos de João Pessoa, aos violadores da lei e aos expoliadores da Nação que o espírito da nossa raça é imortal e que a mesma capacidade de sacrifícios que fez a grandeza sem par da geração dos Farrapos é ainda a dos nossos dias, neste glorioso crepúsculo da República Brasileira!

Rio-grandenses!

Comuniquemos ao povo brasileiro a certeza de que não nos arreecemos de provações nem de sacrifícios, por amor do Brasil, pela dignificação da República e pelos direitos do cidadão!⁴³⁰

Portanto, fica claro que Bernardi usou o seu talento persuasivo para defender, na *Revista do Globo*, a Revolução de 30, argumentando que o povo estava insatisfeito com a estrutura vigente na República Velha. Nesse sentido, denunciava a adulteração de votos, fraudes na apuração e outras práticas imorais ocorridas nas eleições de 1º de março de 1930, demonstrando não aceitar a vitória de Júlio Prestes e defendendo o voto secreto. Além disso, alegava que o Rio Grande do Sul sofria discriminação no contexto político nacional, em vista de que às suas lideranças não era dada a oportunidade de assumir cargos importantes na administração do país.

⁴²⁹ _____. Ao Rio Grande e ao Brasil. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981. p. 27 (Obras Completas, v. 5).

⁴³⁰ Idem, p. 28.

3.6 O PROJETO POLÍTICO EM *TERRA CONVALESCENTE*

Alguns dos princípios defendidos por Mansueto, em seu projeto político, estão presentes nos poemas de *Terra Convalescente*, de modo que se torna importante discutir a presença de temas políticos em sua produção literária. Apesar de a intenção deste estudo não ser a de realizar crítica biográfica, os poemas podem ser lidos na perspectiva da atuação política do autor.

Como já foi mencionado, por ter se envolvido com os políticos que organizaram a insurreição de 1930 e utilizado a *Revista do Globo* para formar a opinião dos leitores, Bernardi tornou-se um dos atores desse movimento revolucionário. Verifica-se, assim, que ele reflete essa postura de defesa da Revolução de 30 no poema “Primavera Farrapa”⁴³¹, publicado originalmente como editorial da *Revista do Globo*, na edição de 30 de agosto de 1930, e que consta na obra *Terra convalescente*:

Setembro aí vem. Di-lo a roseira tenra,
que hoje amanheceu coberta de rubis.
Di-lo, de galho em galho, aos saltos e chilreios,
a passarada alígera e feliz.

.....
Setembro aí vem com os seus raios de ouro,
dissolventes do frio e da névoa hibernal.
Aí vem com a poesia toda que assinala
o despertar do mundo vegetal.

Setembro aí vem com o seu vento
cheio de pólen e de vida.
O mês farrapo aí vem com todo o seu fermento
de renascença e arremetida.

Ébrio do próprio aroma, o cabelo em desordem,
entre cores e sons de estardalhaço,
o Herói preciso aí vem no seu corcel que lembra
o clarão de um relâmpago no espaço.

.....
À tepidez do ambiente, mesmo os troncos secos
sentem desejos de reverdecer.
A luz redoira os píncaros dos montes.
Um Novo Dia vai nascer.

.....

⁴³¹ _____. Primavera Farrapa. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 16, n. 40, p. 7, 30 ago. 1930.

Setembro aí vem desordenadamente
 carregado de sonho e de porvir.
 Aí vem. E ao seu eflúvio milagroso
 as próprias sepulturas vão florir.⁴³²

Os versos transcritos apresentam algumas palavras-chave para que se possa compreender o conteúdo implícito do poema. Ao afirmar que “setembro aí vem”, o autor faz alusão ao mês em que inicia a primavera, ou seja, quando ocorre o “despertar do mundo vegetal”, depois do “frio e da névoa hibernal”, mencionando alguns sinais da natureza que denotam o aparecimento desta estação, como “a passarada alígera e feliz” e o “vento cheio de pólen e de vida”.

Todavia, utilizando-se desses dados, ele constrói uma metáfora, que mostra que o mês em que acontece o renascimento da natureza é o mesmo em que, no século anterior, havia iniciado, no Rio Grande do Sul, a Guerra dos Farrapos, um movimento que visava a reestruturação política do estado e do país. Como a expressão “setembro aí vem” aparece várias vezes no decorrer do poema, denotando a ênfase que o autor deseja dar ao fato, pode-se afirmar que ele provavelmente faz isso com o objetivo de mostrar que uma nova revolução, semelhante a que havia ocorrido em 1835, estava por acontecer.

A expressão “Um Novo Dia vai nascer”, em que as primeiras palavras aparecem escritas com iniciais maiúsculas, também indicaria a proximidade da revolução, assim como o último verso, na qual o eu-lírico afirma que “as próprias sepulturas vão florir”, simbolizaria a almejada regeneração da pátria brasileira.

Já, ao declarar que “o Herói preciso aí vem no seu corcel que lembra / o clarão de um relâmpago no espaço”, ele pode conduzir o leitor a pensar em Getúlio Vargas, o político que comandaria as forças revolucionárias no sul do Brasil durante a Revolução de 30.

Nesse sentido, segundo Itálico Marcon, o próprio Bernardi havia confidenciado ser ostensivamente revolucionária a mensagem do poema, tendo afirmado que Getúlio Vargas,

⁴³² _____. *Terra convalescente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 82-83 (Obras Completas, v. 1).

depois de tê-lo lido nas páginas da *Revista do Globo*, dissera-lhe que era para ter cuidado, pois a idéia de revolução estava muito clara.⁴³³

Verifica-se, também, que Mansueto era militante do Integralismo e foi “preso, em 1938, por ordem dos esbirros da Ditadura Estadonovista”, em virtude de “ser um dos membros da Câmara dos 40 da Ação Integralista. Isso, apesar de dirigir a Casa da Moeda do Brasil”,⁴³⁴ cargo para o qual havia sido nomeado por Getúlio Vargas em 25 de março de 1931, logo no início do governo provisório. No poema “Elegia do cárcere”⁴³⁵, escrito em 1940, há uma descrição dos sentimentos que invadiram o poeta ao ser preso. A prisão é vista pelo eu-lírico como um “episódio triste” que o “inunda de amargura”, sendo que, ao adentrar nela, declara ter sentido que “um crepúsculo fúnebre caía, / sobre o mundo exterior e sobre as almas”. Assim, para ele, o cárcere exalava sensações mortais.

Ele também aproxima a prisão da imagem do inferno, visto afirmar que “lá dentro o Príncipe era Satanás” e “tudo ali denunciava o domínio do Mal”. Também reforça isso, o fato de apontar a violência física a que eram submetidos os presos, salientando “a cuspalhada, os esbofeteamentos, / o vilipêndio da pessoa humana, / as subitâneas alucinações” e “as unhas arrancadas com tenazes”, enfim, “o sangue vivo das flagelações”. Nessa construção metafórica em que compara a prisão com o inferno, o eu-lírico chega a afirmar que se sentia o próprio Dante Alighieri: “como tu, eu também por feras fui detido, / como tu, eu também já passei pelo Inferno!”

É significativo notar, ainda, que ele igualmente utiliza a imagem de um “navio negreiro” para representar as péssimas condições do local, sendo que “mulheres e homens, velhos e crianças / promiscuamente ali se comprimiam, / cheios de angústia, respirando a custo”.

⁴³³ MARCON, Itálico. Apontamentos biográficos. In: BERNARDI, Mansueto. *Terra convalescente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 36 (Obras Completas, v. 1).

⁴³⁴ Idem, p. 39.

⁴³⁵ BERNARDI, Mansueto. *Terra convalescente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 148-150 (Obras Completas, v. 1).

Percebe-se que todo o sentimento revolucionário que o eu-lírico nutria, bem como o desejo de construir uma nova pátria, foram profundamente abalados por esse ato em que “a malícia e o arbítrio conjugados, / egoisticamente, brutalmente”, esmagaram “os germes” “de um Império”, “sob o tacão das suas botas grossas”. Para ele, “toda a pátria novel”, que em seu íntimo vivia, naquele momento, “estremecia numa indizível expressão de horror”.

Bernardi foi preso no mesmo ano em que um pequeno grupo de integralistas empreendeu um atentado contra Vargas, no Palácio Guanabara, com o objetivo de tomar o poder. A Intentona Integralista, como ficou conhecida, foi totalmente dominada por Vargas que, em seguida, desencadeou intensa campanha contra o integralismo, com prisão e exílio de seus líderes. Plínio Salgado foi encarcerado e, no ano seguinte, exilado para Portugal, regressando ao país em 1945, com o fim do Estado Novo.⁴³⁶ Os integralistas se rebelaram porque haviam apoiado fortemente a implantação do Estado autoritário e o golpe de 1937, mas estavam descontentes com Getúlio Vargas que não se mostrara nem um pouco inclinado a dividir os privilégios da decisão política ou ceder parte do poder a Plínio Salgado.⁴³⁷ Portanto, é possível deduzir que a prisão de Mansueto tenha sido consequência desses fatos.

Conforme já foi observado neste trabalho de pesquisa, Bernardi censurava Getúlio Vargas por ter aderido, na década de 40, ao socialismo. No poema “São Francisco e Maquiavel”, escrito, provavelmente, após a *Revolução de 30*⁴³⁸, ele reproduz essa atitude:

São Francisco é dos Santos o mais santo
E Maquiavel um mestre condenado.
Mas, neste mundo, quem empolga o Estado
- à semelhança de um jaguar cruel,
que, de um salto, arremete contra o aprisco –
não é o seguidor de São Francisco,
mas o discípulo de Maquiavel.⁴³⁹

⁴³⁶ CAVALARI, op. cit., p. 19-20.

⁴³⁷ LOPEZ, op. cit., p. 87.

⁴³⁸ Provavelmente o poema “São Francisco e Maquiavel” foi escrito após a *Revolução de 30*, já que ele não faz parte da primeira edição de *Terra convaléscente*, que é de 1918, nem da obra poética *Três poemas franciscanos*, que foi editada em 1928.

⁴³⁹ BERNARDI. Mansueto. *Terra convaléscente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 124 (Obras Completas, v.1).

Ao confrontar São Francisco de Assis com Maquiavel, popularmente associado à idéia da astúcia e da traição, o eu-lírico demonstra seu repúdio a este último, alegando que quem empolgava o Estado não era o “seguidor de São Francisco, / mas o discípulo de Maquiavel”. Disso conclui-se que não eram os políticos adeptos do cristianismo que detinham o poder, mas os que haviam aderido ao socialismo. Como Getúlio governava o país naquele período e, segundo Bernardi, havia se filiado à democracia socialista, pode-se deduzir que, ao mencionar o “discípulo de Maquiavel”, ele está se referindo a Vargas⁴⁴⁰. Por outro lado, reforça essa hipótese o fato de que o filósofo, historiador e político Nicolau Maquiavel (1469-1527), autor de *O príncipe*, considerado até hoje uma obra-prima sobre a arte de bem governar, propunha o uso de todos os meios para obter e manter o poder.

Outro aspecto que chama a atenção, no projeto político de Mansueto, é que ele considerava o poder de César muito precário diante do poder de Cristo e, por conseqüência, defendia a importância da influência do poder religioso sobre o poder civil. No poema “Autoridade”⁴⁴¹, ele reproduz a crença de que deveria haver o auxílio recíproco entre Igreja e Estado: “Reverencia os reis, que mandam sobre os homens, / mas não esqueças Deus, que manda sobre os reis.”

Nesse sentido, ele também almeja que o catolicismo seja difundido e posto ao alcance de toda a sociedade brasileira, argumentando que, se as crianças fossem educadas de acordo com os preceitos católicos, elas estariam preparadas para estruturar e formar suas próprias famílias e, conseqüentemente, o Brasil teria líderes políticos com ideais católicos. Em vista disso, no poema “Embaló para um infante”, o eu-lírico afirma:

Nossa Senhora dos Anjos,
que lá do céu tudo vê,
fez um berço todo verde
para embalar o bebê

Dorme agora, meu filhinho,

⁴⁴⁰ Na edição preparada por Itálico Marcon, Porto Alegre: EST-Sulina, 1980 (Obras Completas de Mansueto Bernardi), há uma nota explicativa que informa ser Maquiavel uma alusão a Getúlio Vargas.

⁴⁴¹ BERNARDI. Mansueto. *Terra convallescente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p 126 (Obras Completas, v.1).

tão inquieto e varonil,
pois mais tarde talvez tenhas
de velar pelo Brasil.

Que Deus te guarde e te faça,
entre fráguas e porfias,
um líder, um timoneiro,
um duque, como Caxias.

Um poeta, um sábio, um santo,
um chaveiro de mistérios.
Um político da estirpe
dos fundadores de impérios.

O meu sonho é que tu sejas,
sob um diadema de luz,
um Júlio César, tocado
pela graça de Jesus!⁴⁴²

Da mesma forma, como já foi visto anteriormente, Bernardi ressalta que a principal contribuição deixada pelos imigrantes italianos foi o seu acervo moral e religioso, especialmente sua sólida fé católica. Essa presença da religiosidade na vivência do colono italiano, que Mansueto se preocupa em destacar constantemente, é reproduzida no poema “A ceia do agricultor”:

Ainda inflamada pelo Sol bebido
a grandes sorvos, no esto do trabalho,
em contato saudável com a terra,
toda a família, erguida em torno da mesa,
feito o sinal-da-cruz, reza ao Senhor.

Recita a fórmula dominical,
não mecanicamente, mas com a alma
de quem adere ao sobrenatural.
Só depois desse rito se inicia
na sala colonial cheia de calma,
- que do alto da parede um Santo espia –
a cerimônia da consumação.

Avultam na toalha colorida,
entre a fruta e a verdura, o vinho e o pão,
Louça rústica, pobre. Todavia,
ao lume descendente da candeia,
tudo, na essência dessa humilde ceia,
tem um sabor sacral de comunhão.⁴⁴³

O eu-lírico representa, nesses versos, um almoço dominical numa família de colonos italianos, no qual os participantes rezam antes de se alimentar, como se fosse o rito da

⁴⁴² Idem, 160.

⁴⁴³ Ibidem, p. 162.

comunhão presidido pelo padre durante a missa católica, em que este reproduz a última ceia de Cristo, consagrando o pão e o vinho e transformando-os, simbolicamente, no corpo e no sangue de Cristo.

Como se observa, algumas características do projeto político de Mansueto Bernardi refletem-se em determinados poemas de *Terra convaléscente*, de modo que os enquadramentos internos do primeiro reaparecem simbolizados no segundo. Assim, em sua produção poética, podem ser visualizados temas como a religiosidade do colono italiano, a necessidade de o Brasil ser governado por líderes políticos católicos, a importância do auxílio recíproco entre Igreja e Estado, o repúdio ao socialismo, as consequências da adesão do autor ao integralismo e a defesa da Revolução de 30.

4 CONCLUSÃO

4.1 O ENTRECRUZAMENTO DOS PROJETOS LITERÁRIO E POLÍTICO

É visível o empenho despendido por Mansueto Bernardi no sentido da assimilação e participação nos processos históricos em curso, tratando de conteúdos temáticos de profunda significação histórica e cultural para o período. Essa postura reveste a grande maioria de seus ensaios e discursos e alguns de seus poemas de uma dupla perspectiva documental: como registro judicioso de uma época e como projetos sociais alternativos para a sua transformação. Ambas as perspectivas procuram condensar toda a substância social e cultural, captada pela experiência de vida do autor, através de sua forma particular de inserção nas mudanças que acompanharam a primeira metade do século XX.

Como já se afirmou, o artista, no ambiente social, não é visto apenas como um ser com especial habilidade para expressar-se sob forma artística, recriando a realidade, mas também como cidadão e homem público. Além de ser alguém que produz arte, ele é um indivíduo que habita um determinado espaço social e goza de direitos civis e políticos.

Conforme Antonio Candido,

o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo

profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores. A matéria e a forma da sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público.⁴⁴⁴

Verifica-se que, como cidadão, o artista distingue-se dos demais indivíduos por ter o poder do uso da palavra escrita e, muitas vezes, também da oratória. Por conseguinte, suas atitudes na sociedade são facilmente percebidas, reverenciadas ou criticadas, e questões sociais importantes procuram o seu apoio.

Defendeu-se, em vários momentos da história da literatura, a total independência da literatura em relação à política, evitando tornar o texto literário divulgador de uma postura que ou almeja mudanças sociais, ou prima pela estagnação. Entretanto, nessa conjectura, pode residir um equívoco, já que não se percebe que a literatura e a política podem coexistir, de diversas formas. Não se compreende que a produção estética pode estar atrelada a movimentos de ordem político-social. A própria história da literatura comprova isso, pois o diálogo entre literatura e política é bastante antigo. Nas palavras de Jayme Paviani,

não há poeta ou romancista que possa separar-se do imediato do dia-a-dia da realidade social, mesmo naqueles em que a arte atinge a culminância da visão romântica ou idealista. Os problemas do índio, do negro, das formas de governo, do regionalismo, por exemplo, encontram-se em toda a literatura brasileira, mesmo onde as vozes líricas parecem suplantar os temas explicitamente políticos. Quem pode afirmar que o amor, a morte, o desejo não são temas políticos?⁴⁴⁵

Todo o escritor, ao produzir o seu texto, compromete-se, de alguma forma, com a organização política, pois esta abrange toda a vida em sociedade, a interação dos indivíduos com o meio social, a organização e o funcionamento do sistema estatal e a luta pela conquista e manutenção do poder. O engajamento político da literatura pode manifestar-se quando o discurso literário vincula-se ao passado, ou quando aposta na eficácia da estrutura vigente, ou, ainda, quando participa do processo de mudança.

Independente de qual seja a atitude assumida, a literatura sempre acaba se envolvendo com o processo social, uma vez que “não há obra literária que não possua uma

⁴⁴⁴ CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000. p. 74.

⁴⁴⁵ PAVIANI, Jayme. *Estética mínima: notas sobre arte e literatura*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 132.

dimensão política”⁴⁴⁶. Seja na esfera da produção e da recepção, seja no universo do autor, as relações de poder estão presentes, pois quanto menos consciência se tem delas, tanto mais fortes elas são.

Entretanto, para isso, a literatura não pode “se reduzir a mero panfleto ideológico”, posto que “o discurso literário só pode ter uma dimensão política se for literário”⁴⁴⁷. Quando o predomínio das características estéticas cede espaço aos princípios políticos, é desfeita a convivência harmoniosa do artístico com os demais valores extra-estéticos que, quase sempre, fazem parte de qualquer produção artística.

Como a literatura é um fenômeno social e a sociedade é perpassada por uma pluralidade de poderes, a potencialidade política da produção literária independe do fato de o escritor ter alguma vinculação partidária ou de temas políticos serem abordados diretamente. A dimensão política está presente na própria configuração artística, visto que toda obra reflete maneiras diferenciadas de o homem compreender a si mesmo, aos outros e aos múltiplos fatores culturais com os quais interage.

Percebe-se, então, que as incursões de Bernardi pela história, pela literatura, pelo jornalismo e pela política sul-rio-grandenses da primeira metade do século XX influenciaram padrões de comportamento, crenças e outros valores espirituais e materiais característicos desse estado. Assim, é possível afirmar que sua atuação literária, política e cultural, especialmente na *Revista do Globo*, foi bastante regional, de modo que deixou suas marcas no cenário sócio-cultural do Rio Grande do Sul.

Considerando que ele transitou por vários locais do Estado, conviveu com a diversidade cultural, envolveu-se com periódicos significativos, com movimentos políticos importantes e com a história do Rio Grande do Sul, é possível assegurar que ele primou pela difusão da cultura regional do Estado como um todo, não representando uma única região

⁴⁴⁶ Idem. p. 141.

⁴⁴⁷ Ibidem. p. 134.

gaúcha. Como intelectual, ele tinha como meta equiparar o extremo-sul ao restante do Brasil, preocupando-se em mostrar à nação os valores do sul, em sua expressão artística e em seu papel histórico e político.

Prova disso é que Mansueto defendia, já em 1926, em conferência no Museu e Arquivo Histórico do Estado, a idéia de que o primeiro caudilho rio-grandense foi, cronologicamente, “o cacique Sepé Tiaraju, que nasceu e viveu, combateu e morreu no território dos Sete Povos das Missões, na época pré-açoriana”.⁴⁴⁸ Ele afirma, nesse sentido, que seu interesse por Sepé não era algo recente, uma vez que havia tido o primeiro contato com o índio missioneiro através de *Contos gauchescos e lendas do Sul*, de Simões Lopes Neto, de cuja obra tomara conhecimento por meio de Alcides Maya. Sua admiração pelo caudilho missioneiro aumentara com a leitura de *A história do Rio Grande do Sul*, do Pe. Carlos Teschauer.⁴⁴⁹

Segundo ele, a proposição que apresentara havia tido “uma receptividade absolutamente imprevista” e “o seu êxito continuou no decorrer dos anos seguintes”, quando o seu livro *O primeiro caudilho rio-grandense* foi divulgado na imprensa escrita. No ano de 1946, a convite de Moysés Vellinho, diretor da revista *Província de São Pedro*, reimprimiu o referido ensaio na edição número cinco.⁴⁵⁰

Todavia, Bernardi declarou ter ficado chocado ao tomar conhecimento, nove anos depois, de um parecer do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul que desautorizava o culto popular de Sepé,⁴⁵¹ envolvendo-se, por isso, no debate acerca dessa questão controversa que agitou o ambiente intelectual do Rio Grande do Sul. De acordo com Ieda Gutfreind, discutia-se

⁴⁴⁸ BERNARDI, Mansueto. O primeiro caudilho rio-grandense. In: _____. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 17 (Obras Completas, v. 3).

⁴⁴⁹ _____. Evocação de Sepé Tiaraju. In: _____. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 37-38 (Obras Completas, v. 3).

⁴⁵⁰ Idem, p. 38-39.

⁴⁵¹ Ibidem, p. 39.

a heroicidade e a brasilidade, ou não, do índio missioneiro Sepé Tiaraju. Mansueto Bernardi contrapunha-se à opinião de Vellinho, e, em torno de cada um deles, formaram-se grupos. No ambiente intelectual ocuparam posições-chave, atuando na imprensa com vigor [...]. Mansueto Bernardi e Moysés Vellinho pertenciam ao IHGRS; o primeiro ingressara em 1927, e o outro em 1949.⁴⁵²

Percebe-se, dessa forma, que havia divergência entre os membros do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul quanto à heroicidade e à brasilidade de Sepé. Toda a problemática iniciou, conforme Mansueto, em fins de 1955, quando o Major do Exército João Carlos Nobre da Veiga, com a intenção de lembrar o bicentenário da morte de Sepé Tiarajú, ocorrida no município de São Gabriel, no dia 7 de fevereiro de 1756, sugeriu ao Governador do Estado a construção de um monumento em homenagem ao chefe indígena. O governador encaminhou a solicitação para a Secretaria de Educação do Estado e esta consultou o IHGRS.⁴⁵³

De acordo com Bernardi, a Comissão de História e Geografia lançou parecer, no qual desaconselhava tal homenagem e questionava o brasileiroismo do indígena, pois, para alguns de seus membros, Sepé havia sido um índio missioneiro espanhol, e não rio-grandense, que se afirmara em luta contra os portugueses, sendo, portanto, adversário dos brasileiros.⁴⁵⁴

Levando em consideração que o indígena havia lutado e morrido em prol de uma questão que não era brasileira, mas claramente contrária à causa que teve como consequência histórica a integração do Brasil meridional em suas divisas atuais, os membros da Comissão, especialmente Vellinho, demonstraram não aceitar a brasilidade de Sepé, caracterizando-o como estrangeiro e inimigo⁴⁵⁵:

Não só é inaceitável o “brasileirismo” de Sepé, como ainda não é admissível encará-lo como uma expressão do sentimento, das tendências, dos interesses, da alma

⁴⁵² GUTFREIND, Ieda. *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992. p. 84-85.

⁴⁵³ BERNARDI, Mansueto. Um monumento a Sepé Tiaraju. In: _____. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 43 (Obras Completas, v. 3).

⁴⁵⁴ Idem, p. 43-44.

⁴⁵⁵ VELLINHO, Moysés. Defesa do parecer da Comissão de História. In: BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 144 (Obras Completas, v. 3).

coletiva, enfim, do povo gaúcho, que se estava formando ao signo da civilização portuguesa.⁴⁵⁶

Somando-se a isso, os autores do parecer, Afonso Guerreiro Lima, Othelo Rosa e Moysés Vellinho, argumentavam ter sido construída uma visão mítica, lendária, imaginária de Sepé que predominava sobre a personalidade real do índio, alterando-a e deformando-a.⁴⁵⁷ Nas palavras de Ieda Gutfreind, eles

consideravam interessante e simpática a figura do indígena, incorporada ao acervo de lendas, crenças e superstições que enriqueciam o patrimônio cultural rio-grandense, mas o rigor histórico era visto sob ótica distinta. [...] Os signatários não aceitavam Sepé como o primeiro caudilho rio-grandense e defendiam esse direito a outro personagem da história gaúcha, Rafael Pinto Bandeira.⁴⁵⁸

Mansueto, por sua vez, não concorda com a postura assumida por seus colegas do IHGRS, que alegavam ser Sepé “indigno” de “figurar nas páginas da história rio-grandense”⁴⁵⁹. O poeta assegura que o “título de primeiro monarca das coxilhas do sul” cabia, sem dúvida, ao indígena, e que ele fazia jus a um “monumento soberbo”, condizente com sua “grandeza guerreira, política, moral e social”, ressaltando a importância histórica dessa homenagem.⁴⁶⁰

Ele defende, através de artigos, a brasilidade do indígena e reafirma ser Sepé o primeiro caudilho e herói rio-grandense. Para ele, Sepé Tiaraju fora, ao mesmo tempo, uma figura mítica e histórica, e a “primeira encarnação de uma energia telúrica”, simbolizando o “espírito de sacrifício e de fidelidade patriótica”, a bravura, o heroísmo e o “apego a terra, dos primitivos donos” da província do Rio Grande.⁴⁶¹

O herói indígena constituía, na opinião de Bernardi, o “protótipo do cavaleiro cristão, galhardo, puro, interessado, sem medo e sem mancha”, que havia liderado a primeira

⁴⁵⁶ LIMA, Afonso Guerreiro; ROSA, Othelo; VELLINHO, Moysés. Parecer da Comissão de História do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul contra Sepé Tiaraju. In: BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 142 (Obras Completas, v. 3).

⁴⁵⁷ Idem, p. 140.

⁴⁵⁸ GUTFREIND, op. cit., p. 86.

⁴⁵⁹ BERNARDI, Mansueto. Evocação de Sepé Tiaraju. In: _____. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 39 (Obras Completas, v. 3).

⁴⁶⁰ Idem, p. 41.

⁴⁶¹ Ibidem, p. 40-41.

revolução deflagrada no território sul-rio-grandense e lutara, ao mesmo tempo, contra portugueses e espanhóis e também contra os próprios padres.⁴⁶² Afirma, ainda, que o indígena era muito mais gaúcho e brasileiro que os próprios membros da Comissão de História, que haviam chegado ao Rio Grande do Sul há pouco mais de duzentos anos, enquanto Sepé “provinha de uma ‘nação’ aqui radicada ‘desde o tempo do dilúvio’”.⁴⁶³

Verifica-se, analisando *O primeiro caudilho rio-grandense*, que a discussão em torno dessa questão, no final da década de 50, não havia se restringido aos membros do Instituto, mas conseguiu atingir um público bem mais amplo, por meio dos veículos de comunicação escrita. Nessa perspectiva, Ieda Gutfreind afirma que a obra apresenta uma síntese dessa longa polêmica, sendo a terceira parte uma “exaltação a Sepé”⁴⁶⁴:

Dividida em quatro partes, compunha a primeira o texto sobre Sepé propriamente dito, em resumidas vinte folhas. O restante foi resultado da discussão que se desenrolou no final de 1955, início de 1956. As outras partes da obra são textos da matriz platina, defensores das Missões e de Sepé, além de textos da matriz lusitana que negavam a Sepé e às Missões um espaço na história do Rio Grande do Sul.⁴⁶⁵

Bernardi ressalta, nessa perspectiva, que a edificação de um monumento a Sepé tinha como finalidade exacerbar e proclamar o “valor pessoal do brasileiro”, a trajetória histórica de “lutas, de glórias e de sacrifícios do povo gaúcho”, bem como o “valor e o apego à terra do próprio Sepé”, que morreu em prol de sua proteção⁴⁶⁶.

Constata-se, assim, que Mansueto, envolvido nesse significativo debate, valorizava a história regional e buscava divulgar a história e a cultura do Rio Grande do Sul, mostrando a importância de Sepé Tiaraju nesse contexto. Essa postura baseava-se na idéia de que o herói missionário sulino era o modelo do gaúcho, uma vez que lutou pela defesa da terra rio-grandense, constituindo a primeira manifestação do sentimento telúrico de pátria.

⁴⁶² Ibidem, p. 40-41.

⁴⁶³ Ibidem, p. 41.

⁴⁶⁴ GUTFREIND, op. cit., p. 88.

⁴⁶⁵ Idem, p. 85.

⁴⁶⁶ BERNARDI, Mansueto. Um monumento a Sepé Tiaraju. In: _____. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. p. 44 (Obras Completas, v. 3).

Bernardi também demonstra seu interesse em difundir a cultura regional ao ressaltar a contribuição dos imigrantes italianos do sul do Brasil para o progresso do Estado e do país. Na sua opinião, “de todas as empresas levadas a efeito, das primitivas eras até hoje, as de maior importância têm sido sempre as colônias ou plantações de homens’, tal a influência que podem exercer nos destinos de uma nação”⁴⁶⁷.

O poeta alega, em discurso proferido na Vila do Lajeado, município de Veranópolis, no dia 6 de janeiro de 1960, por ocasião da inauguração do Monumento aos Colonizadores daquela região⁴⁶⁸, que todo o desenvolvimento econômico-social que, naquela época, se percebia - como as estradas gerais e vicinais, as igrejas, as escolas, a organização das propriedades rurais com suas residências, pomares, vinhedos, pastagens, plantações, estábulos, celeiros, fontes, animais domésticos e utensílios agrários - decorria das ações inovadoras empreendidas pelos antepassados italianos.⁴⁶⁹

Além disso, Mansueto salienta que os descendentes desses pioneiros também deram seu tributo para a melhoria das condições de vida a nível estadual e nacional. Eles se destacaram socialmente, “exercendo postos de direção, orientação e comando”, e alguns “tiveram a fortuna e o mérito de ascender os mais altos postos da administração, no município, no Estado e na União”. Outros foram prósperos comerciantes, industriários, funcionários públicos e professores.⁴⁷⁰ Nesse sentido, ressalta, ainda, que

um filho de imigrantes já foi governador do Estado e outro foi o seu sucessor. Dezenas de descendentes de colonos foram e são secretários de Estado, deputados, senadores, professores universitários, juízes, médicos, advogados, engenheiros, escritores e artistas.

Todo o Episcopado Rio-grandense e quase todo o nosso clero secular e regular, é de origem alienígena. Ao estalar a Revolução de 30, todos os jornais e revistas de Porto

⁴⁶⁷ _____. Aos promotores do monumento ao imigrante. In: _____. *Colônias e Colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 44 (Obras Completas, v. 9). Nesse trecho, Mansueto vale-se de uma citação de Francisco Bacon.

⁴⁶⁸ O *Discurso aos pioneiros* foi publicado originalmente no *Correio do Povo*, de Porto Alegre, em 25/07/1961, e como *Proêmio* do livro *Semblantes de Pioneiros*, de Fidélis Dalcin Barbosa, editado pela Livraria Sulina, de Porto Alegre, em 1961 (páginas 7-12).

⁴⁶⁹ BERNARDI, Mansueto. Discurso aos pioneiros. In: _____. *Colônias e Colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 13 (Obras Completas, v. 9).

⁴⁷⁰ Idem, p. 15-16.

Alegre eram dirigidos por filhos ou netos de imigrantes: Truda, Pilla, Carrazzoni, Metzler, Bernardi.⁴⁷¹

Ainda em 1960, Mansueto chega a fazer uma previsão acerca do papel social que os descendentes de imigrantes italianos exerceriam nos próximos cem ou duzentos anos. Ele acreditava que, no futuro, existiriam milhares deles espalhados por todo o país, destacando-se em diversos setores da sociedade, como no comércio, na indústria, nas ciências, nas letras, nas artes, no magistério, na magistratura, na medicina, na advocacia, na engenharia, nas forças armadas, na câmara dos deputados, no senado e nos governos estadual e federal.⁴⁷²

Bernardi igualmente dá mostras de sua intenção de propagar os valores regionais do estado ao sugerir, em 1929, que o Campo da Redenção, em Porto Alegre, fosse consagrado ao culto das tradições. Por acreditar que a história de um povo se resumia na vida de seus homens representativos, ou seja, na trajetória “de seus escritores, de seus artistas, de seus guerreiros, de seus estadistas, de seus sábios e de seus santos”, ele recomenda que o referido local seja transformado “num Parque de Rememorações, numa galeria de vultos notáveis do estado, numa espécie de Panteão ao ar livre”, onde a história inteira do Rio Grande do Sul pudesse ser escrita, sinteticamente, em mármore e bronze.⁴⁷³

Considerando que, como já foi visto, uma determinada região se estrutura a partir de uma rede de relações humanas estabelecidas que apontem para esse significado, pode-se concluir que Mansueto também tinha, entre seus objetivos, divulgar a cultura regional. Por isso, aconselhava não só que o Campo da Redenção fosse dedicado ao cultivo da memória histórica do Estado e que o primeiro caudilho rio-grandense fora Sepé Tiaraju, como também tentava mostrar que a vinda dos imigrantes italianos para o Rio Grande do Sul contribuiria para o desenvolvimento econômico e social do país.

⁴⁷¹ Ibidem, p. 16.

⁴⁷² Ibidem, p. 16.

⁴⁷³ _____. Parque de Rememorações. In: _____. *Missões, índios e jesuítas*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982. p. 147 (Obras Completas, v. 7). Esse ensaio foi publicado originalmente na *Revista do Globo*, de Porto Alegre, edição de 19 de janeiro de 1929, v. 2, n. 2, p. 09.

4.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta que Bernardi preocupou-se com a difusão da cultura do Rio Grande do Sul, discutiu-se, nesta Dissertação, o projeto literário e político do autor a partir da análise de sua produção escrita literária e não-literária, com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento dos estudos literários brasileiros em sua relação com as culturas regionais.

Nessa perspectiva, verificou-se, no projeto literário do poeta, que sua atuação jornalístico-literária, na *Revista do Globo*, também foi voltada para o regional. Ele utilizou esse veículo de comunicação como instrumento para divulgar, ao resto do país, as idéias e realizações do povo gaúcho, primando pela publicação da produção intelectual sul-riograndense e, conseqüentemente, pela incorporação do Estado ao circuito da cultura brasileira. Além disso, ao recomendar obras e escritores, nesse órgão de imprensa, ele também teve significativa participação no desenvolvimento dos gostos de leitura, determinando a veiculação e a avaliação da literatura da época.

Foi possível perceber, ainda, que, apesar de ter protagonizado uma crítica literária impressionista e biográfica, marcada pela parcialidade, pela subjetividade e pela subordinação aos preceitos do catolicismo, Mansueto foi responsável por uma nova análise do simbolismo gaúcho, ao reavaliar as obras poéticas de Alceu Wamosy e Eduardo Guimaraens, contribuindo com sua produção ensaística para o desenvolvimento da crítica literária sul-riograndense. Por acreditar que o influxo da cultura européia sobre a literatura brasileira contribuiria para a qualificação intelectual do Estado, ele incentivava a imitação dos padrões estrangeiros, utilizando os textos de autores já consagrados como parâmetro para avaliar a produção poética analisada, sugerindo, inclusive, a edificação de um parque em homenagem a Dante Alighieri, em Caxias do Sul.

Bernardi também tentou mostrar, utilizando a *Revista do Globo*, que o Rio Grande do Sul tinha líderes competentes que poderiam dirigir a nação. Ele defendia, do mesmo modo, que o Estado nunca havia tido uma atitude separatista, nem mesmo durante a Revolução Farroupilha, demonstrando, assim, ser partidário da unidade nacional. Na sua opinião, o verdadeiro intento dos farrapos era estabelecer a república federativa, acabando com o centralismo reinante e garantindo a autonomia da organização interna do Estado.

Como a trajetória de Mansueto foi marcada pela fundação do *Almanaque* e da *Revista do Globo*, e sua atuação em periódicos ocorreu numa época em que não havia faculdades de jornalismo ou de comunicação e era comum o trânsito de escritores entre a literatura, o jornalismo e a política, verificou-se que ele utilizou a imprensa para fins político-partidários. Através da *Revista do Globo*, não só difundiu os ideais de Vargas, ajudando a conduzi-lo à Presidência da República, como também defendeu a idéia de que a Revolução de 30 era a solução para os problemas socioeconômicos que afligiam o Brasil, no início do século XX. Observou-se, em decorrência disso, a incidência de temas políticos em alguns poemas da obra *Terra convalescente*, como em “Primavera Farrapa”, no qual ele reproduziu essa atitude.

No que se refere, ainda, à produção poética de Bernardi, percebeu-se que a religiosidade foi o seu diferencial, apresentando, em seus poemas, a idéia da morte temporária, acompanhada pela ressurreição. Além disso, como poeta, ele revelou estar comprometido com as formas parnasiana e simbolista, não se vinculando ao movimento modernista.

Verificou-se, igualmente, que Mansueto concebia os livros segundo uma perspectiva eminentemente utilitária, e a literatura como missão, ou seja, como uma atividade que deveria ter base instrutiva, moral e religiosa. Para ele, os livros tinham o poder de divulgar idéias, doutrinar e agir sobre o leitor. Portanto, pode-se aplicar aos textos de Bernardi uma concepção

de literatura e da atividade intelectual em que se apagam as fronteiras tradicionais entre o homem de letras e o homem de ação, entre o escritor profissional e o homem público e entre o artista e a sua comunidade.

Por acreditar que os livros serviam como instrumentos de intervenção social, Mansueto dispôs-se a colaborar para o fortalecimento da influência do catolicismo na cultura brasileira, propondo-se a publicar obras comprometidas com os dogmas da Igreja e classificando como bons livros os que vinculavam o salutar ensinamento religioso.

Nota-se que seu projeto político também se distingue pelo empenho no sentido de expandir o catolicismo na sociedade brasileira. Em vista disso, ele defendia a penetração dos princípios católicos na família e na escola, através de uma educação formadora de autênticos valores morais e religiosos. Além disso, preocupava-se em destacar a contribuição moral e religiosa dos imigrantes italianos, convocando seus descendentes para colaborarem no projeto de fortalecimento do catolicismo no Brasil.

Pode-se afirmar, desse modo, que Bernardi aderiu ao integralismo por crer que se tratava de um movimento de bases cristãs que poderia auxiliá-lo a divulgar de maneira mais eficaz os princípios católicos. Por conseguinte, seguindo uma tendência dentro da Igreja e refletindo em seu posicionamento os dogmas integralistas, censurava o socialismo e o comunismo, alegando que eles concebiam a sociedade de forma completamente oposta à verdade cristã e, por isso, deveriam ser combatidos pelos católicos. Por isso, defendia a ajuda mútua entre Igreja e estado, e recomendava que o poder religioso deveria orientar o poder civil, apontando como principal causa da crise mundial que assolava a sociedade daquela época o não reconhecimento da autoridade do poder religioso.

Como se vê, analisando alguns temas abordados por Mansueto Bernardi nos ensaios, discursos e poemas, e estudando as formas de inserção social do autor, é possível dizer que as hipóteses de trabalho do presente estudo confirmaram-se: o autor estruturou seu projeto

literário e político a partir da religião em íntima conexão com a defesa e divulgação da cultura sul-rio-grandense. Do mesmo modo, ele atribuiu à literatura uma função diferenciada, encarando-a segundo um viés utilitário. Como escritor-cidadão que atuou em periódicos significativos para a difusão de idéias, Bernardi empenhou-se para intervir socialmente e envolveu-se na discussão de temas importantes para a época, esforçando-se, sobretudo, para dar continuidade à propagação dos ideais católicos na sociedade brasileira. Portanto, como poeta e intelectual, Mansueto Bernardi não se manteve neutro, mas tomou partido, optando pela defesa da Revolução de 30, apoiando o ideais de Getúlio Vargas, aderindo ao integralismo, censurando o comunismo e o socialismo e, acima de tudo, primando pela difusão do catolicismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA DE MANSUETO BERNARDI

BERNARDI, Mansueto. *Terra convalescente*. Porto Alegre: Globo, 1918.

_____. Preâmbulo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 9, 05 jan. 1929.

_____. Guimaraens. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v.1, n. 1, p. 17, 05 jan. 1929.

_____. Parque de Rememranças. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 09, 19 jan. 1929.

_____. Creio no Rio Grande. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 10, n. 10, p. 3, 25 mai. 1929.

_____. O tesouro da tradição farroupilha. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 13, n. 13, p. 03, 13 jul. 1929.

_____. Ao Rio Grande unido. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 17, n. 17, p. 1, 14 set. 1929.

_____. Ao Rio Grande do Sul. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 4, n. 28, p. 17, 22 fev. 1930.

_____. Frente única. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 5, n. 29, p. 5, 15 de mar. 1930.

_____. Primavera Farrapa. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 16, n. 40, p. 7, 30 ago. 1930.

_____. Ao Rio Grande e ao Brasil. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 19, n. 43, p. 7, 11 out. 1930.

_____. Teoria das prefeituras. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 23, n. 47, p. 9, 13 dez. 1930.

_____. Livros novos, cuja leitura a *Revista do Globo* recomenda. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 3, n. 51, p. 6, 24 jan. 1931.

_____. Prefácio. In: GUIMARÃES, Eduardo. *A divina quimera*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944.

_____.; MARTINS, Justino; VERÍSSIMO, Érico. Um pouco da história da Revista do Globo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 813, p. 40-42, 03 jan. 1962.

_____. *Terra convalescente*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1965

_____. *Terra Convalescente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980 (Obras Completas, v. 1).

_____. A vida e os versos de Alceu Wamosy. In: _____. *Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980 (Obras Completas, v. 2).

_____. Vida e poesia de Eduardo Guimaraens. In: _____. *Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980 (Obras Completas, v. 2).

_____. O primeiro caudilho rio-grandense. In: _____. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980 (Obras Completas, v. 3).

_____. Evocação de Sepé Tiaraju. In: _____. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980 (Obras Completas, v. 3).

_____. Um monumento a Sepé Tiaraju. In: _____. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980 (Obras Completas, v. 3).

_____. Uma representação, um parecer e uma proposta - 1932. In: _____. *Estudos monetários*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980 (Obras Completas, v. 4).

_____. Primeiro projeto de lei referente à criação do cruzeiro – 1933. In: _____. *Estudos monetários*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980 (Obras Completas, v. 4).

_____. O sigma e as moedas de 1935. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981 (Obras Completas, v. 5).

_____. Discurso político. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981 (Obras Completas, v. 5).

_____. Socialismo e trabalhismo. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981 (Obras Completas, v. 5).

_____. Discurso político, na posse em São Leopoldo. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981 (Obras Completas, v. 5).

_____. Ao eleitorado montanhês. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981 (Obras Completas, v. 5).

_____. Ao Rio Grande e ao Brasil. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981 (Obras Completas, v. 5).

_____. Discurso a Plínio Salgado. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981 (Obras Completas, v. 5).

_____. Sugestões de um ingênuo para um plano de salvação nacional. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981 (Obras Completas, v. 5).

_____. Desliga-se do PRP o sr. Mansueto Bernardi. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981 (Obras Completas, v. 5).

_____. Preliminares da revolução de 30. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981 (Obras Completas, v. 5).

_____. Frente única. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981 (Obras Completas, v. 5).

_____. O tormento da esperança. In: _____. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981 (Obras Completas, v. 5).

_____. Soberania e autonomia. In: _____. *A Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981 (Obras Completas, v. 6).

_____. O ideal federalista dos farrapos. In: _____. *A Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981 (Obras Completas, v. 6).

_____. Bandeiras estaduais. In: _____. *A Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981 (Obras Completas, v. 6).

_____. A lei da constância vital. In: _____. *A Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981 (Obras Completas, v. 6).

_____. As bandeiras estaduais e o regime federativo. In: _____. *A Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981 (Obras Completas, v. 6).

_____. O tesouro da tradição farroupilha. In: _____. *A Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981 (Obras Completas, v. 6).

_____. A federação brasileira. In: _____. *A Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1981 (Obras Completas, v. 6).

_____. Parque de Rememorações. In: _____. *Missões, índios e jesuítas*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982 (Obras Completas, v. 7).

_____. Teschauer, Simões e as Missões. In: _____. *Missões, índios e jesuítas*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982 (Obras Completas, v. 7).

_____. Esplêndida realidade. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982 (Obras Completas, v. 8).

_____. Cultura católica e vida política. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982 (Obras Completas, v. 8).

_____. Servir a Deus e ao Brasil. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982 (Obras Completas, v. 8).

_____. O arauto do grande rei. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982 (Obras Completas, v. 8).

_____. Franciscanismo e comunismo. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982 (Obras Completas, v. 8).

_____. O ensino de César e o ensino de Cristo. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982 (Obras Completas, v. 8).

_____. A volta do filho pródigo. In: _____. *São Francisco de Assis e a natureza*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982 (Obras Completas, v. 8).

_____. Três julgamentos e uma profecia. In: _____. *Colônias e colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982 (Obras Completas, v. 9).

_____. Namorando as colônias. In: _____. *Colônias e colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982 (Obras Completas, v. 9).

_____. 25 de julho de 1824. In: _____. *Colônias e colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982 (Obras Completas, v. 9).

_____. Praça Dante Alighieri de Caxias do Sul. In: _____. *Colônias e colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982 (Obras Completas, v. 9).

_____. Aos promotores do monumento ao imigrante. In: _____. *Colônias e Colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982 (Obras Completas, v. 9).

_____. Projeto de organização do Centro da Boa Imprensa, S.A. In: _____. *Colônias e colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982 (Obras Completas, v. 9).

_____. Creio no Rio Grande. In: _____. *Colônias e colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982 (Obras Completas, v. 9).

_____. Um semeador de livros. In: _____. *Colônias e Colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982 (Obras Completas, v. 9).

_____. Discurso aos pioneiros. In: _____. *Colônias e Colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982 (Obras Completas, v. 9).

_____. Publicações comemorativas. In: _____. *Colônias e Colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982 (Obras Completas, v. 9).

_____. Viajantes italianos contemporâneos. In: _____. *Colônias e Colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982 (Obras Completas, v. 9).

_____. Harmonia das esferas. In: _____. *Colônias e Colonizadores*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1982 (Obras Completas, v. 9).

BIBLIOGRAFIA SOBRE MANSUETO BERNARDI

ANDRADE, Mário de. Cartas e dedicatórias de Mário de Andrade - a Mansueto Bernardi. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, n. 4, p. 101, mar. 1946.

_____. Mansueto Bernardi: pulvis, umbra et lux. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA LITERATURA, 5., 2004, Porto Alegre. *Anais*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BALDISSERA, José Alberto. *Mansueto Bernardi, o poeta*. São Leopoldo, 1968. 80f. Monografia (Graduação em Letras) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo.

CESAR, Guilhermino. *Notícia do Rio Grande: literatura*. Porto Alegre: IEL: Ed. Universidade/UFRGS, 1994.

CHAVES, Flávio Loureiro. *O ensaio literário no Rio Grande do Sul (1868-1960)*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

FARINA, Sérgio. *Mansueto Bernardi: poeta da própria poesia*. Porto Alegre, 1977. 151f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

GOUVÊA, Paulo. Cem anos da Globo. *Correio do povo*, Porto Alegre, 28 mai. 1983. Letras-Livros, p. 4.

MARCON, Itálico. *O universo poético de Mansueto Bernardi*. Porto Alegre: PUCRS, 1965.

_____. Carta para Mansueto Bernardi no Céu. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 09 out. 1966. Página Literária.

_____. Mansueto Bernardi e a Revolução de 1930. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30 mar. 1968. Caderno de Sábado.

_____. Presença e Valia de Mansueto Bernardi. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 06 jul. 1975. Caderno DN Cultura.

_____. Apontamentos biográficos. In: BERNARDI, Mansueto. *Terra convalescente*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980 (Obras Completas, v. 1).

_____. Mansueto Bernardi e a Revolução de 30. In: BERNARDI, Mansueto. *A revolução de 30*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980 (Obras Completas, v. 5).

MEYER apud TILL, E. Rodrigues. Mansueto e Wamosy. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 06 out. 1966.

REVERBEL, Carlos. De saudosa memória. *Zero Hora*, Porto Alegre, 25 abr. 1991.

_____. Uma carta de Getúlio Vargas. *Zero Hora*, Porto Alegre, 06 jun. 1991.

SCHÜLER, Donaldo. *A poesia no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

SILVA, João Pinto da. Terra convalescente: poesias de Mansueto Bernardi. *Almanaque do Globo*, Porto Alegre, v. 4, p. 319, 1920.

SPALDING, Walter. Porto Alegre: quando nasceu a Revista do Globo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 863, p. 10-17, 04 jan. 1964.

VERGARA, Pedro. *Mansueto Bernardi: esboço de uma grande vida*. Rio de Janeiro: IBGE, 1960.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Jorge Amado: política e literatura*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

ARENDDT, João Claudio. Eduardo Guimaraens: um poeta gaúcho na trindade simbolista. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 28, n. 44, p. 85-93, jan./jun. 2003.

A REVISTA do Globo e o presidente Getúlio Vargas. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 24, n. 151, p.37, 22 dez. 1934.

AZEVEDO, Thales. *Italianos e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: A Nação: IEL, 1975.

BARBOSA, Frei Fidélis Dalcin. *Semblantes de pioneiros*. Porto Alegre: Sulina, 1961.

BARTOLOTTI, Domenico. *Il Brasile meridionale*. Roma: Casa Editrice Alberto Stock, 1930.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande do Sul: do Romantismo ao Modernismo*. Porto Alegre: IEL: EDIPUCRS, 1997.

BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a revolução de 30, o Estado Novo e a redemocratização. In: FAUSTO, Boris (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: DIFEL. 1984. t.3 v.11.

_____. O clero italiano no Brasil. In: DE BONI, Luis A. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1987.

BERNARDI, Aquiles. *Vita e storia de Nanetto Pipetta nassuo in Itália e vegnudo in Mérica par catare la cuccagna*. Garibaldi: Tipografia Staffetta Riograndense, 1937.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 40. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In: _____. *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

_____. A identidade e a representação. In: _____. *O poder simbólico*. São Paulo: Difel, 1989.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

_____. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

_____. A literatura e a formação do homem. In: _____. *Textos de intervenção* (Vinicius Dantas org.). São Paulo: Editora 34, 2002.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. São Paulo: EDUSC, 1999.

CORSETTI, Berenice. O crime de ser italiano: a perseguição do Estado Novo. In: DE BONI, Luis A. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1987.

COSTA, Rovilio. Culto a Maria entre os descendentes italianos do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis A. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. v. 2.

COUTINHO, Afrânio. *Da crítica e da nova crítica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

_____. *Introdução à literatura no Brasil*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1978.

_____. *Notas de Teoria Literária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. *A literatura no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Global, 1997. v. 4.

CUSANO, Alfredo. *Il paese dell'avenire – Rio Grande del Sud*. Roma: Editrice L'Italo-Sudamericana, 1920.

DE BONI, Luis A.; COSTA, Rovilio. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Vozes, 1982.

FREITAS, Décio. Os fanáticos do cosmopolitismo. In: DE BONI, Luis A. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1987.

_____. A abominável invenção do patriarca. *Zero Hora*, Porto Alegre, 25 abr. 1991. Segundo Caderno Cultura, p. 5.

GUIMARAENS, Eduardo. *A divina quimera* (Mansueto Bernardi org.). Porto Alegre: Globo, 1944.

GUTFREIND, Ieda. *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992.

_____. *A historiografia rio-grandense*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

LAFETÁ, João Luiz Machado. *1930: a crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LIMA, Afonso Guerreiro; ROSA, Othelo; VELLINHO, Moysés. Parecer da Comissão de História do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul contra Sepé Tiaraju. In: BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980. (Obras Completas, v. 3).

LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Brasil contemporâneo*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

LORENZONI, Júlio. *Memórias de um imigrante*. Porto Alegre: Sulina, 1975.

MAESTRI, Mário. Separatismo: um fantasma contemporâneo. *Teoria e debate*, Porto Alegre, n. 22, 3º trim. 1993. Disponível em: <http://www.fpa.org.br/td/td22/td22_nacional03.htm/>. Acesso em: 28 de jan. 2005.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MANOEL, Ivan Aparecido. *Igreja e educação feminina (1859-1919)*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1996.

MASINA, Léa. *Alcides Maya: um sátiro na terra do Currupira*. Porto Alegre: IEL; São Leopoldo: UNISINOS, 1998.

MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira: o Simbolismo*. 4. ed. São Paulo: Cultrix Ltda., 1973. v. 4.

_____. *A criação literária: prosa*. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

_____. *Dicionário de termos literários*. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PACHECO, João. *A literatura brasileira: o Realismo*. 3. ed. São Paulo: Cultrix Ltda., 1968. v. 3.

PAVIANI, Jayme. *Estética mínima: notas sobre arte e literatura*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

POZENATO, José Clemente (Org.). *Processos culturais na região de colonização italiana*. Caxias do Sul: Educs, 1990.

_____. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: FELTES, H.P. de M.; ZILLES, U.(Orgs.). *Filosofia: diálogo de horizontes*. Porto Alegre: EDIPUCRS; Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

_____. Prefácio. In: NETO, J. Simões Lopes. *Contos gauchescos*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.

RIBEIRO, Liane Beatriz Moretto. Escolas italianas em zona rural do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis A. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. v. 2.

RODRIGUES, Anna Maria Moog. Introdução. In: _____. *A Igreja na República*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981 (Coleção do Pensamento Político Republicano, v. 4).

SANTOS, Mário Ferreira dos. *Dicionário de Filosofia e ciências culturais*. São Paulo: Matese, 1964. v. 3.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense S. A., 1983.

S. EXCIA. o Presidente e a Revista do Globo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 23, n. 150, p. 5, 1 dez. 1934.

SILVA, Maria Luiza Berwanger da. *Paisagens reinventadas: traços franceses no Simbolismo sul-rio-grandense*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. 3. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930 - 1964)*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SOARES, Angélica Maria Santos. A crítica. In: SAMUEL, Rogel. (Org.). *Manual de teoria literária*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

TELES, Gilberto Mendonça. Literatura e religião. *Revista Letras de Hoje*, Porto Alegre, n. 108, p.39-56, jun. 1997.

TORRES, Alberto. *O problema nacional brasileiro: introdução a um programa de organização social*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1933.

VELLINHO, Moysés. Defesa do parecer da Comissão de História. In: BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: EST-Sulina, 1980 (Obras Completas, v. 3).

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura no Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.